

NOVAS COISAS DA CHINA

«MUDO, LOGO EXISTO»

· ANTÓNIO CAEIRO ·

巨变



Um retrato das enormes mudanças
em curso na sociedade chinesa,
pelo correspondente da Lusa em Pequim

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Título: Novas Coisas da China – «Mudo, logo existo»

Autor: António Caeiro

Capa: Joana Tordo

Os dois caracteres chineses da capa – Ju e Bian – significam «mudanças enormes»

Revisão: Rita Bento

ISBN: 9789722052320

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2013, António Caeiro e Publicações Dom Quixote

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt



Sumário

«Só na China!»

Um condomínio em Pequim

O «espaço mais livre da China»

A emergência da classe média

O Ano do Dragão

Ren tai duo!

O «Partido Imperador»

O XVIII Congresso

A mudança

«Um casal, um filho» e muitos problemas

A difícil «harmonia étnica»

A «Revolução sexual» e a «Deusa da Virgindade»

O «belo país»

O «Reino das Bicicletas» começou a acelerar

O império da poupança

A «Utopia»

Pequim, Nova Iorque

As novas aventuras de Confúcio

O novo «number one»

Xangai, Wall Street

Arranha-céus e jardins

A «bofetada» do Comité Nobel norueguês

Dominar o mundo?!

O poeta milionário

A tradição acabou mesmo?

Obrigado, Bob Dylan

Um casal, um cão

«Pei Suo A»

A hora do português

Macau – «um país, dois sistemas»

Os novos-ricos da Ásia

África, a nova fronteira

Os protestos populares

Um egoísmo novo e traumas antigos

O «Príncipe Vermelho» e a «Jackie Kennedy da China»
Um «doente» chamado futebol
Alta velocidade, grande corrupção
«Camponeses Da Vinci» e urbanização a todo o vapor
35 de maio de 1989
«Reeducação através do trabalho» nunca mais!
O enigma chinês
O Estádio dos Trabalhadores
Poluição e democracia
«Honrar a frugalidade, repudiar a extravagância»
Eleições no Grande Palácio do Povo

No dia 16 de junho de 2012 – o ano em que o Partido Comunista Chinês escolheu a liderança do país até 2022 – a China enviou para o espaço a sua primeira astronauta. Antiga piloto da Força Aérea, a major Liu Yang integrou a tripulação da primeira nave chinesa a acoplar com o protótipo de uma estação espacial, demonstrando o domínio de uma tecnologia que só os Estados Unidos e a Rússia possuíam. A proeza foi transmitida em direto pela televisão, com um fervor patriótico que fez lembrar a cobertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. «Um dia de glória», proclamou um jornal. «Quando nos dedicamos a uma coisa e trabalhamos arduamente, podemos resolver os problemas mais complexos», escreveu o diretor do diário nacionalista *Global Times*. Liu Yang e os outros dois protagonistas da missão, Jing Haipeng e Liu Wang, são membros do Partido Comunista, assinalou a agência noticiosa oficial.

Duas semanas antes, numa vila da província de Shaanxi, uma mulher grávida de sete meses, Feng Jianmei, foi conduzida à força a um hospital onde lhe deram uma injeção letal. Feng Jianmei já tinha um filho, uma rapariga de cinco anos, e pela política de controlo da natalidade em vigor não poderia ter mais nenhum. Ou melhor: podia, se pagasse uma multa de 40 000 yuans (cerca de 5000 euros). Imagens de Feng Jianmei deitada com o bebé morto ao lado, captadas pelo telemóvel de um familiar, incendiaram a internet. «Isto é o que eles dizem que os demónios japoneses e os nazis fizeram, mas isto está acontecer e não é, de modo nenhum, caso único», escreveu um blogger. A Comissão Provincial de Planeamento Familiar acabou por ordenar um inquérito e, num gesto ainda mais raro, no dia 14 de junho – dois dias antes de Liu Yang se estrear no espaço – o governo local pediu desculpa a Feng Jianmei e ao marido. Três funcionários envolvidos no caso foram suspensos. O que eles fizeram «violou seriamente as regras nacionais e provinciais e manchou a imagem do Planeamento Familiar», disse a comissão.

*

Nas últimas três décadas, a economia chinesa cresceu em média 10% ao ano. Cerca de 500 milhões de pessoas saíram da pobreza. A maioria da população já vive nas cidades. Milhões de famílias estão a comprar a primeira casa e o primeiro automóvel.

Atraídas pelo preço e abundância da mão-de-obra, milhares de empresas europeias e americanas transferiram a produção para a China, fazendo do país «a fábrica do mundo». Dos *smartphones* à simples chave de parafusos, grande parte dos produtos que utilizamos diariamente – os originais, as cópias e as imitações – são «made in China». (No verão de 2012, o uniforme dos atletas norte-americanos que competiram nos Jogos Olímpicos de Londres, desenhado por Ralph Lauren, também foi confeccionado na China). «Se a versão mais barata do

iPhone 5 fosse feita nos Estados Unidos, em vez de 199 dólares, custaria 499», argumentam os adeptos da globalização.¹ Os operários chineses já ganham muito mais do que os vietnamitas ou os indonésios, mas para muitas multinacionais a qualidade das indústrias e das infraestruturas da China mantém o país «competitivo».

Apesar da crise na Europa e nos Estados Unidos – os dois maiores mercados da China e a sua principal fonte de importação tecnológica – a economia chinesa continuou a crescer acima dos 7,5% ao ano. Mais cedo do que se esperava, a China tornou-se a segunda economia mundial, ultrapassando a Alemanha e o Japão, e já é a primeira quanto ao consumo de energia.

Em 2012, as suas reservas cambiais aumentaram em média 360 milhões de dólares por dia. No fim do ano somavam 3,31 biliões de dólares. Outrora pobre e isolada, a China é hoje o primeiro parceiro comercial de países geograficamente tão distantes como o Brasil, a África do Sul e a Austrália. Cerca de 260 000 chineses trabalhavam em Angola: eram a maior comunidade estrangeira do país.

A China está cada vez mais integrada na economia global, mas, em muitos aspetos, o país ainda parece um mundo à parte, evoluindo a um ritmo diferente dos outros. Os contrastes são enormes, as contradições parecem impossíveis de harmonizar.

«Só na China!»

Da janela do meu quarto, na zona oriental de Pequim, vê-se o Estádio dos Trabalhadores, construído na década de 1950, e um degradado quarteirão de casas de tijolo cinzento. Restos de plástico e de cartão reforçam os telhados, dezenas de famílias usam a mesma casa de banho. Vê-se parte do passado proletário de Pequim e, ao fundo, uma torre de 74 andares, inaugurada no verão de 2010. Via-se também a nova sede da Televisão Central da China, desenhada pelo arquiteto holandês Rem Koolhaas, mas um alto bloco de apartamentos tapou essa vista.

Dia e noite, domingos e feriados, incluindo o 1.º de Maio, a construção não para. A construção e as demolições. «Às vezes nem se percebe se estão a construir ou a destruir», diz uma residente europeia. Por toda a parte, há uma obra em construção ou em reconstrução. Ou as duas coisas ao mesmo tempo.

O antigo e o novo confundem-se. Áreas «históricas» são reconstruídas de raiz, «novos edifícios antigos» substituem os velhos. Em vez de preservar, destrói-se e a seguir faz-se igual. «Tudo o que é antigo é outra vez novo», disse um jornal acerca da réplica de Yongdingmen, uma das antigas portas de Pequim demolidas na década de 1950 para construir a 2.ª Circular e restaurada meio século depois.² Erguida junto a várias vias rápidas, a nova Yongdingmen parece totalmente deslocada, mas ocupa o mesmo lugar onde há quatro séculos terminava – ou começava – o eixo que atravessa a cidade de norte a sul e cujo centro é, ainda hoje, a mítica Porta da Paz Celestial (Tiananmen).

Como a revolução nas décadas de 1960 e 1970, a modernização «avança a todo o vapor». O objetivo é transformar Pequim numa «moderna metrópole internacional» até 2020 e depois numa «World City» (cidade mundial), «como Nova Iorque, Londres e Tóquio». Entretanto, a enorme torre que se vê do meu quarto deixará de ser o edifício mais alto. Na mesma zona, chamada «Ci Bi Di» – Central Business District, em inglês –, está a ser construído um arranha-céus com 122 andares e 500 metros de altura.

Debaixo do chão o ritmo é idêntico. Em cerca de dez anos, a rede do metropolitano passou de 42 para 442 quilómetros, tornando-se a mais extensa do mundo. Num dia, 30 de dezembro de 2010, abriram cinco novas linhas e, dois anos depois, mais quatro. O metro avançava em média três quilómetros por mês. Em 2015 chegará aos 560 quilómetros – mais 150 do que o de Londres ou o de Nova Iorque.

No cinema, na aviação, na internet, nas artes plásticas, na indústria ou na banca, todos os dias há relatos de recordes. «O maior», «o mais rápido», «o mais concorrido», «o mais caro» ... A imprensa é uma *overdose* de superlativos. Yao Defen, «a mulher mais alta do mundo», com 2,36 metros, também era chinesa.

«O que levou 200 anos a urbanizar na Europa, leva 20 anos aqui na China», constatou Norman Foster, o arquiteto do terminal 3 do Aeroporto Internacional de Pequim, aberto na primavera de 2008. (Era «o maior do mundo», claro, com 986 000 metros quadrados, mas no Dubai já fizeram um maior). «Nada tão rápido ou em tão larga escala foi feito em qualquer outro país», diz o guia da Lonely Planet sobre Pequim. «Só uma ditadura com os recursos humanos e industriais da China conseguiria isto.» A linha férrea de alta velocidade Pequim-Xangai, com 1318 quilómetros, foi construída em três anos. O orçamento (cerca de 24 500 milhões de euros) e a mão-de-obra (113 000 trabalhadores) são outros recordes, difíceis de igualar. Durante um ano e meio, até dezembro de 2012, foi a mais longa do mundo. Entretanto, inauguraram a linha Pequim-Cantão, com 2998 quilómetros.

Também se morre muito: «Explosão numa mina mata 47 em Henan», «175 mortos em inundações no Sul», «Incêndio num edifício de Xangai faz 58 mortos»... No tempo do presidente Mao, o fundador da República Popular da China e «Grande Timoneiro» da revolução chinesa, falecido em 1976, não era assim: a imprensa não dava «notícias negativas». Um sismo que matou mais de 15 000 pessoas na província de Yunnan, em janeiro de 1970, só seria noticiado 30 anos mais tarde! O «principal jornal do país», o *Diário do Povo*, órgão central do Partido Comunista, não revelou o número de mortos nem a magnitude do sismo, e descreveu o epicentro de forma vaga («uma área ao sul de Kunming», a capital de Yunnan). «Foi o terceiro sismo mais mortal da história da República Popular da China, mas quase ninguém soube disso», escreveria um jornalista chinês.³ O mais devastador – cerca de 250 000 mortos – foi o de Tangshan, em julho de 1976. Não houve luto nacional: isso estava reservado apenas para os «grandes líderes». No caso de Mao, o luto durou uma semana e pelo que me contaram, «foi até proibido jogar às cartas» e «sorrir em público seria considerado um crime».

A primeira vez que o governo decretou um dia de luto pelas vítimas de uma catástrofe natural foi em maio de 2008, quando um sismo de 7,9 graus na escala de Richter matou cerca de 87 000 pessoas na província de Sichuan. E desde então já houve mais dois dias iguais: em abril de 2010, pelas vítimas de um outro sismo, em Yushu, e quatro meses mais tarde, pelas vítimas de um deslizamento de terras em Zhouqu. Número oficial de mortos: 2064 e 1248, respetivamente.

Um condomínio em Pequim

Sede de um município com cerca de metade do tamanho da Bélgica e 20 milhões de habitantes, Pequim é uma cidade cheia de muros, portões, grades e cancelas. Quase toda a gente vive em condomínios, raros são os prédios cuja porta dá diretamente para a rua. Nos condomínios construídos pelo governo e pelas empresas estatais para alojarem os seus empregados, a segurança ainda é feita por voluntários da respetiva comissão de moradores, quase sempre mulheres reformadas, que usam uma braçadeira vermelha.

Os jornalistas estrangeiros, cada vez mais numerosos, já não são obrigados a viver num dos «condomínios diplomáticos» indicados pelo governo. Quando voltei para Pequim, em setembro de 2008, instalei-me numa das torres envidraçadas do Seasons Park, um condomínio gerido por uma imobiliária americana. Não há chaves para entrar em casa: marca-se um código numérico num teclado aparafusado na porta e esta abre-se.

Dois terços dos inquilinos são chineses. Os avisos afixados nos bancos do jardim estão escritos em chinês e em «chinglish»: «Please lower your voice while holding conversation». Parece uma ordem e percebe-se porquê: multiplicado por 2000, o número de apartamentos do condomínio, um murmúrio pode tornar-se uma algazarra... O Seasons Park pretende ser uma «comunidade civilizada, confortável, segura, elegante e nobre».

As famílias da vizinhança são quase todas iguais: um casal entre os 30 e 40 anos e um filho, regra geral rapaz. (Ou um cão, outra novidade). Uma empregada doméstica da província toma conta da criança durante o dia. De vez em quando os avós dão uma ajuda. Entram e saem do elevador em silêncio, sem olharem para os outros. Os mais velhos são mais sorridentes, e até meigos, mas também falam pouco. Quando se lhes dirige a palavra parecem surpreendidos por um estrangeiro falar a sua língua.

O meu apartamento ficava no 16.º andar, mas como o prédio não tem 13.º andar nem os andares terminados em 4, o número chinês do azar, vivia, de facto, à altura de um 13.º andar!.. Depois mudei para um 20.º andar, com a mesma área e melhor vista.

Vê-se e ouve-se o Estádio dos Trabalhadores, sempre que há jogos de futebol ou espetáculos de música. O senhorio, que nunca vi, é do nordeste da China. O contrato foi assinado por um sobrinho, um jovem afável, com sapatos de camurça pontiagudos e colar de ouro. Quando lhe perguntei pelo tio disse que estava no Japão, «a jogar golfe». Comparadas com os preços anteriores aos Jogos Olímpicos, as rendas caíram quase um terço. Era outro sinal da crise financeira global, mas para o meu senhorio, que já deve ter visto dias piores, a vida conservava alguns prazeres. (E dois anos mais tarde, na renovação do contrato, a renda voltou a subir – 50%.)

Num raio de 500 metros há pelo menos quatro grandes cibercafés, abertos 24 horas por dia: 1

hora/4 yuans, 5 horas/15 yuans (menos de dois euros). O McDonald's do bairro e a loja da 7-Eleven em frente do Seasons Park também não fecham. Salões de massagem e restaurantes estão abertos até tarde.

Algumas lojas mudam de repente o ramo de atividade. No espaço de três meses, a Ruth' Shop já foi uma florista e um salão de massagens. Agora vende DVD piratas, que custam no máximo 15 yuans – menos de metade de um bilhete de semana. Na mesma rua, uma geladaria converteu-se numa pastelaria e um cabeleireiro estabeleceu-se numa antiga loja de DVD. Instalada numa antiga *boutique* de roupa feminina, a loja que vendia imitações de móveis tibetanos reencarnou numa *sex-shop* chamada (em inglês) Fantasy Land. Um camponês vem às vezes dos arredores com a carroça cheia de fruta, puxada por uma velha égua, e instala-se à porta do mercado.

A avenida que passa no topo norte do estádio – uma reta com quatro faixas em cada sentido – liga a segunda à terceira circular. Caminhando para ocidente, ao fim de 10/15 minutos encontra-se o Da Dong, santuário da *nouvelle cuisine* local, que revolucionou o «pato lacado à Pequim». À mesma distância, mas para o lado oposto, fica o *village* de Sanlitun, uma área cosmopolita, contígua a uma zona de embaixadas, e com dezenas de lojas, bares, cafés, restaurantes, *boutiques* de luxo, algumas galerias de arte, oito salas de cinema... e mais um McDonald's! De táxi o percurso custa apenas o preço da bandeirada: 10 yuans.

Até à Praça Tiananmen, o espaço urbano mais sensível da China, no centro físico e político de Pequim, também é simples: desce-se a segunda circular até à Jianguomenwai, vira-se à esquerda e a seguir é sempre em frente, por uma avenida com 12 faixas chamada Chang'an (Eterna paz). No total são cerca de oito quilómetros.

*

O templo mais próximo, de inspiração taoista, é o Dongyue. Fica numa avenida a sul do Estádio dos Trabalhadores, ao lado de um grande armazém de produtos eletrónicos. Quase não se dá por ele: não faz parte dos circuitos turísticos e, exceto nas férias do ano novo lunar, tem sempre poucos visitantes. A origem remonta à dinastia Yuan (século XII a XIV), iniciada por um neto do grande líder mongol Gengis Khan. Além de contarem a história do templo, as guias explicam aos visitantes como devem colocar as mãos quando se inclinam ou ajoelham diante de alguma divindade, a forma de queimar os paus de incenso e outros rituais que meio século de ateísmo militante fizeram esquecer.

A entrada é guardada por dois «deuses encarregados de aplicar a lei taoista»: o General Tigre e o General Dragão, ambos com mais de dois metros de altura e armados respetivamente com um machado e uma lança. Mais implacáveis, porém, são as suas «armas secretas»: o General Tigre expira fumos amarelos pela boca e os olhos do General Dragão disparam relâmpagos. É o contrário da despojada estética que costuma associar-se ao taoísmo, mas não terá

impressionado o Partido Comunista Chinês. Após a fundação da República Popular, o Dongyue foi ocupado por um serviço da administração pública, só reabrindo como templo em meados da década de 1990.

O «espaço mais livre da China»

Wang Miao passa mais de dez horas por dia *online*: por razões profissionais, mas também para ouvir música ou ver filmes. E como 300 milhões de compatriotas, entre os quais a maioria dos seus amigos, tem um microblogue.

– Falo de coisas pessoais, coloco fotografias divertidas e comento alguns problemas sociais – disse Wang Miao sobre a sua atividade no Sina Weibo, o Twitter chinês.

Engenheiro informático, nascido em 1980, Wang Miao trabalha numa companhia chinesa de *software* em Ningbo, um próspero município de 7,5 milhões de habitantes, na costa leste do país.

– Às vezes também jogo *online*, mas quase sempre perco.

Um dos «problemas sociais» que o mobilizou, em outubro de 2012, foi a anunciada construção de uma grande petroquímica a 15 quilómetros do centro de Ningbo. Era um projeto de 55 800 milhões de yuans (6920 milhões de euros), que incluía uma unidade de produção de PX, agente químico usado no fabrico de garrafas de plástico e poliéster, considerado especialmente tóxico.

– Os média locais bloquearam a informação.

Mas após vários dias de protestos, «por respeito pela opinião pública», o governo municipal anunciou a suspensão do projeto.

A «conversa» foi via qq, o messenger chinês, onde Wang Miao tinha como cartão-de-visita uma frase em inglês: «I'm lost, cast off, unloved, unwanted» (Estou perdido, abandonado, não-amado, não-desejado).

Através do Sina Weibo, onde dois anos antes criara um microblogue, Wang Miao sentia, pelo contrário, que os amigos estavam «por perto». Um deles vivia na Austrália.

Wang Miao tinha 87 «fen si» (fãs ou seguidores) e seguia 39 microblogues: não seria pouco para quem estava «perdido», mas, à escala da China, era insignificante. Outras pessoas que viviam sós, e pareciam bastante solitárias, tinham várias centenas de fãs. Um escritor assumidamente marginal, Wang Shuo, tinha quase meio milhão. O mais popular, o da atriz Yao Chen, ultrapassava os 26 milhões.

Lançado no verão de 2009, o Sina Weibo tornou-se «um campo de batalha para a opinião pública e um pesadelo para alguns funcionários», afirmou Michael Anti, pseudónimo literário do ensaísta e blogger Zhao Jing.

«Apesar da censura, o Sina Weibo proporcionou a 300 milhões de chineses uma oportunidade real para falarem todos os dias uns com os outros. De facto, é a primeira vez que há uma verdadeira esfera pública na China», diz Michael Anti num artigo publicado pelo European Council on Foreign Relations.⁴

Wang Miao concordou: «Sim, acho que o Weibo é o espaço mais livre da China.»

A reação ao acidente ferroviário de Wenzhou, em que morreram 40 pessoas, no verão de 2011, e cujas causas as autoridades tentaram encobrir, é considerada um marco na afirmação do poder do Weibo e das redes sociais em geral.

«Nos primeiros cinco dias após o descarrilamento, dez milhões de pessoas colocaram na internet mensagens criticando o governo – algo que nunca tinha acontecido na China», realçou Michael Anti.

O número de utilizadores da internet na China aumentava em média quatro milhões por mês, atingindo os 564 milhões no final de 2012.⁵ A maioria acedia à internet através de *smartphones* e outros dispositivos móveis.

Facebook e YouTube continuavam bloqueados, mas entretanto surgiram as respetivas réplicas chinesas, Renren e Youku, que, juntamente com o Sina Weibo, formam a chamada Chinanet. «A abordagem chinesa à internet é simples: “bloquear e clonar”. É o que eu chamo “censura inteligente”», afirma Michael Anti.

*

«Apesar do aumento do controlo após a «primavera árabe», a internet continuou a desenvolver-se e é hoje a grande impulsionadora do diálogo nacional», dizia um executivo do Baidu, o principal motor de busca chinês. «Os internautas chineses sentem-se, de facto, parte de um poder emergente.»

A multiplicação dos microblogues era outro fenómeno único no mundo. «A internet na China tornou-se uma grande plataforma para as pessoas fazerem ouvir a sua voz. É por isso que está a crescer mais depressa do que nos países ocidentais, onde os blogues são apenas um instrumento de relações sociais», dizia Meng Fei, um popular apresentador da televisão da província de Jiangsu.

A nova liberdade também tinha um preço.

No verão de 2011, um jovem funcionário chamado Ren Jianyu foi enviado para um «campo de reeducação através do trabalho» depois de ter criticado o revivalismo maoísta promovido pelas autoridades de Chongqing. Ren Jianyu escreveu e difundiu no seu microblogue uma centena de comentários contra a chamada «campanha das canções vermelhas». Nas escolas, na administração pública e nas empresas, a população juntava-se para cantar os antigos hinos revolucionários. A televisão local aboliu a publicidade e no horário nobre, em vez de telenovelas, difundia canções e filmes revolucionários.

Bo Xilai era o primeiro secretário do Partido em Chongqing, o maior município do país, com cerca de 33 milhões de habitantes e uma área superior à Bélgica e Holanda juntas. Ex-ministro do Comércio, filho de um antigo vice-primeiro-ministro, Bo Xilai era mais do que um «príncipe vermelho». Em 2010, numa votação feita pela edição *online* do *Diário do Povo*, foi considerado o

«político do ano» e posicionava-se como um forte candidato ao Comité Permanente do Politburo, a cúpula do poder. Ren Jianyu era um simples funcionário da aldeia de Yushan Zhen, nascido em 1987: perdeu o emprego e foi condenado a dois anos de detenção num «campo de reeducação», pena administrativa que não necessitava de aprovação judicial.

Ren Jianyu seria libertado no dia 19 de novembro de 2012 e, uma semana depois, a sua conta no SinaWeibo assinalava 33 432 seguidores. Bo Xilai, entretanto, foi preso e expulso do partido, acusado de corrupção, abuso de poder, «relações sexuais impróprias com um certo número de mulheres» e outras «graves violações da disciplina».

A emergência da classe média

«Classes sociais?!...» A entrevista com Tang Jun, sociólogo da Academia Chinesa de Ciências Sociais, começou com uma retificação.

– Já não usamos essa terminologia. Faz lembrar a Revolução Cultural!

A Revolução Cultural, designada oficialmente por «Grande Revolução Cultural Proletária», começou em maio de 1966. Tang Jun tinha 18 anos. Uma das canções em voga intitulava-se precisamente *Nunca Esquecer a Luta de Classes*.

Hoje, em vez de «classes», diz-se «estratos sociais». Falar em «classe média» também não é politicamente correto: o governo prefere «famílias com rendimento médio». (Em Pequim, o salário médio mensal era em 2012 de 5000 yuans – 640 euros –, o que correspondia a mais do triplo do salário mínimo).

Até agora foram identificados «dez estratos sociais», numa lista encabeçada pelos «administradores do Estado e da sociedade» e que termina nos «desempregados urbanos». A maioria (cerca de 60%) era constituída pelos «operários» e «trabalhadores rurais», que figuravam respetivamente no 8.º e 9.º lugares, atrás dos «empregados dos serviços», «proprietários de pequenas e médias empresas», «gestores» e outros «estratos» em acelerado crescimento.

– A sociedade está mais diversificada e dentro de cada estrato também há diferenças. No tempo da economia planificada, no fundo só havia dois tipos de pessoas: as boas e as más.

Os operários, os camponeses ou os soldados faziam parte do primeiro grupo; os agricultores, os «contrarrevolucionários» e os «direitistas» eram os «maus».

– Mais de 90% da população tinha o mesmo nível de vida e não havia grandes diferenças (sociais) – salienta Tang Jun.

Em 2012, pelo contrário, a desigualdade era flagrante. Cerca de 100 milhões (7,5% da população) viviam abaixo da «linha de pobreza» – com menos de 2300 yuans por ano (300 euros). O número de milionários, com fortunas superiores a dez milhões de yuans (1,3 milhões de euros), ultrapassava um milhão.

Entre aqueles extremos, as «famílias com rendimento médio» aumentavam 1% ao ano, referiu Tang Jun.

– Eu faço parte da classe média e estou disposto a assumir essa responsabilidade social – acabou por dizer o sociólogo.

A declaração visava também as «pessoas com altos rendimentos que só prestam atenção aos seus interesses».

– Antigamente, as pessoas eram ensinadas a não criticar o governo. A nova geração já ousa falar

mais.

A entrevista com Tang Jun era para acompanhar a história de Jane Jiang, uma advogada que se assumia sem inibições como classe média.

Numa sociedade que 40 anos antes tentara «eliminar tudo o que se opõe à ditadura proletária», a expressão «nova classe média» é um pleonasmo. Ela já representará, contudo, entre 200 e 250 milhões de pessoas. Os números variavam muito, evidenciando a acelerada transformação económica e social da China. O economista Homi Kharas contabilizou «247 milhões de chineses que gastavam dez a 100 dólares por dia» e que podiam, portanto, ser considerados «classe média». ⁶ Segundo a ensaísta e consultora sino-americana Helen Wang, seriam 300 milhões e dentro de uma década ultrapassarão 600 milhões: «A emergência da classe média chinesa é a maior história do nosso tempo». ⁷

*

Aos 69 anos, o engenheiro Jiang, pai de Jane Jiang, concretizou «um sonho antigo»: comprou um automóvel. Foi o primeiro e o último. Dois anos e 5000 quilómetros mais tarde, concluiu que «não era muito seguro» continuar a conduzir.

– Começou por evitar conduzir à noite e a seguir parou mesmo – conta a filha.

O pai decidiu então vender o automóvel, um Volkswagen fabricado em Xangai, e com esse dinheiro, ele e a mulher, uma professora também reformada, foram aos Estados Unidos. Isto passou-se no inverno de 2012: quando o engenheiro Jiang tinha a idade da filha, a bicicleta era o único meio de transporte privado a que as famílias chinesas podiam aspirar; ninguém passava férias no estrangeiro e só alguns funcionários do Estado possuíam passaporte.

– Estou muito confiante na evolução da China. O sistema precisa de ajustamentos, mas está na direção certa. Há muita gente progressista no governo e nas empresas estatais – diz Jane Jiang.

Especialista em derivativos e outras sofisticadas operações financeiras, Jane Jiang é sócia de uma firma de advogados com sede em Londres e escritórios em quarenta países. Só na China tem três, com dezenas de advogados.

Como nos países do norte de África e Médio Oriente abalados pela «revolução de jasmim», a corrupção na China é uma grande fonte de descontentamento popular. Jane Jiang defende que o governo «deve ser mais prático, lógico e progressista», mas rejeita a ideia de revolução.

– Não queremos uma revolução nem mudanças radicais, queremos estabilidade. A classe média teria muito que perder se houvesse uma revolução.

Jane Jiang nasceu em Xangai em 1975, um ano antes da morte de Mao Zedong. Os pais gostariam que ela estudasse Medicina, mas Jane optou por Finança Internacional.

– Na altura, não conhecia ninguém que dissesse que queria ser advogado. A própria profissão só começou verdadeiramente na década de 1980.

Concluído o curso, em 1997, empregou-se como secretária numa firma inglesa e no ano seguinte, «com o apoio» dos patrões, foi estudar Direito para Southampton, no Reino Unido.

– Foi a primeira vez que saí da China.

Dois anos depois, «com a ajuda dos pais», comprou a primeira casa, outro «sonho» impensável na geração anterior.

Desde o início da «Reforma Económica e Abertura ao Exterior», em 1979, cerca de dois milhões de chineses, entre os quais os filhos de muitos líderes, foram estudar para o estrangeiro. As universidades dos Estados Unidos e da União Europeia são as mais procuradas. Muitos acabam por fixar-se no estrangeiro e mudar até de nacionalidade, mas os «haigui» (retornados) estão a aumentar.

– São pessoas que conhecem duas culturas, o que lhes dá algumas vantagens. Têm também um nível de tolerância mais elevado e estão mais aptas a fazer compromissos.

Além disso, no Ocidente «o sistema já está feito» e um advogado estrangeiro, mesmo habilitado a exercer a profissão, como era o caso de Jane após cinco anos no Reino Unido, não consegue progredir muito. Na China «há mais oportunidades para realizar coisas novas».

– A instauração do primado da lei irá demorar talvez 50 anos.

Depois do Reino Unido, Jane mudou-se para Hong Kong, onde viveu quatro anos e aprendeu o «cantonense», dialeto do sul da China, falado também em Macau. Entretanto, casou com um engenheiro francês, de quem tem dois filhos, e em 2008 instalou-se em Pequim. «Instalar» parece a palavra certa: Jane e o marido construíram um «si he yuan» (casa tradicional, com quatro pavilhões de um piso em torno de um pátio interior) num dos históricos becos da cidade («hutong»).

Comparada com Pequim, Xangai é uma cidade nova, projetada para o mundo só na segunda metade do século XIX. O estilo de vida e a arquitetura são mais cosmopolitas do que a capital do milenar Império do Meio. Tiananmen, o antigo Palácio Imperial, a Grande Muralha e o Templo do Céu ficam em Pequim. Na malha urbana de Xangai, atravessada por um afluente do rio Yangtzé, sobressaem os arranha-céus, os edifícios *art déco*, os pequenos jardins e as ruas cheias de lojas e plátanos. Entre os estrangeiros, é frequente ouvir dizer que «Pequim representa a verdadeira China» e Xangai será «uma cidade mais ocidental do que chinesa». Jane tem outra visão.

– Pequim é a condensação do passado, o que a China foi. Xangai é o que a China será.

*

O sociólogo Tang Jun estava «moderadamente optimista».

– O fosso entre os estratos mais ricos e mais pobres é o maior problema e gera conflitos. O nível de vida, no entanto, está a subir.

Zhang Weiyang, director de uma influente escola de gestão de Pequim, apontado pela «Nova

Esquerda» como um expoente do «neoliberalismo», via o processo assim: «Sem uma classe média suficientemente forte, os ricos podem acabar com a justiça e os pobres podem sublevar-se. Em qualquer dos casos, a sociedade cairia no caos.»⁸

Quatro anos depois de ter regressado à China, Jane dizia que a sua «maior preocupação» era a poluição.

– É uma preocupação típica da classe média: agora preocupamo-nos mais com a saúde e a qualidade de vida, acrescenta, sorrindo.

A «arrogância dos novos-ricos», que considerava «pior do que as desigualdades sociais», e o «nacionalismo» de alguns compatriotas também a preocupavam. O sistema educativo, onde «falta criatividade», também não lhe agradava. A filha mais velha, de três anos, frequentava uma creche internacional. Duas empregadas domésticas cuidavam da casa e do filho mais novo, nascido no início de 2012.

– Ter um espírito livre também requer algumas condições económicas. As pessoas não lutam por ideologias: lutam por melhores condições de vida.

Jane Jiang falava sem ansiedade: «Regressar foi a opção certa. Aqui posso fazer acontecer as coisas.»

O Ano do Dragão

2012 foi um Ano do Dragão, a única criatura mitológica entre os 12 signos do zodíaco chinês e símbolo de poder. Diz-se que é «um ano propício a grandes transformações». Muitos casais esperam pelo Ano do Dragão para dar à luz o único filho que podem ter.

Para responder ao aumento da natalidade, o município de Pequim anunciou a abertura de mais três maternidades. O número de nascimentos deverá atingir os 200 000, o dobro de 2004, estimava um funcionário.

Mesmo em 2008 – o ano em que a capital chinesa organizou os Jogos Olímpicos, pela primeira vez – só se registaram 171 000 nascimentos.

«Os hospitais de Pequim têm camas suficientes para acolher os “bebés-dragão”. O único problema é que a maioria das mulheres quer o parto num hospital classificado com um triplo A (os melhores), que não têm capacidade para receber todas as grávidas da cidade», disse o diretor do Departamento Municipal de Saúde, Fang Laiying.

Este «Ano do Dragão» tinha outra particularidade: no segundo semestre, o congresso do Partido Comunista iria escolher a liderança do país para a década seguinte. A reunião, que se realiza de cinco em cinco anos e que a imprensa descreve sempre como «o mais importante acontecimento da vida política chinesa», assinalaria o início da ascensão da chamada «quinta geração de líderes da Nova China». A «primeira» é representada por Mao Zedong, que morreu num Ano do Dragão (1976).

*

A passagem do ano lunar, o «Chun Jie» (Festival da Primavera), é a maior festa tradicional da China, idêntica ao Natal nos países cristãos. As famílias juntam-se e trocam presentes. Lanternas vermelhas ornamentam as ruas e os edifícios públicos. O fogo-de-artifício ilumina o céu e os petardos «afugentam os maus espíritos». É sempre assim, mas em 2012, o bioengenheiro Xun Su, de 29 anos, decidiu não ir à casa dos pais, em Wuhan.

– Vou com a minha namorada até Itália. O jantar de família pode ser em qualquer outra altura.

Xun Su conhecia vários países europeus e do Sueste Asiático e também os Estados Unidos, onde tinha família.

– O que mais me atrai na Europa é a cultura, sobretudo o Renascimento. As cidades europeias estão muito bem preservadas e mantêm um estilo de vida tranquilo, que nos acalma. Na China

não se preserva muito o passado.

Para uma semana em Itália, Xun Su e a namorada contavam gastar cerca de 3000 euros (24 100 yuans). A valorização da moeda chinesa também ajudava: há três anos um euro valia quase dez yuans; hoje, apenas oito. «Um mês antes, as excursões para a Europa (na passagem do ano lunar) já estavam fechadas», disse um agente de viagens de Pequim.

As escolas fecham durante um mês. Funcionários da administração pública e das empresas estatais têm pelo menos sete dias de descanso: três dias oficiais de feriado, mais duas folgas e um fim de semana. Dezenas de milhões de trabalhadores oriundos do campo regressam a casa das famílias, na maior migração interna do planeta. Durante esta quadra, os comboios esperavam transportar 235 milhões de passageiros, um aumento de 6,1% em relação a 2011, e os aviões 34,88 milhões, mais 7% que no ano passado. Xun Su tinha razão: «Na China, por toda a parte há muita gente.»

*

Durante mais de uma década, entre 1967 e 1980, o início do ano lunar foi um dia de trabalho igual aos outros. A «luta contra os seguidores do capitalismo» estava num «período-chave» e «assuntos triviais como a reunião das famílias» eram «coisas de pouca importância». «Os únicos assuntos importantes são as grandes questões públicas, tais como seguir as instruções do presidente Mao, continuar a revolução e consolidar o novo poder», dizia um jornal de Xangai, em janeiro de 1967, a propósito da decisão de abolir o feriado do Chun Jie. «Antigos cultos, saudações de Ano Novo, visitar os familiares, dar presentes e fazer festas, isso pode ir para o inferno!», proclamou o *Diário do Povo*. «A classe trabalhadora nunca teve esses vícios; o que temos é o poder de extirpar as influências decadentes do capitalismo e de promover o pensamento de Mao Zedong.»

O «movimento anti-Chun Jie» começou com uma carta de um jovem operário de Xangai chamado Zhang Renxing: «Durante dias questioneei-me se devia ir a casa da família no Festival da Primavera e acabei por decidir que não ia. Como operário revolucionário, eu devia seguir as instruções do presidente Mao para continuar a revolução». Quase meio século depois, Zhang Renxing contou como as coisas se passaram: «Perguntam-me muitas vezes porque lancei aquele apelo tão despropositado. Mas, para dizer a verdade, não fui eu que escrevi aquela carta.»⁹ Zhang Renxing tinha 18 anos: «Fui convocado ao gabinete dos líderes (da fábrica) e disseram-me para assinar a carta. Assinei sem qualquer hesitação. Para mim, as ordens dos líderes estavam sempre certas.»

A Revolução Cultural estava no auge. Foi a última grande batalha de Mao e duraria até à sua morte, em 1976. Sete anos mais tarde, seria considerada «um grave retrocesso». Os feriados do Chun Jie foram restaurados. O retrato e o corpo embalsamado de Mao continuam expostos na

Praça Tiananmen.

Ren tai duo!

A China sempre foi o país mais populoso do mundo. No seu histórico *Tratado das Coisas da China* – a primeira obra exclusivamente sobre a China publicada na Europa, no século XVI –, Frei Gaspar da Cruz já assinalava que «os chinas» excediam todos os outros povos «em multidão de gente». Nas últimas três décadas, devido à política de «um casal, um filho», o crescimento abrandou mas os chineses ainda constituem quase um quinto da Humanidade. Algumas províncias têm mais de 90 milhões de habitantes. Xangai, Pequim, Cantão e outros municípios excedem os dez milhões. Os chineses também conhecem essas estatísticas, mas parece que só agora estão a ver o que isso significa: «Ren tai duo!» (Gente demais ou demasiada gente).

«Ren tai duo» foi a frase que mais ouvi durante a «semana dourada» de outubro de 2012, que juntou os feriados da Festa do meio do outono e do Dia Nacional. Nessa semana, o governo tomou uma medida inédita: aboliu as portagens nas autoestradas. No primeiro dos oito dias de folga, cerca de 85 milhões de chineses inundaram as autoestradas – ao volante dos seus automóveis e já não em excursões organizadas pelas respetivas «danwei» (unidades de trabalho).

A afluência à Grande Muralha, nos arredores de Pequim, bateu o recorde. A Cidade Proibida, onde viveram os imperadores das últimas duas dinastias, chegou a receber 182 000 visitantes num dia – mais do dobro de um dia normal. No fim das férias, o lixo recolhido na Praça Tiananmen, outro concorrido local de peregrinação, pesava 47 toneladas!¹⁰ «Ren tai duo!» Nos monumentos, nas estradas e nos comboios, foi «a semana mais congestionada do ano». Os acidentes também foram muitos e mataram quase 800 pessoas.

No mosteiro de Shaolin, os visitantes têm agora de estacionar o automóvel a mais de um quilómetro de distância, num parque em socacos, com milhares de lugares. «Há nove anos ia-se de carro até à porta», recorda uma jovem da região. Shaolin já era uma atração turística, mas, entretanto, a China tornou-se o maior mercado automóvel do mundo. O número de automóveis privados aumentou quase oito vezes numa década, atingindo 78,2 milhões em 2011. Apesar das limitações impostas por alguns municípios, todos os meses havia mais um milhão de novos veículos nas estradas chinesas.

Berço de uma famosa escola de artes marciais, fundado no século V por monges budistas, o mosteiro de Shaolin fica na província de Henan, no centro da China, a cerca de 650 quilómetros de Pequim. A cordilheira à volta, com picos de 1300 metros, é uma das «cinco montanhas sagradas» da China. Chama-se Song Shan e segundo o que está gravado num obelisco de pedra, «é o centro do céu e da terra». Será um bom sítio para meditar e praticar kung fu, mas não naqueles dias de romaria. Os próprios monges, de cabeça rapada e vestidos com calças, túnica comprida e sandálias de pano cor de laranja, pareciam apáticos. «Ren tai duo!» A tirar fotografias ou a

queimar incenso, na loja de recordações ou na casa de banho pública, a entrar ou sair – «ren tai duo!» Os únicos noviços que faziam exercício físico, entre os quais sete africanos de tronco nu ou *T-shirt*, eram estrangeiros. Estavam na fase de aquecimento, enquanto o mestre falava ao telemóvel, de costas para eles. No espaço de poucos minutos atendeu duas chamadas. Parecia um monge muito ocupado, à semelhança do abade superior, Shi Yongxin, que é também vice-presidente da Associação Budista da China e delegado à Assembleia Nacional Popular, em Pequim.

Shi Yongxin dirige o mosteiro há mais de uma década. Empresas responsáveis pela exploração turística de outras «montanhas sagradas» já estavam cotadas na Bolsa, mas as autoridades impediram que Shaolin fizesse o mesmo. O mosteiro, no entanto, continua a faturar bem: mais de 130 milhões de yuans por ano, disse um jornal. Cada entrada custa 100 yuans – mais de dois dias do salário mínimo em Pequim. A produção de filmes e a organização de espetáculos de kung fu, na China e no estrangeiro, são outras fontes de receita. Shi Yongxin, nascido em 1965, é conhecido como «o abade CEO». «Os tempos mudaram. Temos de nos adaptar, caso contrário podemos ser eliminados», defendia o abade.¹¹ «Nós comercializamos parte da nossa atividade para sustentar o nosso estilo de vida e difundir a cultura Shaolin.»

*

Apesar do drástico controlo da natalidade, a população aumentou 74 milhões na primeira década do século XXI. Os números são sempre astronómicos. Um exemplo: para manter o índice de desemprego urbano abaixo dos 4,5% é preciso criar anualmente mais 11 milhões de postos de trabalho. Outro: a incidência das «perturbações mentais» entre a população adulta – 173 milhões.¹²

A grandeza da China é também a sua fragilidade. «Mesmo que os insatisfeitos sejam só 10% da população, já são mais de 130 milhões», desabafou um vice-ministro num encontro com jornalistas europeus.

O «Partido Imperador»

Quando foi anunciada a atribuição do Nobel da Literatura a Mo Yan – o primeiro escritor chinês residente na China distinguido com aquele prémio, em 2012 – o presidente e o primeiro-ministro não lhe deram logo os parabéns. O mais alto líder que felicitou Mo Yan, através de uma carta dirigida à Associação de Escritores Chineses, foi o «número cinco» da hierarquia do partido, Li Changchun. O prémio «reflete a prosperidade e o progresso da literatura chinesa, assim como a crescente influência da China», escreveu Li Changchun, o homem que na liderança central tinha o pelouro da propaganda.

Mo Yan, nascido em 1955, é um dos vice-presidentes da associação. Alguns dissidentes consideram-no «um escritor do regime». Mo Yan não nega as relações com o Partido Comunista e o governo, mas defende que a sua escrita «transcende a política». «Um escritor deve ser avaliado pelo que escreve e não pelas suas posições políticas», argumentou.

A impessoal reação oficial parece ilustrar o carácter «imperial» da liderança. Será uma manifestação do «imperador organizacional» de que fala Zheng Yongnian?¹³ Segundo aquele professor da Universidade Nacional de Singapura, o PCC «reproduz a cultura imperial chinesa». Um outro professor, da Beida (Universidade de Pequim), citado por Richard McGregor, diz que «o Partido é como Deus: está em toda a parte, mas não conseguimos vê-lo».¹⁴

Os critérios do Comité Nobel não são muito apreciados em Pequim. Sobretudo o do norueguês, que já atribuiu o Nobel da Paz a duas figuras odiadas pelo governo chinês: o Dalai Lama, o exilado líder político e espiritual dos tibetanos, e o antigo professor e crítico literário Liu Xiaobo, condenado a onze anos de prisão por «atividades subversivas». Em 2000, pela primeira vez, a Academia Sueca atribuiu o Nobel da Literatura a um autor chinês, Gao Xingjian, mas a escolha também não foi bem recebida. Gao Xingjian demitiu-se do PCC após a repressão do movimento pró-democracia da Praça Tiananmen, em 1989, e exilou-se em Paris, onde adquiriu a nacionalidade francesa. «Parece que o Comité Nobel tem os seus critérios políticos para atribuir o prémio, em vez de fazer isso do ponto de vista da literatura», protestou a Associação Chinesa de Escritores. A conquista do Nobel era, contudo, uma persistente aspiração de muitos autores chineses, pelo reconhecimento internacional que representava e pelas portas que poderá abrir à divulgação da sua literatura.

Num raio de 200 metros em torno da casa onde decorreu o 1.º congresso do Partido Comunista Chinês, em 1921, concentram-se hoje algumas das lojas mais luxuosas de Xangai: Cartier, Tiffany, Zegna, Louis Vuitton, Gucci... Também se vendem automóveis, sobretudo Rolls-Royce e Lamborghini...

Mao Zedong e os outros doze fundadores representavam os 53 militantes organizados em toda

a China. Cabiam todos à volta de uma mesa. A casa, modesta, foi ampliada e convertida em museu. Através de figuras de cera em tamanho natural, o museu recria a histórica reunião e, «usando a história como espelho», passa em revista «o glorioso caminho» percorrido até à atualidade. O percurso é dominado por quatro personagens: Mao, Deng Xiaoping, Jiang Zemin e Hu Jintao. Os líderes que caíram em desgraça, como Hu Yaobang ou Zhao Ziyang, desapareceram.

Uma das minhas últimas visitas àquela «base de educação patriótica» foi no verão de 2012. O motorista do táxi que me transportou, nascido e criado em Xangai, conhecia a morada, mas nunca lá tinha entrado.

– O socialismo também já não é o que era – comentei.

Ele concordou e a seguir elogiou o antigo presidente Mao. Íamos a passar em frente de uma loja onde o motorista também nunca terá entrado (Louis Vuitton).

– No tempo do presidente Mao, a China era muito pobre – lembrei.

– É verdade. Mas éramos todos pobres. Povo ou quadros, éramos todos pobres. Não é como hoje.

Um ano antes, por ocasião do 90.º aniversário do partido, o Departamento Internacional do PCC convidou a imprensa estrangeira a visitar as suas novas instalações, numa rua adjacente à avenida Fuxingmen, na zona ocidental da cidade. É um edifício de vidro e aço, idêntico às sedes dos bancos e de outras empresas estatais construídas nas imediações. «Paz, Progresso, Desenvolvimento, Cooperação, Lealdade, Dedicção, Procura da Verdade, Inovação» são as palavras de ordem gravadas em inglês no *hall*, entre paredes de mármore e candeeiros dourados. A foice e o martelo, um dos símbolos do movimento comunista mundial, está ausente da decoração.

– De partido revolucionário, o PCC transformou-se em partido dirigente de um processo de modernização. Antes era a vanguarda do proletariado, hoje dirige a nação – disse o vice-diretor do departamento, Ai Ping.

O PCC é «um imperador organizacional transformado, que está aberto às mudanças socioeconómicas, para se manter hegemónico», diria o professor Zheng Yongnian.

Ai Ping, um quadro que os seus funcionários tratavam por «vice-ministro», tinha 58 anos. Questionado sobre os guerrilheiros da Índia e do Nepal que continuam a identificar-se como «maoistas», respondeu: «Não temos relações com partidos políticos ilegais, nem apoiamos o uso da violência para derrubar governos legítimos.»

– A China já não exporta a Revolução.

O PCC orgulha-se de ter «relações com mais de 600 partidos de mais de 160 países» e ao contrário dos anos 60, quando encorajava os comunistas do mundo inteiro a romper com os «revisionistas» de Moscovo, pretende «transcender as diferenças ideológicas».

– Temos relações com partidos comunistas e socialistas, mas também com partidos conservadores, como a CDU alemã, da chanceler Angela Merkel – precisou o porta-voz do departamento, Huang Huaguang

O colapso dos partidos comunistas na antiga União Soviética e na Europa de Leste não parecia preocupar os responsáveis do Departamento Internacional do PCC, mas o vice-ministro Ai Ping não quis dizer se ainda acreditava no futuro do comunismo.

– O que estamos a fazer é a modernização da sociedade e do sistema socialista – respondeu.

A revolução terá mesmo passado à história? Os antigos museus da História e da Revolução, construídos na década de 1950 na Praça Tiananmen, fundiram-se numa nova instituição chamada Museu Nacional da China.

O XVIII Congresso

O aquecimento central, uma das relíquias do sistema de economia planificada, começou a funcionar a 3 de novembro, mais cedo do que era habitual. Desde há mais de meio século, mesmo quando o frio não obedecia ao calendário, o governo municipal de Pequim só ligava o aquecimento no dia 15 de novembro. A antecipação foi logo associada ao XVIII Congresso do PCC, convocado para 8 de novembro. «É para as pessoas ficarem em casa, quentinhas», dizia uma anedota.

Viam-se mais polícias na rua e as principais avenidas engalanadas com bandeiras vermelhas. Mais de 100 dissidentes foram colocados em detenção domiciliária, denunciou a Amnistia Internacional. Os táxis receberam instruções para bloquear as janelas e impedir o lançamento de panfletos. Nas lojas de brinquedos, para comprar um avião de controlo remoto era preciso apresentar o bilhete de identidade. Nos cruzamentos mais movimentados, nas passeadeiras aéreas, junto às paragens de autocarro ou à entrada das estações de metropolitano, voluntários com braçadeiras vermelhas ajudavam a «manter a ordem». Mas foi no ciberespaço que o prenúncio do «Shi Ba Da» (Grande XVIII) se revelou mais evidente. As ligações ficaram bastante mais lentas; o Google estava quase sempre bloqueado ou caía ao fim de alguns minutos. O Gmail, por vezes, também não funcionava. Dias a fio, «Pequim conviveu intimamente com as memórias da era pré-internet», escreveu um jornalista norte-americano.

O reforço da «Grande Firewall da China» não se limitava à capital. Conversando no Skype com uma estudante de Xangai, ela queixou-se do mesmo: costumava ir ao Google recolher informações para a sua tese e agora não conseguia: «É por causa do Shi Ba Da.» Disse isso num tom neutro, como uma informação meteorológica. Ela era, aliás, militante do PCC: tinha-se filiado meses antes, seguindo o conselho dos pais, que também são membros do partido, e porque ela própria concluiu que era «conveniente», para «poder arranjar um bom emprego na administração pública ou numa grande empresa estatal». De resto, considerava a política chinesa «uma caixa negra» e continuava a apreciar as canções de Adele e os filmes de Woody Allen, que descarregava da internet e via no computador. Uma noite, com uma amiga, descarregou também um filme sobre o movimento pró-democracia de 1989 (o ano em que nasceu): «De repente o ecrã do computador ficou negro e bloqueou.» O tom, neste caso, já não parecia tão neutral: «Não dissemos nada contra o governo: estávamos só a ver um filme.»

Para a maioria dos cerca de 84 milhões de militantes do PCC, os 2270 delegados ao congresso estavam tão longe do seu dia-a-dia como os antigos mandarins. Os «quadros dirigentes», ministros e gestores de grandes empresas estatais constituíam mais de dois terços dos delegados (69,5%) e apenas 7,4% eram identificados como «trabalhadores». A lista incluía ainda

27 «empresários privados», mais dez do que no XVII Congresso, o primeiro em que estes antigos «inimigos de classe» estiveram representados. Liang Wengen, um dos industriais mais ricos do país, com uma fortuna estimada em 5,9 mil milhões de dólares, era um deles. Um ano antes, tinha sido apontado como candidato ao Comité Central. A notícia correu mundo: ao contrário do que Marx ou Lenine jamais terão imaginado, o presidente e fundador do Sany Group – fabricante de escavadoras e outras máquinas de construção, com 50 000 trabalhadores – ia integrar a direção de um partido que mantém o marxismo-leninismo como um dos seus «princípios cardiais». Seria uma estreia mundial, mas não se concretizou. «Como comunista», Liang Wengen colocava «os interesses do partido em primeiro lugar», mas disse que aquele cargo não era para ele: «Espero que outros empresários privados façam ouvir os nossos desejos junto da direção.»

O congresso decorreu no anfiteatro de 10 000 lugares do Grande Palácio do Povo. Como sempre, o corpo diplomático não foi convidado e não havia delegações de «partidos irmãos», mas os jornalistas estrangeiros – mais de 1000 – podiam assistir à sessão de abertura. Estava uma manhã de sol. «Sem o Partido Comunista não haveria Nova China», dizia uma das faixas vermelhas de pano desfraldadas na Avenida da Eterna Paz. «Longa vida ao Partido Comunista», dizia outra.

A área destinada aos repórteres da imprensa escrita ficava no segundo balcão; fotógrafos e operadores de rádio e televisão concentravam-se no primeiro balcão, mais perto do palco e da enorme plateia, lá em baixo. Às 08h40, num movimento sincronizado, treze hospedeiras de calças pretas, blusa branca e casaco *bordeaux* cintado, todas de carrapito e idêntica estatura, avançaram pela tribuna com um termo de água quente e começaram a encher as chávenas de chá. Eram mais de 200 chávenas, pousadas nas sete filas de mesas onde 20 minutos mais tarde iriam sentar-se as principais figuras do partido e dezenas de antigos líderes. Tudo parecia coreografado ao pormenor. Na primeira fila, reservada para os 25 membros do Politburo, sentaram-se também o ex-presidente Jiang Zemin, de 86 anos, e outros «camaradas veteranos» que uma década antes tinham cedido os cargos à geração que estava agora a completar o último mandato à frente do PCC e que no fim do congresso, uma semana mais tarde, passaria igualmente à reforma. Este processo de sucessão, instituído na década de 1990, «é o mais importante sucesso político da China dos últimos tempos, com grande impacto em todo o país e na governação mundial», disse um jornal. Dois observadores norte-americanos – Daniel Bell, professor de Teoria Política numa universidade de Pequim, e Eric Li, gestor de uma empresa de capital de risco estabelecida em Xangai – aplaudiram: a China «desenvolveu a fórmula certa para escolher líderes políticos, que está de acordo com a sua cultura e história e é adequada às circunstâncias modernas». ¹⁵ Na sua opinião, o sistema chinês «aproxima-se» mesmo da «melhor fórmula para governar um grande país».

Depois do hino nacional e de um minuto de silêncio pelos líderes falecidos, o ainda secretário-geral, Hu Jintao, leu durante hora e meia um resumo do relatório do Comité Central, intitulado «Marchar firmemente no caminho do socialismo com características chinesas e lutar para

completar a construção de uma sociedade moderadamente próspera em todos os aspetos até 2020». No texto integral, com 46 páginas, a expressão «socialismo com características chinesas» é mencionada mais de 50 vezes. «Perspetiva científica do desenvolvimento» e «reforma e abertura» são os outros valores mais citados – mais do que as referências quase protocolares ao marxismo-leninismo. O governo já tinha reconhecido que o combate à corrupção era «uma questão de vida ou de morte», mas Hu Jintao foi mais bombástico: «Se não conseguirmos controlar essa questão, poderá ser fatal para o Partido e até causar o colapso do Partido e a queda do Estado.» A outra frase que captou a atenção estava relacionada com as reformas políticas: «Nunca copiaremos um sistema político ocidental.» O congresso renovou metade dos 370 membros do Comité Central e estes, por sua vez, escolheram a nova «liderança central», composta apenas por sete elementos, menos dois do que no tempo de Hu Jintao.

No dia 15 de novembro, ao fim da manhã, os sete homens mais poderosos da China, todos de fato escuro, camisa branca e gravata, e cabelo preto a brilhar, entraram em fila indiana no Salão Oriental do Grande Palácio do Povo, onde centenas de jornalistas e de câmaras de televisão os aguardavam há mais de uma hora. Ao atravessar a passadeira vermelha que cobria o estrado, o primeiro da fila ia ligeiramente distanciado dos outros e foi ele, também, o único que discursou.

– Peço desculpa por tê-los feito esperar – começou por dizer o novo secretário-geral, Xi Jinping.

O «encontro da nova liderança central com a imprensa», transmitido em direto pela televisão, durou 18 minutos. Os jornalistas não podiam fazer perguntas: só ver e ouvir.

Filho de um antigo vice-primeiro-ministro, o general Xi Zhongxun, Xi Jinping parecia à vontade, como se andasse há muito a preparar-se para aquele momento. E andava, desde que foi nomeado vice-presidente da República, em 2008 (antes disso, era menos conhecido do que a sua mulher, a cantora Peng Liyuan). A voz, comparada à do antecessor, era enérgica e calorosa. Num estilo mais descontraído do que Hu Jintao, o novo líder apresentou um a um os seis «camaradas» que partilhavam com ele os lugares do Comité Permanente do Politburo. Apresentou-os por ordem hierárquica: primeiro Li Keqiang (vice-primeiro-ministro e futuro chefe do governo) e depois Zhang Dejiang, Yu Zhengsheng, Liu Yunshan, Wang Qishan e Zhang Gaoli. Além de Xi Jinping, apenas Li Keqiang transitava do anterior comité. Com 59 e 57 anos respetivamente, eles são também os mais jovens da nova «liderança central», confirmando um título publicado dois dias antes por um jornal: «A mudança deve ser equilibrada com a continuidade.»

Feitas as apresentações, Xi Jinping leu o discurso que preparara. «Sob novas condições, o nosso partido enfrenta muitos desafios sérios e há também muitos problemas prementes dentro do partido que precisam de ser resolvidos, particularmente a corrupção, o divórcio com o povo, formalismos e burocracia», disse. «Temos de fazer todos os esforços para resolver estes problemas. Todo o partido deve estar em alerta total», acrescentou. Xi Jinping nunca falou na primeira pessoa do singular, o que seria uma verdadeira subversão, mas evocou mais os «desejos do povo» do que as «responsabilidades do partido». «O povo deseja melhor educação, empregos mais estáveis, rendimentos mais elevados, maior segurança social, melhores casas e melhor

ambiente. O povo quer que os filhos cresçam bem, tenham bons empregos e uma vida mais agradável. Satisfazer o seu desejo de uma vida feliz é a nossa missão», lembrou.

As reações, no dia seguinte, foram mais entusiásticas do que o protocolo ou a disciplina exigiriam. Um jornal de Jilin, nordeste da China, saiu com esta manchete: «Novo começo, novas expectativas, nova era.» «Xi irradia confiança», era a manchete do *Global Times*. A revista *Caixin*, associada à corrente reformista do partido, considerou o estilo de Xi Jinping «encorajador». Li Yinhe, a socióloga que todos os anos escreve aos delegados à Assembleia Nacional Popular reclamando a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo, também ficou com «boa impressão». «Novo líder tem *charme* pessoal (...) O seu discurso é simples e sem *slogans*», escreveu Li Yinhe no seu microblogue.

A mudança

Sidney Rittenberg, o primeiro cidadão americano autorizado a filiar-se no PCC, na década de 1940, e que conheceu Mao, Zhou Enlai e outros líderes históricos da revolução chinesa, estava «otimista»:

– Acredito que a nova equipa dirigente irá introduzir algumas reformas políticas – disse Sidney Rittenberg num encontro com jornalistas estrangeiros na embaixada da Polónia em Pequim três dias antes da consagração de Xi Jinping.

O veterano China Watcher, nascido em 1921, não esperava, contudo, «reformas tremendas» nem imediatas.

– Eles não terão força suficiente para isso. A oposição e a resistência às reformas são muito fortes. Receiam que a liberdade de imprensa e a crítica livre provoquem distúrbios, caos e instabilidade.

Caos, na China, lembra logo a Revolução Cultural, uma década que Rittenberg viveu intensamente e que lhe custou oito anos de prisão. Nunca foi julgado, claro: a «justiça proletária» prescindia desses «formalismos burgueses».

– Morreram milhões de pessoas. Li Xiannian (presidente da República na década de 1980) chamou-lhe mesmo um holocausto.

Numa entrevista à BBC, o artista plástico Ai Weiwei afirmou que, mais tarde ou mais cedo, «o partido terá de mudar».

– Se não mudar irá enfrentar muitos problemas desagradáveis.

– De que tipo de mudanças é que a China precisa?

– O que é necessário é ter um sistema judicial independente. Ninguém acredita na justiça, o que é uma tragédia. Ao fim de 60 anos no poder, o partido ainda não conseguiu criar essa confiança tão essencial. A outra mudança é a liberdade de expressão, que é a base de...

Já não se ouviu o resto da frase: como acontecia sempre que os telejornais abordavam «temas sensíveis», o ecrã, de repente, ficou negro e sem som.

*

A «mudança» estava em todos os discursos. A mudança e a velocidade a que tudo, ou quase tudo, muda. Vários escritores falam disso. Li Er: «Um ano, aqui, equivale a décadas noutros sítios. A mudança é demasiado rápida: mental e fisicamente, não conseguimos acompanhar o ritmo.» Yu

Hua: «As mudanças na China são como centenas de anos na história europeia comprimidos. A Revolução Cultural foi a nossa idade das trevas. Agora estamos no século XXI, tal como o Ocidente. De uma era à outra foi simplesmente demasiado rápido.»

Um músico brasileiro radicado há dez anos em Xangai dizia assim: «Na China as coisas mudam a toda a hora.» A mudança é um substantivo e um verbo. «Mudo, logo existo», como o título de uma exposição de fotografia na Academia Central de Belas-Artes, no final de 2010. «Crescer com todas as mudanças que ocorrem na China contemporânea é um processo de inspiração e imaginação», dizia o curador da exposição.

Peter Hessler, um dos mais tocantes narradores da China contemporânea, assinalou que «o maior turbilhão» é «pessoal e interior». É mais do que mudar de opinião, de casa ou de emprego. Muitos divorciam-se, convertem-se a uma religião, criam blogues e tornam-se ativistas. Outros estabelecem-se por conta própria ou emigram.

Os divórcios multiplicam-se, sobretudo nas grandes cidades. Em 2011 foram 2,87 milhões, quase mais de 200 000 do que no ano anterior. Entre a geração de filhos únicos, muitos casamentos não chegam a durar seis meses. Chamam-lhes «casamentos fulminantes».

Em 2008, durante um mês, o fotógrafo inglês Adrian Fisk andou mais de 10 000 quilómetros pela China a retratar pessoas entre os 16 e os 30 anos. Entregava-lhes uma folha de papel em branco e pedia que escrevessem o quisessem. Fisk fotografava-as a olhar de frente para a câmara e segurando um papel com uma ou duas frases. «Somos a geração perdida. Estou confusa acerca do mundo», escreveu uma recém-licenciada de Guangxi. «Se tivesse uma irmã, seria melhor», escreveu um jovem de Pequim. Um estudante deixou este conselho: «Não avaliem a China a partir dos média porque a verdadeira China não está nos jornais.» Em chinês ou inglês, cada um escrevia o que lhe apetecia. Frases pessoais, todas diferentes: «gostaria de ver qualquer coisa sobrenatural, um extraterrestre, um óvni, uma coisa misteriosa»; «quero que a China seja um pouco democrática»; «antes de morrer gostava de ver uma China unida. Unida consigo própria e unida com o mundo»; «porque é que as pessoas têm de casar?»; «devíamos voltar atrás, para a antiga sociedade»...

A «ascensão da China» será «a história mais importante do século XXI», mas antes disso, ou ao lado disso, deveríamos olhar para a «ascensão dos chineses» – como indivíduos, ou cidadãos, singulares. O cinema de Jia Zhangke parte dessa visão: «Não me interessa contar a história com H grande. Na China põe-se o nacionalismo e o patriotismo à frente, e nega-se a importância do indivíduo. Eu quero respeitar o indivíduo.»¹⁶

*

Quem volte a Pequim após alguns anos de ausência, a primeira palavra que lhe ocorre para descrever o que mudou é «impressionante». E para os europeus cuja visão da China é decalcada

das lojas de artigos baratos que inundam os seus países, mais do que impressionante, será «surpreendente». «Comparando com os Estados Unidos, nos últimos quatro anos (2008-2012) a China mudou muito mais», proclamou o do *Global Times*. Não são apenas mudanças: são «mudanças enormes».

Mudou mesmo «tudo»? O Partido Comunista abdicou do «papel dirigente»? Pode criticar-se o Politburo e promover abaixo-assinados a favor da liberdade de associação? O governo desistiu de controlar a internet? O veredicto oficial acerca do movimento pró-democracia da Praça Tiananmen («rebelião contrarrevolucionária») foi revogado? Nas fábricas de calçado e outras indústrias, os operários deixaram de trabalhar 12 horas por dia, seis dias por semana? O fosso entre ricos e pobres diminuiu? A corrupção foi eliminada? A poluição acabou?... As respostas também cabem numa palavra: Não!

Contudo, Pequim atrai cada vez mais gente: estudantes, diplomatas, jornalistas, empresários, arquitetos, professores, cozinheiros, artistas plásticos... pessoas de todos os continentes e ofícios. O aeroporto, que acolheu 81,8 milhões de passageiros em 2012, já é o segundo mais movimentado do mundo, à frente de Londres. Em 2009, era o quarto e dez anos antes não figurava sequer entre os 30 primeiros. Um segundo aeroporto, com capacidade para 60 milhões de passageiros, começará a funcionar em 2017 em Daxing, no sul de Pequim.

– A China é muito mais aberta do que estava à espera – diz José Luís Peixoto, estudante português da Beijing Language and Culture University (BLCU).

Depois de concluir o curso de Relações Internacionais, José Luís decidiu aprender chinês:

– É uma língua cada vez mais importante e os chineses também precisam muito do português, para negócios com Angola e o Brasil.

A BLCU, no noroeste de Pequim, tinha milhares de alunos, de dezenas de países. Na turma de José Luís havia franceses, cazaques, portugueses e dois coreanos, um do Norte e outro do Sul.

– Parece que se dão bastante bem. Sentam-se sempre ao lado um do outro e saem muitas vezes juntos.

Nuno Violeiro, outro estudante português da BLCU, interrompeu o curso de Engenharia do Ambiente para estudar chinês e ao fim de seis meses em Pequim, estava «convencido» de que tinha feito a «opção certa».

– Isto é uma experiência única na vida!

«Um casal, um filho» e muitos problemas

Conheci uma advogada que tinha dois filhos – mais um do que era permitido pela política de controlo da natalidade imposta no início da década de 1980 sob a fórmula «um casal, um filho». A multa, uma «taxa de manutenção social» estipulada em função do rendimento do casal, era pesada, mas isso não terá sido grande problema. O recorde, nesta matéria, pertencia a um casal de empresários de Zhejiang que na primavera de 2012 teve de pagar mais de um milhão de yuans pelo segundo filho.¹⁷

Muitas chinesas da classe média optam por dar à luz em Hong Kong, Região Administrativa Especial onde a política de «um casal, um filho» não é aplicada. Para os mais ricos há uma alternativa ainda melhor: ter os filhos nos Estados Unidos e oferecer-lhes, à nascença, a nacionalidade americana. Diz-se que um neto de Deng Xiaoping, o «arquiteto-chefe das reformas», nasceu nos Estados Unidos. A mulher de Yao Ming, o mais conhecido atleta do país, que jogava na NBA pelos Houston Rockets, também foi lá ter o filho.

Não são só os ricos que contestam a drástica política de controlo da natalidade. O sociólogo Hu Angang, conselheiro do governo, defende que os casais devem poder ter dois filhos, para contrariar o envelhecimento da população. Duzentos milhões de chineses têm mais de 60 anos, a idade da reforma para os homens (para as mulheres é aos 55 anos). Ao contrário de muitos países desenvolvidos, a China começou a envelhecer antes de ficar rica.

O professor Yang Zhizhu e a mulher, Chen Hong, foram mais longe: recusaram pagar a multa por terem um segundo filho. «Porquê pagar? Não é tráfico humano. É um direito que temos, como cidadãos», argumentou Yang Zhizhu.¹⁸ «A China já não precisa de controlo da natalidade, o índice de natalidade já é bastante baixo.» A escola onde ensinava despediu-o, mas o caso veio nos jornais, sinal de que no governo há «abertura» para rever aquela política.

*

– Quando casar não terei só um filho – dizia uma estudante de Xangai ao evocar a «pressão» e «ansiedade» dos pais acerca da sua carreira.

Como 150 milhões de compatriotas, a estudante era filha única.

– Quero ter dois filhos, ou então nenhum – acrescentou.

Se o seu futuro marido também for filho único, o casal poderá ter dois filhos. As minorias étnicas – 8,5% da população – não estão sujeitas às mesmas restrições e nas zonas rurais, se o

primeiro filho for uma rapariga, os camponeses podem ter um segundo filho. E na maioria dos casos têm dois ou três. Sujeitando-se à penhora dos porcos e outros animais, alguns casais vão tendo filhos até nascer o primeiro rapaz.

Pelas contas do governo, «a política de “um casal, um filho” evitou cerca de 400 milhões de nascimentos» e em vez de 1350 milhões, em 2012, a China já teria mais de 1700 milhões. «Evitou» é um eufemismo: voluntária ou involuntariamente, o aborto é prática corrente, mesmo ao fim de três ou quatro meses de gravidez. Em janeiro de 2013, uma «promoção especial» de uma clínica de Shenzhen anunciava abortos por «apenas» 498 yuans («50% de desconto»). Segundo estatísticas do Ministério da Saúde, na última década realizaram-se sete milhões de abortos por ano e em 2008 excedeu os nove milhões. Nos Estados Unidos, uma ONG cristã fundada por exilados chineses falava em 13 milhões.

Em Xangai, as pessoas com mais de 60 anos constituem já 22,5% da população e em 2020 chegarão a 34,1%. Ao mesmo tempo, a percentagem de crianças e adolescentes desceu para 8,1% – menos 10,2 pontos do que a média do país.

Pela primeira vez, em 2012, a população ativa (entre 15 e 59 anos de idade) diminuiu. Uma diminuição de apenas 3,45 milhões em relação ao ano anterior, mas que deverá chegar aos 29 milhões em 2020. O «dividendo demográfico» da China está a desaparecer. «Psicológica e politicamente temos de estar preparados para esta situação», alertou o diretor do Instituto de População e Economia Laboral da Academia Chinesa de Ciências Sociais, Cai Fang.¹⁹

O envelhecimento da população não é o único problema demográfico da China. Devido à tradicional preferência por filhos do sexo masculino, os únicos que transmitem o apelido da família aos descendentes e tratam dos pais na velhice, muitos casais interrompem a gravidez se a ecografia revela que o feto é do sexo feminino. Como se ouve muitas vezes dizer: «Um rapaz ou uma rapariga é a mesma coisa, mas ter um rapaz é melhor.» Resultado: por cada 120 rapazes nascem apenas 100 raparigas. (Ou 123 por 100, como pensam alguns especialistas ocidentais). Em 2020, «mais de 24 milhões» de homens não encontrarão mulher para casar.

Há meio século, a diferença de nascimentos era 105 para 100, um rácio mais aproximado dos padrões europeus. O fenómeno, comum a outros países asiáticos, tem um nome – *gendercide*. Num ensaio de 2005, com o título *Une Chine sans Femmes?*, a investigadora Isabelle Attané já tinha alertado para que «a proeminência masculina não tem fundamento biológico».

Paradoxalmente, um dos mais populares *slogans* do PCC evoca a igualdade entre os géneros – «As mulheres sustentam metade do céu».

A administração da Haier, uma das maiores e mais lucrativas empresas chinesas, era presidida por uma mulher, Yang Mianmian. A Gree, outro colosso na área dos eletrodomésticos, também: chama-se Dong Mingzhu. Mas no plano político, as mulheres estavam longe de ocupar metade dos lugares. Os sete membros do Comité Permanente do Politburo são todos homens. No Conselho de Estado, o executivo do governo, há apenas uma mulher, Liu Yandong, nascida em 1945. É vice-Primeira-Ministra.

A última chinesa que ascendeu ao topo da liderança foi a mulher do presidente Mao, Jiang Qing, e acabou mal. Menos de um mês após a morte do marido, Jiang Qing foi presa e condenada à morte pelo seu papel na Revolução Cultural. A pena seria comutada em prisão perpétua, mas Jiang Qing preferiu suicidar-se, em maio de 1991. Vinte anos depois, o nome dela desapareceu da história oficial. Os seus inimigos dizem que Jiang Qing admirava Wu Zetian, a única imperadora da China, no século VII. Um dia, chegou mesmo a autografar uma fotografia com tinta vermelha, cor reservada outrora aos imperadores...

A difícil «harmonia étnica»

Qualquer que seja o tema ou o pretexto, as conversas com chineses envolvem sempre a pergunta «ni shi na guo ren?» (de que país és?) ou «ni shi na lai de?» (de onde vens?).

Conta-se que na década de 1980 o correspondente de uma revista alemã costumava responder que era chinês, da etnia «yi da li da» (italiana), e aparentemente ninguém estranhava. Além da etnia han, que constitui 91,5% da população, há mais 55 etnias. A lista inclui russos, mongóis, uzbeques, cazaques, coreanos, tadjiques, quirguizes e outras etnias oriundas de territórios que entretanto se tornaram países independentes. (Na última dinastia imperial, que governou de 1644 a 1912, havia apenas «cinco raças» – «manchu, chinesa, mongólica, maometana e tibetana»).

Nunca encontrei ninguém que soubesse de cor o nome das 55 minorias. Por razões políticas, a tibetana e a uigur serão as mais conhecidas fora do país, mas não as maiores. Esse título pertence à etnia zhuang: 18 milhões. Os 11 milhões de etnia manchu estão em segundo lugar e a seguir vêm os hui (10 milhões), os miao (9 milhões) e os uigures (8,5 milhões), a principal etnia do Xinjiang. Os mongóis são cerca de 6 milhões e os tibetanos, dispersos por várias províncias, 5,5 milhões. Dois terços das etnias têm menos de um milhão de pessoas e a mais pequena, os lhoba, do sul do Tibete, são apenas 3000.

A República Popular da China define-se como «uma nação multiétnica» e a Constituição proíbe «a discriminação ou opressão de qualquer minoria étnica e qualquer ato que mine a unidade entre as etnias ou instigue a divisão». Para o governo, os «terroristas do Turquestão Oriental» (nome de uma efémera república proclamada na década de 1940 no Xinjiang) e os «separatistas tibetanos dirigidos pela clique do Dalai Lama» são «as principais ameaças à segurança nacional».

Fisicamente, muitas etnias são difíceis de distinguir umas das outras:

– Uma vez, num desfile de massas, fiz de miao. Pus as roupas deles e lá fui – contou-me uma estudante.

*

Os computadores do Hospital Militar 306, perto do Estádio Olímpico de Pequim, escreviam apenas em caracteres chineses. Quando lá estive internado, para a implantação de um úmero de titânio, fiquei registado com o meu nome chinês (Jia Dongni) e, no espaço reservado à etnia, a empregada da secretaria, maquinalmente, escreveu «han».

Uma das três camas do meu quarto era ocupada por um hui, etnia muçulmana do norte da China.

– E tu, de que etnia és? – perguntou.

Lembrei-me do meu antigo confrade italiano e estive quase a responder que pertencia a uma minoria chamada «portuguesa», mas contive-me. Era o único estrangeiro internado no «306» e, além disso, jornalista. O diretor, um general, entrou-me um dia pelo quarto, acompanhado por meia dúzia de oficiais-médicos.

– Em que língua quer que lhe fale? – disparou, num fluente inglês com pronúncia americana.

Já tinha enriquecido o meu vocabulário com vários termos médicos, mas preferi manter a conversa em inglês e deixar o general brilhar junto do seu *staff*. Segundo me contaram depois, ele tinha estagiado num hospital de Nova Iorque e foi lá que se inspirou para desenhar o moderno bloco operatório do «306».

Para a fisioterapia, no entanto, recorri ao Hospital Sino-Japonês, considerado um dos melhores nesta especialidade e que ficava mais perto de casa.

Uma das enfermeiras era uma jovem han nascida e criada no Xinjiang, uma região autónoma da China, rica em petróleo e gás natural, que confina com o Afeganistão, Paquistão e várias ex-repúblicas soviéticas da Ásia Central.

– É uma região muito bonita – dizia.

«Bonita» e explosiva: em julho de 2009, a capital, Urumqi, foi palco dos mais violentos tumultos étnicos de que há memória no país. Morreram 197 pessoas, dois terços das quais han, e mais de 1700 ficaram feridas. O presidente Hu Jintao, que se encontrava em visita oficial à Europa, interrompeu a viagem e regressou a Pequim.

*

Os uigures são uma etnia de religião muçulmana, com uma língua e cultura de origem turca. Há 60 anos representavam cerca de 90% da população do Xinjiang; hoje são 45%, contra 40% de han. Na capital, os han já são mesmo maioritários, outra fonte de ressentimento, sobretudo entre os jovens uigures que têm de procurar emprego nas fábricas do litoral. Foi aí, aliás, que a violência começou – a mais de 3000 quilómetros de distância!

Dez dias antes dos tumultos em Urumqi, operários de uma fábrica de brinquedos de Shaoguan, na província de Guangdong, irromperam pelo dormitório dos trabalhadores uigures para «vingar a violação» de uma estagiária han, atribuída aos «malvados uigures». Era mentira, diria mais tarde a polícia, mas, entretanto, dois uigures foram mortalmente espancados e dezenas de outros ficaram feridos. (A fábrica empregava 18 000 trabalhadores, entre os quais 800 uigures). Diz-se que a polícia só apareceu ao fim de três horas, quando os telemóveis já tinham certamente levado a notícia – e as imagens – até ao longínquo Xinjiang. Dias depois, em Urumqi, começou a circular

entre os estudantes e intelectuais uma carta pedindo um inquérito ao que se passou em Shasguan, contaria um professor uigur.²⁰ Perante «a falta de resposta das autoridades», cerca de 200 pessoas, a maioria jovens, decidem promover uma manifestação de protesto no centro de Urumqi: era domingo, 5 de julho, às 18h00. O que se passou a seguir continua confuso. Segundo o governo chinês, «os distúrbios foram instigados e dirigidos do exterior», nomeadamente pela organização separatista Congresso Mundial Uigur, sediada nos Estados Unidos, e «executados por bandidos» armados com «barras de ferro, pedras e facas». «Nunca esperámos que um desfile de estudantes se transformasse numa violência tão feroz», disse o chefe do governo local, Nur Bekri.

O Congresso Mundial Uigur acusou a polícia de ter dispersado os manifestantes com «extrema violência». As autoridades afirmaram que os manifestantes se dividiram em pequenos grupos e, além de atacarem a polícia, desataram a agredir todos os han que encontravam pela frente. Dezenas de lojas e viaturas foram incendiadas. Ao princípio da noite já havia mortos. A internet, o serviço de SMS e as chamadas telefónicas internacionais foram imediatamente cortados, mas ao contrário do que aconteceu no ano anterior no Tibete, a imprensa estrangeira pôde deslocar-se a Urumqi. No hotel onde a maioria dos jornalistas ficou instalada havia mesmo ligação à internet – a única num território quase três vezes maior do que a Península Ibérica.

Centenas de pessoas foram presas. Até fevereiro de 2010, pelo menos 25 tinham sido condenadas à morte. O líder do PCC no Xinjiang, Wang Lequan, acabou por ser substituído e, quase um ano depois, as ligações à internet foram restabelecidas. O Xinjiang regressava à «normalidade», mas as dúvidas acerca da capacidade da liderança chinesa para enfrentar este tipo de manifestações não se dissiparam. Aparentemente, as autoridades locais não se aperceberam ou desvalorizaram a indignação causada pelos incidentes na fábrica de Shaogang. No próprio dia da manifestação em Urumqi garantiram ter «provas», incluindo escutas telefónicas, de que os «distúrbios» foram instigados por «separatistas conluiados com terroristas islâmicos», mas, ao mesmo tempo, pareceram impreparadas para essa «ameaça».

A «Revolução sexual» e a «Deusa da Virgindade»

Quase todos os anos, desde 2003, Li Yinhe envia à Assembleia Nacional Popular uma proposta para legalizar o casamento entre pessoas do mesmo sexo. «Os homossexuais são cidadãos chineses e há homossexuais que querem casar. A sua pretensão deve ser atendida porque não contraria os seus direitos enquanto cidadãos», lembrou Li Yinhe em 2013.

Li Yinhe, nascida em 1952, é uma das mais conhecidas sexólogas da Academia Chinesa de Ciências Sociais. Até há poucos anos, a homossexualidade era considerada uma «doença», mas como outros intelectuais da sua geração, Li Yinhe parece ter pressa em recuperar o tempo perdido. Embora a sua proposta nunca tenha sido agendada para discussão, o tema já não é ocultado. A decisão da Sociedade Chinesa de Psiquiatria de retirar a homossexualidade da lista de «perturbações mentais», em abril de 2001, é reconhecida como «um progresso social».

«Houve grandes mudanças. Já há muitos bares *gay* nas cidades (...) Nos últimos 30 anos produziu-se na China uma revolução sexual, feita de forma silenciosa e sem sobressaltos», disse Li Yinhe.²¹ É outra novidade, mas segundo a socióloga, «na milenar cultura da China, há exemplos de grande tolerância acerca da homossexualidade» e vários imperadores tiveram «companheiros homossexuais».

O professor Zhang Beichuan, da Universidade de Qingdao, estimava que havia cerca de 30 milhões de homossexuais no país, entre os quais dez milhões de lésbicas. Num estudo divulgado em 2010, Zhang Beichuan indica que quase dois terços (62%) escondem a sua orientação sexual.

A divulgação do estudo coincidiu com a abertura do primeiro bar *gay* subsidiado pelo governo. Ficava em Dali, cidade turística de Yunnan, província que confina com o «triângulo dourado do ópio» (Laos-Birmânia-Tailândia), e servia também como «centro de educação e informação sobre a sida». Segundo as autoridades, a sida estava a aumentar entre os homossexuais, que já constituem quase um terço dos seropositivos. Antes, afetava sobretudo os toxicod dependentes.

«Muitos homossexuais têm uma vida perfeitamente normal», comentou o vice-presidente da Sociedade Chinesa de Psiquiatria, Chen Yanfang, quando a organização anunciou a nova «Classificação e Critérios de Diagnóstico das Perturbações Mentais». A Holanda, entretanto, já tinha legalizado o casamento entre pessoas do mesmo sexo...

*

A causa de Tu Shiyou era a castidade. Chamavam-lhe mesmo a «Deusa da Virgindade».

Ex-professora primária, licenciada em jornalismo, Tu Shiyou criou um *website* onde criticava as jovens que mantinham relações sexuais antes do casamento. «A entrega ao prazer sexual pode provocar a decadência de um país», pregava Tu Shiyou. «Uma mulher solteira que perde a virgindade pode corromper a moral da sociedade.»

Em março de 2012, anunciou que queria casar, «de preferência com um funcionário público filiado no Partido Comunista» e «também virgem», com menos de 40 anos e curso universitário. Tu Shiyou já tinha 38 anos. Num país onde tradicionalmente as mulheres casam antes dos 27 anos, ela era já uma «sheng nu», uma «mulher que ficou para trás», segundo a terminologia adotada pela organização oficial das mulheres chinesas e que muitas feministas consideram ofensiva. Tu Shiyou pôs, contudo, uma condição: abstinência sexual nos primeiros três anos do matrimónio. «Se um homem conseguir preencher aquele requisito, isso significa que me ama verdadeiramente e que é sincero», justificou.

De acordo com uma sondagem publicada num jornal oficial, mais de 70% dos chineses entre os 20 e 40 anos disseram ter mantido relações sexuais antes do casamento. Em 1994 aquela percentagem rondava os 40% e em 1989 era de apenas 15%, realçou ao *Global Times* a sexóloga Li Yinhe. «Mudanças tão profundas em poucos anos não se vêem em países ocidentais.»

Mas a «Deusa da Virgindade» não estava sozinha. No ano anterior, uma delegada à Assembleia Nacional Popular qualificou a virgindade como «o dote mais precioso que uma rapariga pode dar à família do seu marido». Literalmente precioso: «Todos os anos, milhares de chinesas fazem uma operação para restaurar o hímen pouco antes do casamento para que os maridos possam ver sangue nos lençóis na noite da lua-de-mel», assinalou Richard Burger na abertura de um estudo sobre a sexualidade na China.²² «E as noivas sem posses para pagar os 4400 yuans da operação, podem dirigir-se a uma das 200 000 *sex-shops* do país ou ir à internet para comprar um hímen barato que deixa escoar sangue artificial quando perfurado.»

O «belo país»

No verão de 2010, Xangai acolheu a maior exposição universal de sempre, com a participação de 242 países e organizações internacionais. O tema era «Better cities, better life» (Melhores cidades, melhor qualidade de vida). Num jantar com três universitários, na esplanada de um restaurante tailandês, o tema da conversa foi estudar fora da China.

Ying Y., finalista de Direito, filho de um funcionário do Partido Comunista na vizinha província de Jiangsu, só pensava na pós-graduação nos Estados Unidos.

– O meu pai é o primeiro apoiar-me – disse.

A namorada tinha o mesmo plano e um dos seus melhores amigos também.

– Gostava de ir para Harvard ou Yale.

As universidades chinesas formaram 32,29 milhões de pessoas entre 2006 e 2010 – mais do que nas duas décadas anteriores. Nos últimos seis anos, a percentagem de candidatos ao ensino superior que podiam ser admitidos aumentou de 56% para 75% , mas as candidaturas diminuíram, sobretudo em Pequim e Xangai, os bastiões da classe média. Em 2012 candidataram-se apenas 9,07 milhões, menos 1,15 milhões do que em 2008. Uma das razões é o aumento dos que optam por universidades estrangeiras.

Pelas contas do Ministério da Educação, no ano letivo 2011/12 havia cerca de 340 000 pessoas a estudar no estrangeiro, mais de metade dos quais (194 000) nos Estados Unidos, um aumento de 19% e 23% respetivamente, em relação ao ano anterior. Economia e gestão, engenharia e ciências físicas e biológicas são as áreas mais procuradas. Um estudante chinês nos Estados Unidos gastará em média 250 000 yuans por ano e em quase todos os casos (320 000), são as famílias que pagam tudo. «Estudantes chineses injectam 5000 milhões de dólares na economia norte-americana», dizia um jornal.

«Nas famílias urbanas chinesas, a educação de uma criança é uma questão que envolve seis adultos de três gerações: dois pares de avós e dois pais farão tudo o que puderem para pagar os estudos do neto ou do filho», salientou um comentador. O ensino universitário na China já não é gratuito e como a cotação do yuan subiu muito face ao dólar e ao euro, as propinas fora do país tornaram-se mais acessíveis. Além disso, um curso superior já não é garantia absoluta de emprego. «Algumas empresas dão mesmo preferência aos quadros formados no estrangeiro», diz uma consultora europeia.

Estados Unidos, em chinês, diz-se Mei Guo, o belo país. É uma tradução sonora da palavra «América», mas Huang Qiaolong levou o nome à letra: a mansão que construiu em Hangzhou, na

costa leste da China, é uma réplica da Casa Branca – com a Sala Oval, o selo presidencial norte-americano estampado nas alcatifas e os outros adereços conhecidos. «É tudo como em Washington, só que é tudo meu», disse Huang Qiaolong a uma revista norte-americana.

O «presidente Huang», como os empregados lhe chamam, fez fortuna no imobiliário e no turismo. Quando construiu a sua Casa Branca, no final da década de 1990, era considerado um dos homens mais ricos da China. Poucos chineses terão dez milhões de dólares para gastar numa extravagância idêntica, mas quanto ao fascínio pela América, Huang Qiaolong não é um caso isolado.

Num inquérito sobre as 60 personalidades estrangeiras que mais influenciaram a China nos últimos 60 anos, Michael Jackson era o único músico moderno e entre os outros três nomes citados na área das artes e do espetáculo, havia mais dois americanos: Walt Disney e Steven Spielberg.

McDonald's, Pizza Hut ou Starbucks são aos milhares e os seus coloridos logos já fazem parte da paisagem urbana. O «Ken De Ji» – KFC (Kentucky Fried Chicken) – abria, em média, mais de um restaurante por dia. Falta ainda a Disneylândia, mas isso vai ser resolvido.

Em novembro de 2009, uma semana antes de Barack Obama visitar a China, o município de Xangai anunciou que o Governo central aprovou a construção de um parque da Disneylândia nos arredores da cidade – um investimento de 25 000 milhões de yuans, cuja primeira fase deverá estar concluída em 2015.

O «Reino das Bicicletas» começou a acelerar

O Jim (Gao Qiang) foi o primeiro amigo que fiz na China, em 1991. Poucos anos depois emigrou para a Califórnia e quando regresssei a Pequim ele continuava a viver nos Estados Unidos.

Um dia, ao fim da tarde, recebi uma chamada do Jim. Estava em Las Vegas, a iniciar o turno de trabalho.

- Que horas são aí?
- Quatro da manhã.
- Quatro da manhã?!
- This is a 24 hour city!

Jim começou o seu «sonho americano» a negociar artigos de caxemira importados da China. A seguir trabalhou numa empresa de transportes, com sede em Los Angeles, que distribuía produtos chineses pela Califórnia. Foi o período mais próspero. Entretanto, veio a crise, «o negócio caiu a pique». Jim mudou de profissão e de cidade. A mulher, que antes «não precisava de trabalhar», arranhou emprego num casino. Jim conduzia um táxi.

- É uma coisa temporária. Até a crise passar.

As dificuldades, mesmo as mais inesperadas, são sempre «temporárias». Hoje é melhor que ontem e amanhã será melhor que hoje. (Crise, em chinês, diz-se «wei ji» – «perigo» e «oportunidade»).

Quando o reencontrei, o Jim e um sócio chinês residente também nos «States» estavam à procura de «novas oportunidades», mas, desta vez, na China.

- Os negócios, agora, estão aqui.

Estávamos a beber café numa esplanada do *village* de Sanlitun: «Antigamente não havia sítios como este», observou logo o Jim.

*

Num país tão orgulhoso dos seus «5000 anos de História», o «antigamente» foi há 20 anos.

A China era, então, o «Reino das Bicicletas». Só em Pequim havia quase oito milhões – mais de uma por cada família. Muitas pessoas pedalavam duas horas por dia para ir trabalhar e regressar a casa. Pedalavam sempre à mesma velocidade, num longo pelotão de bicicletas pretas e pesadas que pareciam todas iguais. A marca mais conhecida, fabricada em Tianjin, chamava-se FeiGe, «Vôo de Pombo». Em Xangai era a Yong Jiu, «Para sempre»! Custavam mais de um mês de salário.

Em 2009, pela primeira vez, venderam-se mais automóveis na China do que nos Estados Unidos. As vendas continuaram a subir no ano seguinte (mais 32,87%!), para 18 milhões de veículos. Nas marcas topo de gama, sobretudo BMW, Audi e Mercedes, o aumento excedeu os 50%. Porsche, Ferrari e Rolls-Royce também registaram subidas espetaculares. «Há mais Porsches Cayenne em Pequim do que em qualquer cidade alemã», dizia uma repórter de Berlim. Os Audi pretos, com vidros fumados, eram muito apreciados pelos altos funcionários do governo. Alguns circulavam mesmo sem matrícula, com os bancos ainda forrados de plástico. Todos buzonavam.

No final de 2010, Pequim tinha quase cinco milhões de automóveis – mais do dobro do que seis anos antes. Outro «recorde» e novos problemas. Em termos de trânsito, Pequim foi considerada a pior capital do mundo, ao lado da Cidade do México – «pior» que Nova Deli ou Joanesburgo e «muito pior» que Tóquio ou Nova Iorque, que tinham cerca de oito milhões de automóveis. Nas horas mais congestionadas, cada vez mais longas, a velocidade média não passava dos 15 kms/hora – o andamento das bicicletas! Para «aliviar o trânsito e melhorar a qualidade do ar», as viaturas particulares paravam um dia por semana, de acordo com o último número da respetiva matrícula, mas diariamente havia, em média, mais 1900 novos carros em circulação. E no dia em que deviam parar os veículos com a matrícula terminada em 4, o número do azar, não se notava grande diferença!...

«Antes de a pobreza desaparecer já começámos a sentir os problemas da prosperidade. Quanto mais depressa avançamos mais nos encurralamos», protestou um jornal. «Será que chegou a altura de deixar cair Pequim como capital?». Vários urbanistas diziam que sim.

A partir de janeiro de 2011, o governo municipal limitou drasticamente a venda de novos automóveis, para apenas 20 000 por mês. O vice-presidente da câmara responsável pelo trânsito, Huang Wei, «demitiu-se» e foi colocado no longínquo Xinjiang – «a versão chinesa da Sibéria», assinalou o *Financial Times*.

O império da poupança

Noutras circunstâncias, Wang Hao seria um «trabalhador-modelo». Mas no inverno de 2009, quando o governo começou a apostar no «aumento do consumo interno» para compensar o declínio das exportações e outros efeitos da crise global, o programa de poupança que Wang Hao divulgou na internet, «Viver com 100 yuans por semana» (11 euros), parecia quase um apelo à subversão.

Não era fácil: um bilhete de metro, por exemplo, custava 2 yuans; ida e volta, cinco dias por semana, dava 20 yuans. Das cerca de 100 000 pessoas que aderiram ao programa, apenas um quinto conseguiu cumprir a meta fixada.

– A minha geração não sabe poupar. Eu antes também gastava tudo. Andava de táxi, comia fora, fumava...

Wang Hao, 25 anos, formado em *marketing*, já ia no terceiro emprego desde que saíra da universidade, em 2006. Pensava criar um dia a sua empresa, «na área da comunicação», mas por ora trabalhava numa agência imobiliária com capitais de Hong Kong, onde ganhava 5500 yuans (610 euros) por mês.

– Não é mau. Alguns dos meus antigos professores ganham menos.

Mais de metade do salário ficava no banco para amortizar o empréstimo da casa, um apartamento de 50 metros quadrados. Foi isso, aliás, que o levou a conceber o programa «Viver com 100 yuans por semana».

Desde que decidira comprar a casa, no verão anterior, Wang Hao passou a andar apenas em transportes públicos e, «exceto num ou outro fim de semana», deixou de comer em restaurantes. Almoçava na empresa, «por 8 yuans», e à noite jantava em casa, uma refeição que ele próprio cozinhava. Se toda a gente fizesse o mesmo, o «aumento da procura interna» desejado pelo governo nunca iria acontecer, mas Wang Hao não subscrevia essa tese.

– Também estou a ajudar a economia do país. Já comprei uma casa, o que é bom para a indústria da construção, e a seguir quero comprar um automóvel.

E, entretanto, tencionava ir a Hong Kong, na sua primeira viagem fora da China continental.

Embora parecesse «impossível», como lhe observou um antigo professor, Wang Hao ainda conseguia poupar 1000 yuans por mês (110 euros) – quase 20% do seu salário.

Wang Hao não é caso único. Alguns casais da classe média, sem filhos e com casa própria, chegam a poupar metade do salário. «Temos mesmo de poupar. A saúde na China é muito cara e a educação também», diz a secretária de uma empresa estrangeira.

No final de 2008, o valor das poupanças particulares depositadas nos bancos excedia os 20 biliões de yuans (2,2 biliões de euros), revelou um vice-governador do banco central, Yi Gang. Em

contrapartida, o montante dos empréstimos, incluindo créditos para compra de habitação, automóveis e outros bens, rondava 3,7 biliões de yuans (410 000 milhões de euros) – seis vezes menos do que as poupanças. O nível de endividamento das famílias chinesas é «bastante baixo» e, comparado com os Estados Unidos e os países europeus, o saldo é «muito saudável», realçou Yi Gang.

Os chineses pouparam, em média, cerca de 35% do seu rendimento. «Mesmo os ricos têm uma grande propensão para poupar», disse o professor Yu Yongding, diretor do Instituto de Política e Economia Internacional da Academia Chinesa de Ciências Sociais. «A China devia reduzir essa propensão».

Em Hangzhou, capital da província de Zhejiang, os funcionários públicos iam receber uma parte dos salários em vales de compras, para «fomentar o consumo e ajudar as empresas locais»...

No conjunto, o consumo representa pouco mais de um terço do PIB chinês, enquanto nos Estados Unidos chega aos 65%.

A «Utopia»

A Utopia, conhecida como «o refúgio dos esquerdistas chineses», não era fácil de encontrar. Ficava numa movimentada rua de Haidian, o bairro das universidades, no noroeste de Pequim, mas a única placa a assinalar a sua existência só aparecia mesmo à entrada da livraria, no 9.º andar de uma torre de apartamentos. Além de estantes com clássicos do marxismo-leninismo e ensaios sobre «a crise do capitalismo», a Utopia tinha uma sala de conferências decorada com duas palavras de ordem inscritas em caracteres amarelos sobre faixas de pano vermelho: «Sem Mao Zedong não havia a Nova China», «Só o Pensamento de Mao Zedong pode salvar a China».

A expressão «esquerdista» é quase pejorativa. «Cuidado com os desvios de direita, mas sobretudo com os de esquerda», avisou Deng Xiaoping. O gerente da Utopia, Fan Jinggang, limitava-se a dizer que, após a abertura da livraria, em 2003, «as vozes críticas da China encontraram uma casa».

«Vozes críticas?!...»

Os «esquerdistas» são panfletários à moda antiga, como se viu em dezembro de 2004, quando dois maoistas de Zhengzhou foram condenados a três anos de prisão. No 28.º aniversário da morte de Mao, distribuíram um comunicado proclamando que «as forças reacionárias encabeçadas pelos seguidores do capitalismo dentro do Partido usurparam o poder e dividiram entre si o património do Estado». Depois da morte de Mao, «a classe trabalhadora chinesa foi derrubada pela burguesia», «o emprego deixou de ser um direito garantido» e «como resultado do desperdício de recursos e da poluição ambiental, causados diretamente pela ganância da classe capitalista, a classe trabalhadora até perdeu o direito à comida saudável, à água limpa e ao ar puro». O julgamento não teve grande repercussão, o que para alguns marxistas-leninistas ocidentais mostra que «a história da oposição de esquerda na China é a menos coberta da China». Têm razão: os dissidentes chineses mais conhecidos no Ocidente são reformistas liberais – «reacionários seguidores do capitalismo», diriam os esquerdistas.

Zhengzhou foi também o palco de uma das raras manifestações de apoio ao «movimento de ocupação da Wall Street», em outubro de 2011, que reuniu centenas de pessoas. «Firme apoio à grande revolução do povo americano», era a palavra de ordem. Um pequeno grupo de intelectuais publicou no *site* da Utopia uma carta no mesmo tom: «A revolução popular democrática que irá varrer o mundo está a começar.»

O passado também estava a mudar. Mao, afinal, chegou a defender os capitalistas...

A cena passa-se nos últimos meses da guerra civil chinesa, quando o Exército Popular de Libertação avançava sobre Pequim e o governo nacionalista fugia para a ilha de Taiwan. Ao atravessar uma aldeia «libertada», Mao quis comprar cigarros, mas as lojas tinham sido

abandonadas pelos seus proprietários. «Temos de fazer regressar os capitalistas», diz o futuro presidente. Com uma inesperada candura, Mao reconhece que a Economia não era a sua “especialidade”. É uma cena de filme, claro: depois de tomar o poder, Mao encarnou um modelo radical de comunismo. Os empresários eram «inimigos de classe» e os seus filhos foram proibidos de entrar na universidade. Sapateiros, alfaiates e outros trabalhadores por conta própria eram «exploradores capitalistas». «Primeiro a Revolução, depois a produção.»

O filme foi um dos maiores sucessos do cinema chinês em 2009. Chama-se *Fundação de Uma República*, numa assumida alusão ao clássico de D.W. Griffith *Nascimento de uma Nação*. O filme de Griffith foi «o primeiro sucesso de massas» de Hollywood, realçou a imprensa, e «embora possa não ter o mesmo valor artístico, *Fundação de Uma República* visa redefinir a indústria cinematográfica na China». Obra de propaganda? «Hoje em dia, para ganhar audiências, não se pode fazer um filme de propaganda», respondeu um dos realizadores, Huang Jianxin.

*

A Utopia não era dada a revisionismos.

Em fevereiro de 2013, quando os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU (China, Estados Unidos, França, Reino Unido e Rússia) condenaram o terceiro ensaio nuclear norte-coreano, o *site* da Utopia publicou uma carta felicitando o governo de Pyongyang e o «respeitado camarada Kim Jong-un». «Apesar da pressão de várias forças reacionárias, o teste foi bem sucedido e prova que o Partido dos Trabalhadores da Coreia e o camarada Kim têm a capacidade e a determinação de conduzir o país socialista à prosperidade», diz a carta. Apresentada como «uma voz do povo», a carta acusa «forças hostis lideradas pelos Estados Unidos» de tentarem forçar «traidores» entre a liderança chinesa a «fazer qualquer coisa semelhante ao que aconteceu na URSS e trair o Partido e o Povo».

O *site* chegou a estar fechado em 2012 por se opor ao afastamento de Bo Xilai, mas Fang Jinggang parecia tranquilo: «A China agora aceita a existência de múltiplas vozes, por isso não deve haver problema em publicar aqui esta carta.»²³

Pequim, Nova Iorque

O título da exposição «Estou a pintar quadros enormes em Pequim» descrevia bem o que o japonês Aida Makoto andava a fazer na Mizuma & One – e que toda a gente podia ver. Ao fim de duas semanas, aquela galeria de Caochangdi estava transformada num ateliê, com o chão pejado de tintas, pincéis, lápis, folhas de papel, pedaços de pano, polaroides... e um escadote.

Em vez de uma obra acabada, o visitante deparava com o artista em ação, frente a uma tela com sete metros de comprimento e três de altura. Calma e minuciosamente, Aida Makoto ia desenhando «uma pilha de milhões de homens de negócios mortos e de equipamento de escritório» sobre altas montanhas cor de cinza. O ritual repetia-se todos os dias, de manhã à noite. Era um trabalho de três meses e incluía também um quadro de 4,2 metros de altura e 2,5 metros de largura, com dezenas de raparigas em fato de banho azul-cobalto a brincarem numa cascata. «Não voltarei ao Japão enquanto não acabar estes quadros», prometeu Aida Makoto.

Exposições ou *performances* como as de Makoto não são as únicas surpresas proporcionadas pelas centenas de novas galerias de Pequim e Caochangdi não é sequer a maior «área artística» da cidade. Esse título pertence à 798, uma zona de 50 hectares, com mais de 400 galerias, *boutiques*, cafés e restaurantes, que ocupa os terrenos e as oficinas de um antigo complexo industrial. Huang Rui, um dos primeiros artistas a instalar-se na 798, em 2002, estima que no final da década de 1990 Pequim teria apenas meia-dúzia de galerias e metade delas não ousava apresentar autores de vanguarda.

Galerias de Itália, Japão, Coreia do Sul, Alemanha, Estados Unidos e outros países também já se estabeleceram lá, ajudando a converter a 798 numa das mais concorridas atrações turísticas de Pequim, a seguir à Grande Muralha e à Cidade Proibida.

«A 798 é uma montra do melhor e do pior da arte contemporânea na China», escreveu a curadora francesa Bérénice Angrémy.

*

O búlgaro Nedko Solakov vinha de outro mundo. «I miss Socialism, may be...» (Tenho saudades do socialismo, talvez...) foi o título da sua primeira exposição na China, no final de 2010.

A nostalgia não se resumia ao sistema político e económico. «Na verdade, eu tenho saudades da minha juventude», escreveu Nedko Solakov, em inglês, na alta parede branca frente à porta da Galleria Continua, uma galeria da Toscana que tem uma filial na 798. Numa caligrafia quase

adolescente, escrita com marcador de feltro azul, Solakov assinalava que tinha 31 anos quando o Muro de Berlim caiu e os governos comunistas da Europa de Leste foram derrubados, em 1989: «Pensava que era já demasiado velho (...) O meu sentido de humor, no entanto, era mais ligeiro e mais alegre.»

No primeiro piso da galeria, entre 21 monitores de vídeo espalhados pelo chão, nove jogos de coloridos *maples* desenhavam outros tantos caracteres: «Wo Xian Nian She Hui Zhu Yi Ye Xu» – o título da exposição em chinês. Um monitor mostrava o que resta do mausoléu do antigo líder comunista búlgaro Georgi Dimitrov (1882-1949), demolido na década de 1990 – imagens de ruínas e abandono, exibindo «o confuso mundo interior de um homem de meia-idade que ainda acredita que um mundo melhor virá, de novo».

O segundo piso reunia 15 pinturas, em tela e em madeira. Neste caso, não havia «confusão»: «Estas obras de arte têm um único objetivo – serem vendidas», proclamava Solakov.

*

O fotógrafo Christopher Makos, que acompanhou Andy Warhol a Pequim em 1982, voltou 27 anos mais tarde e, pelo que viu, a capital chinesa «tem a mesma vitalidade que Nova Iorque na década de 1970».

Quadros de Zhang Xiaogang, Fang Lijun, Yue Minjun, Wang Guangyi ou Zeng Fanzhi – expoentes da «*pop* política» e do «realismo cínico» – vendem-se por centenas de milhares de dólares, ou até milhões. As espetaculares instalações de Ai Weiwei ou de Cai Guo-Qiang enchem grandes museus em Londres e Nova Iorque. Pelas contas da Art Price, cerca de um terço dos artistas plásticos que mais vendem no mundo são chineses e a China tornou-se o maior mercado mundial de arte.

Politicamente, o mais ativo – e irreverente – era Ai Weiwei. Filho de um consagrado poeta, nascido em 1953, Ai Weiwei viveu na década de 1980 em Nova Iorque. Foi consultor do ateliê suíço que desenhou o Estádio Olímpico de Pequim, mas recusou assistir à cerimónia de abertura dos Jogos, no dia 8 de agosto de 2008: 08.08.08 – uma rara sequência de três 8, o número chinês da sorte.

«O governo quer usar estes Jogos para se celebrar a si próprio e à sua política (...) Não há nada a celebrar», disse Ai Weiwei a uma revista alemã.²⁴ Na mesma entrevista, quando lhe perguntaram por que razão ainda não tinha sido preso, respondeu: «Também me ponho essa questão.» «Talvez seja por estar só», acrescentou. «Não pertença a nenhum grupo político e estou bastante fora do sistema.» Enganou-se.

Ai Weiwei foi preso em abril de 2011 no aeroporto de Pequim, quando ia embarcar para Hong Kong, e posteriormente acusado de evasão fiscal. Esteve detido quase três meses, e um ano e meio depois continuava impedido de viajar para fora da China.

As novas aventuras de Confúcio

«Pi Lin, Pi Kong» (Criticar Lin Biao, Criticar Confúcio). Os chineses com mais de 60 anos lembram-se bem desta «campanha política de massas», lançada em 1974 sob a direção da mulher de Mao Zedong, Jiang Qing – «Que a imagem de “sábio”, elevada aos píncaros pelos governantes reacionários através dos tempos, seja atirada para o caixote do lixo da História, pois é esse o único lugar que Confúcio merece». Confúcio era «um pensador decadente» e «o ideólogo e encarnado defensor do sistema esclavagista». Era...

Três décadas mais tarde, o organismo oficial encarregado de divulgar a língua e a cultura chinesas no estrangeiro adotou o nome de Instituto Confúcio. É a versão chinesa do Goethe-Institut, ou do Instituto Camões, com o dinamismo de uma potência emergente: oito anos depois, o Instituto Confúcio estava implantado numa centena de países, entre os quais Brasil e Portugal.

O antigo «sábio» é de novo venerado. «Como diz Confúcio, a harmonia é algo que devemos cultivar», disse Hu Jintao em 2005, num discurso muito citado e que consagraria a construção de «uma sociedade harmoniosa» como um dos objetivos estratégicos do país. Em Wei, uma vila da província de Hebei, com quase um milhão de habitantes, o «amor filial» – outro conceito associado a Confúcio – passou a ser um critério para a promoção dos quadros políticos. «Se os quadros não são leais aos pais, como é que eles podem ser leais ao povo, ao Partido Comunista e ao país?», argumentava o líder local, Qi Jinghai. O Industrial and Commercial Bank of China (ICBC), o maior banco do mundo, inspira-se na mesma fonte. «O sucesso é uma questão de harmonia. Este princípio da antiga filosofia confuciana é uma prioridade para a cultura da China e para o ICBC», diz a publicidade do banco.

Confúcio (Kong Zi, em chinês) parecia destinado a preencher o vazio ideológico causado pelo rápido abandono dos ideais revolucionários. Em janeiro de 2011, uma grande estátua de Confúcio foi colocada à entrada da Praça Tiananmen, o espaço mais sagrado do socialismo chinês. A estátua, uma peça de bronze com 7,9 metros de altura, assente num pedestal de pedra escura, erguia-se junto à porta Norte do novo Museu Nacional da China. Confúcio «é o símbolo da cultura tradicional chinesa, com grande impacto pelo mundo fora», justificou o diretor do museu, Li Zhangshen. A obra, encomendada ao presidente do Instituto de Escultura da Academia Chinesa de Artes, Wu Weishan, demorou um ano. «Na fase de transformação social que estamos a atravessar, precisávamos de um monumento cultural que transmitisse a nossa cultura tradicional, que é representada por Confúcio», afirmou o escultor.

Colocar a estátua de Confúcio naquele local «é uma tomada de posição política e não propriamente uma celebração artística», assinalou um sinólogo europeu radicado há mais de duas décadas em Pequim. «A separação ideológica entre a história imperial e a história moderna

acabou (...) É uma nova China que está, de facto, a erguer-se.»

No cinema, Confúcio teve de confrontar-se com James Cameron e... perdeu.

O primeiro filme chinês sobre a vida do «grande sábio» estreou em janeiro de 2010, quando *Avatar* registava um sucesso de bilheteira sem precedentes na China. De repente, a versão 2D do filme de Cameron foi retirada das salas e substituída por *Confúcio*, uma superprodução dirigida por uma conhecida realizadora de séries de televisão, Hu Mei, com um popular ator de Hong Kong, Chow Yun-Fat, no principal papel.

Na internet surgiram logo apelos para boicotar o filme de Hu Mei. (A outra versão de *Avatar* continuou em exibição, mas só um décimo das salas podiam projetar filmes em 3D.) Houve uma antestreia privada para os descendentes de Confúcio, que «aprovaram» o filme, mas a imprensa não gostou. Numa escala de 1 a 10, o popular bloguer Han Han deu-lhe apenas dois pontos. Um crítico da rádio considerou o filme «um soporífero». No balanço do ano, *Confúcio* não figuraria sequer entre os dez filmes mais lucrativos, lista encabeçada por *Avatar* e que, apesar da proteção ao cinema nacional, incluía mais quatro filmes estrangeiros.

A estátua colocada à entrada do Museu Nacional também não ficou lá muito tempo. Ao fim de três meses, sem qualquer explicação pública, foi retirada para o interior do edifício. A súbita mudança foi atribuída a uma «conspiração de académicos neomaoistas», mas houve outros intelectuais que discordaram da iniciativa. «Embora o confucionismo seja um parte essencial da cultura chinesa, não pode sintetizar todos os valores e ideais que a China moderna representa e aos quais aspira», afirmou um investigador da Academia Chinesa de Ciências Sociais. «O confucionismo é apenas uma das escolas filosóficas da China antiga e que nem sequer toda a gente subscreve», argumentavam outros. As feministas também não gostavam de *Confúcio*, atribuindo-lhe a origem do «chauvinismo machista» que continuaria a «flagelar» a sociedade chinesa. «De acordo com o confucionismo, uma mulher virtuosa deve submeter-se ao pai antes do casamento, ao marido depois de casar e ao filho após a morte do marido», escreveu a escritora Zhang Lijia.²⁵ «Indiscutivelmente, os comunistas chineses melhoraram bastante a condição da mulher mas não eliminaram a influência de Confúcio.»

Kong Wei Zhong, representante da 78.^a geração de descendentes de Confúcio, estava hospedado no Ritz-Carlton, na zona oriental de Pequim. Parecia cliente habitual do hotel, vestido com um fato tradicional. O pai, Kong Deyong, dirigiu a última «grande atualização» da árvore genealógica dos Kong, concluída em 2009.

– Em relação à anterior grande atualização, feita em 1937, no início da invasão japonesa, acrescentámos um milhão e meio de pessoas. Agora são cerca de dois milhões – diz Kong Wei Zhong.

Confúcio viveu no século IV A.C. É contemporâneo de Buda e de Lao Zi. Mais de 2000 anos depois, a sua família está espalhada por vários países e continentes.

– Só na Coreia do Sul há 100 000 descendentes de Confúcio. Mas a maioria vive na China.

A «grande atualização» da árvore genealógica realiza-se de 60 em 60 anos. A última demorou

13 anos. Segundo o «regulamento da família», a operação deve ser conduzida pelo decano do clã, Kong Dechang, radicado em Taiwan há mais de meio século. Nascido em 1920, Kong Dechang foi o último Kong a viver na Mansão Confúcio, entretanto convertida em museu em Qufu, a terra natal do pensador. Quem dirigiu a atualização, «com o acordo de Kong Dechang», foi o seu primo Kong Deyong, presidente da Associação Internacional Confúcio e pai de Kong Wei Zhong.

– O Partido Comunista precisa realmente do confucionismo. As pessoas não podem viver sem crenças nem religião – diz Kong Wei Zhong.

O culto da educação e do serviço público, o amor filial, o respeito pelos mais velhos e a moderação são algumas das «virtudes» associadas a Confúcio. Nem sempre foi assim: a infância de Kong Wei Zhong foi «um pesadelo». O pai era um parente próximo de Kong Dechang e a mãe uma chinesa ultramarina, o que na altura era quase sinónimo de espia.

Com cinco anos, Kong Wei Zhong e a mãe foram «enviados para o campo, sem sapatos, nem comida». Regressaram a Pequim em 1971, mas três anos depois foi lançada uma nova «campanha política de massas» e, desta vez, contra o próprio Confúcio e o ex-ministro da Defesa Lin Biao.

– Foi uma tragédia. Felizmente, a China está muito mais forte e a mentalidade das pessoas mudou muito.

Empresário farmacêutico, formado no Reino Unido, Kong Wei Zhong sustenta que «quando um partido está na oposição é contra Confúcio e quando está no poder precisa de Confúcio».

– A harmonia (defendida por Confúcio) é o contrário da revolução.

Kong Wei Zhong não considera Confúcio «conservador».

– A essência do pensamento de Confúcio é o amor e a tolerância. Confúcio ensina-nos a ser pessoas decentes.

O novo «number one»

Nancy Pelosi era presidente do Congresso dos Estados Unidos quando visitou a China em maio de 2009: «Estamos aqui para ouvir. Temos de aprender uns com os outros para podermos avançar.» A frase, muito citada pela imprensa chinesa, é mais do que uma cortesia diplomática. Dezoito anos antes, Nancy Pelosi e dois outros membros da Câmara dos Representantes (Ben Jones e John Miller) foram expulsos do país por terem desfraldado na Praça Tiananmen uma faixa de pano preta «em memória dos que morreram pela democracia na China».

A defesa dos direitos humanos continuava a ser «uma componente essencial» da política externa norte-americana, mas a nova secretária de Estado, Hillary Clinton, sustentava que as «pressões» nesse domínio não deviam «ocultar interesses comuns»: «Estamos no mesmo barco e, felizmente, estamos a remar na mesma direcção.»

*

No início do século XXI, a economia chinesa era a sétima do mundo, atrás da Itália, França, Reino Unido, Alemanha, Japão e Estados Unidos. Em 2010, já era a segunda e brevemente poderá ser a primeira. Antes da crise de 2008, um economista da Goldman Sachs, Jim O'Neill, previu que isso aconteceria em 2027. Provavelmente será antes... Talvez já em 2020, admitem alguns analistas, se o PIB chinês continuar a crescer acima dos 8% ao ano, o yuan se valorizar 40% face ao dólar e a economia americana crescer abaixo dos 3%...

«Made in China» ou «Made with China»?

Com as suas astronómicas reservas cambiais, a China está a comprar tudo o que pode, sobretudo na área da energia. Em três anos, a carteira do China Investment Corporation (CIC), o primeiro fundo soberano chinês, criado em 2007, com 200 000 milhões de dólares, aumentou quase 50%.

A divisão de computadores pessoais da IBM foi comprada por uma empresa chinesa. A Volvo também. O inverso seria impossível. Na indústria automóvel, a participação estrangeira não pode exceder 50% do capital. Nos transportes, na banca e nos seguros, as maiores empresas da China ainda são as estatais. Em sectores como as telecomunicações a única concorrência autorizada é entre operadores públicos. As províncias e municípios também competem entre si para atrair investimentos.

A situação, em 2011, era insólita: o país com as maiores reservas cambiais do globo figurava

em 90.º lugar quanto ao valor do PIB per capita – apenas 5417 dólares, menos do que a Argélia, Namíbia e outras nações africanas. Na mesma lista, elaborada pelo FMI, Portugal estava em 34.º lugar, com 22 359 dólares e os Estados Unidos em 14.º (48 328 dólares).

Paul Krugman passou por Pequim na primavera de 2009, cinco meses depois de receber o Prémio Nobel da Economia. Foi a sua primeira visita à China. O bilhete para assistir à conferência custava 5800 yuans – mais do que muitos professores universitários ganhavam por mês. «A China é um país onde compreender o que está realmente a acontecer é mais difícil do que nos outros países», disse Paul Krugman.²⁶

A recessão global estava na ordem do dia. Para a China, a previsão de crescimento não ia além dos 6%, o mais baixo das últimas duas décadas. Não foi assim: o PIB chinês cresceu 9,2% em 2009 e 10,3% no ano seguinte. Governantes ocidentais, de esquerda e de direita, passaram a considerar a China «o rebocador da recuperação económica mundial». O último grande país governado por um Partido Comunista parecia estar a converter-se numa espécie de salvador do capitalismo internacional. Um terço das suas reservas (1,1 biliões de dólares) estava, aliás, investido em títulos do Tesouro norte-americano.

Em 1979, um professor da Universidade de Harvard, Ezra Vogel, publicou um ensaio intitulado *Japan as Number One*. Foi um *best-seller*. O «declínio» da América continua na moda, mas o «number one», agora, é outro.

Entre as sete maiores empresas do mundo apuradas pela *Fortune* em 2012, três são chinesas: Sinopec, China National Petroleum e State Grid Corporation – três grupos estatais cujos lucros somaram 31 448 milhões de dólares. Na lista completa, «Fortune Global 500», a China é já o segundo país mais representado, com 73 companhias; há dez anos, eram apenas onze! No *ranking* dos bancos, o panorama é idêntico: entre os 15 maiores, quatro são chineses.

Xangai, Wall Street

Como era esperado, a Expo 2010 foi a mais concorrida exposição universal de sempre: quase 73 milhões de visitantes (mais nove milhões que o anterior recorde, que durava desde a Expo 1970, em Osaka). «Vamos mobilizar os recursos de todo o país e reunir a sabedoria do mundo inteiro para fazer em Xangai uma Expo inesquecível», prometera o presidente Hu Jintao.

As exposições universais costumam ser apresentadas como «o terceiro maior evento de massas do planeta», a seguir aos Jogos Olímpicos e ao Mundial de Futebol. Para o governo municipal de Xangai, eram o «primeiro». «Em toda a história da humanidade nunca houve nada assim», disse um responsável do comité organizador.

Foi a primeira exposição universal organizada por um país em vias de desenvolvimento, mas com os meios de uma grande potência. Contando com a extensão da rede do metropolitano, o novo terminal do aeroporto Hongqiao e outras infraestruturas, a Expo 2010 terá custado 400 000 milhões de yuans (cerca de 43 500 milhões de euros) – uma verba astronómica num mundo ainda mal refeito da pior recessão do último meio século. Uma siderurgia, um estaleiro naval e mais 270 fábricas foram encerrados e transferidos para os arredores, juntamente com os seus 70 000 trabalhadores. As 18 000 famílias que viviam na zona, em casas degradadas, seguiram o mesmo caminho.

No final do certame, o pavilhão de Portugal – um edifício de 2000 metros quadrados todo revestido de cortiça, decorado pelo arquiteto Carlos Couto – também estava em festa. Além de ter ganho um prémio de *design*, atribuído pelo Bureau International des Exhibitions, o pavilhão registou a maior afluência na história da participação portuguesa em exposições universais – quase cinco milhões de visitantes. «Uma praça para o mundo, um mundo de energias» foi o tema apresentado por Portugal.

*

Houve um dia em que a afluência à Expo ultrapassou o milhão de visitantes, mas a área mais concorrida de Xangai continuava a ser o Bund.

A marginal neoclássica da cidade foi renovada e ganhou até uma nova atração: uma réplica do touro de bronze da Wall Street, em Nova Iorque, desenhada também pelo escultor ítalo-americano Arturo Di Móica. A dimensão é a mesma (2,5 metros de altura e 3,3 metros de comprimento), mas o touro do Bund pesa quase o dobro: seis toneladas. A diferença maior é a

posição da cabeça do touro: em Nova Iorque está virada para a esquerda e em Xangai para a direita. «Um jovem touro cheio de energia e de aspirações é assim mesmo que parece. O de Xangai é o irmão mais novo do de Nova Iorque», explicou Di Módica. O touro de Xangai também é mais vermelho que dourado, aproximando-se da cor que os chineses costumam associar ao poder e à festa. «Parece mais jovem e mais enérgico do que o de Nova Iorque, simbolizando o dinamismo da economia de Xangai», afirmou um responsável municipal. «Xangai irradia uma nova sensualidade», proclamou uma revista.

A Louis Vuitton também deu uma ajuda, através de um inédito «duplo *chic*»: pela primeira vez em mais de um século e meio, a Louis Vuitton abriu duas lojas no mesmo dia e na mesma cidade, salientou um jornal local. É um recorde pouco proletário para a cidade que viu nascer o Partido Comunista Chinês, mas não foi o único símbolo de luxo a emergir entre a renovação urbana de Xangai. O primeiro edifício construído nas últimas décadas no Bund, e inaugurado durante a Expo, também tem uma marca inconfundível: The Peninsula. Situado no extremo oriental da marginal, junto à confluência do Suzhou Creek com o Huangpu, o Peninsula Shanghai mantém o estilo *art déco* do lendário Peace Hotel, construído na década de 1920, e gerido agora por uma cadeia norte-americana. Um quarto custava no mínimo 3680 yuans por dia (quase 400 euros) e as suítes variavam entre 7360 yuans (cerca de 750 euros) e 97 750 yuans (cerca de 9800 euros).

Arranha-céus e jardins

O Park Hotel, outro ícone *art déco* de Xangai, aberto em 1934, foi o mais alto edifício da cidade até à década de 1980: hoje, visto do topo do Shanghai World Financial Center (SWFC), parece insignificante.

Desenhado pelo arquiteto eslovaco Ladislav Hudec, o Guoji Fandian (Hotel Internacional), como é conhecido entre os motoristas de táxi, tem «apenas» 22 andares: menos 78 que o SWFC, o mais alto edifício da China e um dos mais altos do mundo, inaugurado em 2008.

A subida ao 100.º andar daquele arranha-céus é uma das novas atrações turísticas de Xangai: custa 150 yuans (17 euros) – um décimo do salário mínimo mensal na cidade.

O elevador, uma cabine toda branca e com uma banda sonora que faz lembrar o batimento do coração, sobe oito metros por segundo até ao 94.º andar, de onde se parte depois em escada rolante para os pisos superiores.

Ao fim de um minuto, a imensa Xangai está aos pés do visitante: «uma nova vista e uma nova experiência», garante a publicidade, ignorando altivamente os que sofrem de vertigens. O Jinmao, um edifício de 88 andares, mesmo ao lado do SWFC, fica «lá em baixo». O Bund, na margem ocidental do Huangpu, parece uma maquete.

Projetado por um ateliê de Chicago (Skidmore, Owings & Merrill), o Jinmao foi durante dez anos o mais alto arranha-céus da China. O bar do último andar, chamado Nuvem, já não proporciona a melhor vista da cidade: esse título, agora, pertence ao SWFC, cujo 100.º andar, todo envidraçado, também adotou um nome comercialmente apelativo – Skywalk.

Na mesma zona – Lujiazui, em Pudong, a margem oriental do Huangpu – está a ser construído um edifício ainda mais alto, a Torre Xangai, com 632 metros de altura e inauguração prevista para 2014.

A velocidade com que a paisagem se transforma é impressionante. Em meados da década de 1990, não havia um único edifício com mais de 170 metros de altura; 15 anos depois já havia 50. Construída em vidro, aço e betão reforçado, a Xangai vertical ilustra bem a «emergência da China». A própria cidade parece levitar, assumindo a vocação inscrita no seu nome - Xangai, em chinês, diz-se Shang Hai, que significa, literalmente, «acima do mar».

*

Será possível ouvir pássaros a chilrear numa cidade assim?!.. Sim, no Xiangyang Park. É um

jardim de «estilo francês», com apenas 2,2 hectares, mas chega para interromper o bulício de uma metrópole cuja economia cresceu em média mais de 10% ao ano durante as últimas duas décadas e continua num trepidante ritmo de crescimento.

Situado no n.º 1008 da Huaihai Lu, o Xiangyang Park confina, aliás, com duas altas torres de escritórios. O mais surpreendente é a atitude das pessoas que ali acorrem diariamente, para conviver e fazer exercício físico. Excetuando jogadores de cartas e alguns praticantes de meditação, ninguém está parado.

Estudantes de artes marciais, de calças e túnica de seda branca, vêm em pequenos grupos, de oito ou dez, acompanhados por um mestre. Pares de reformados dançam valsas e outras músicas antigas, difundidas por um leitor de cassetes, ao longo da alameda central do jardim, bordejada por altos plátanos. Mas a maioria pratica ou improvisa uma ginástica pessoal, feita de lentos e silenciosos movimentos que libertam a circulação do «qi» (energia vital) dentro do corpo. Há até quem se limite a esfregar as mãos e as costas no tronco de uma árvore ou se entregue à caligrafia, desenhando no chão, com um pincel molhado em água, os traços que compõem cada carácter chinês. O que conta é o movimento. Mesmo as vigilantes têm frequentemente de levantar-se, para lembrar aos visitantes distraídos que é «proibido pisar a relva». Os jornais do dia, afixados em vitrinas, são lidos de pé e é também nessa posição que muitas pessoas conversam, enquanto vão balanceando os braços ou rodando as ancas.

Aberto 12 horas por dia, a partir das 06h00, o Xiangyang Park é um de dezenas de retângulos verdes que salpicam o mapa de Xangai. Um dos maiores – o Parque do Povo, construído em 1952 no terreno do antigo hipódromo britânico – não chega a dez hectares, muito mais pequeno que o Central Park de Nova Iorque ou o Hyde Park, em Londres.

Não há grandes parques, mas «todo o recanto é tratado», salientou o arquiteto e urbanista Manuel Salgado quando visitou Xangai no verão de 2010.

– São tratados os viadutos com trepadeiras, são tratados os muros e as esquinas das ruas, com muitas flores e plantas, e muita sapiência.

Na sua primeira visita a Xangai, o então vice-presidente da câmara de Lisboa manifestou-se especialmente agradado com «a qualidade dos espaços verdes» da cidade.

– Vê-se que o jardim é qualquer coisa que tem enorme importância para os chineses e à qual dedicam grande atenção.

A «bofetada» do Comité Nobel norueguês

Em 2010, o prestígio internacional da China parecia mais alto do que nunca, impulsionado pelo generalizado apreço pela organização dos Jogos Olímpicos de Pequim, o sucesso da Expo de Xangai e os elogios ocidentais à resposta do governo chinês à crise económica global. O próprio presidente Barack Obama, que se deslocou a Pequim logo no primeiro ano do seu mandato, considerou que «a parceria com a China tem sido decisiva para sair da pior recessão económica numa geração». A diplomacia chinesa, habitualmente discreta, também se mostrava mais confiante. E «mais assertiva», diziam diplomatas europeus colocados em Pequim.

No verão desse ano, durante uma visita a Oslo, um governante chinês advertiu o Comité Nobel norueguês que a atribuição do prémio da Paz a Liu Xiaobo – defendida pelo antigo presidente checo Vaclav Havel – seria vista como «um ato inamistoso». Poucas semanas depois, foi isso mesmo que aconteceu – «uma bofetada na face do governo chinês», como disse o editor de uma revista conotada com a «linha reformista».

Considerada pelas autoridades «um insulto à soberania judicial da China» e «uma demonstração de arrogância e preconceito», a escolha do Comité Nobel norueguês reavivou a desconfiança acerca do «complô ocidental para conter a China». Nos últimos 30 anos, «a China alcançou o mais extraordinário progresso social e económico», mas «parece que, em vez da paz e unidade da China, o Comité Nobel gostaria de ver o país dividido por fraturas ideológicas ou, melhor ainda, entrar em colapso como a União Soviética», disse um jornal.

Antigo professor universitário e crítico literário, Liu Xiaobo nasceu em 1956. Nas últimas duas décadas esteve preso por três vezes e em dezembro de 2009 foi condenado a 11 anos de prisão por «actividades que visavam derrubar o poder de Estado». Para o governo chinês, trata-se de «um criminoso condenado por violar as leis da China». O Comité Nobel distinguiu-o «pela sua longa e não violenta luta pelos direitos fundamentais na China».

Como Wang Dan, Wei Jingsheng, Wang Juntao, Xu Wenli e outros dissidentes anteriormente condenados por «atividades subversivas», Liu Xiaobo poderá vir a ser libertado por «razões humanitárias» e «autorizado a receber tratamento médico fora do país». Por ora, continuava preso numa cadeia de Jinzhou, a 450 quilómetros ao norte de Pequim. A mulher, Liu Xia, foi colocada em prisão domiciliária e impedida de ir a Oslo receber o prémio em nome do marido.

A última prisão de Liu Xiaobo ocorreu em dezembro de 2008, após a divulgação na internet de um abaixo-assinado apelando à «eleição direta de todos os órgãos legislativos», ao «fim do regime de partido único» e à «independência do poder judicial». O manifesto, intitulado «Carta 08», inspira-se na Carta 77 que Vaclav Havel promoveu na antiga Checoslováquia. Cerca de 300 académicos, advogados, artistas e intelectuais subscreveram inicialmente a «Carta 08», mas dois

anos depois já teria recolhido 10 000 assinaturas. «Na China há muitas leis mas não o primado da lei, há uma Constituição mas não um governo constitucional. A elite dirigente continua apegada ao seu poder autoritário e rejeita qualquer iniciativa para a mudança política», diz a «Carta 08».

Num artigo publicado na revista *New Yorker*, Zha Jianying apresenta Liu Xiaobo como «um campeão de reformas políticas não revolucionárias», que «embora crítico do governo, lhe dá crédito pelas reformas económicas». ²⁷ O Nobel da Paz 2010 defende «reformas políticas graduais, pacíficas, ordeiras e controláveis» e considera que «a ordem de um mau governo é melhor que o caos da anarquia», escreveu Zha Jianying, citando Liu Xiaobo.

Autora do ensaio *China Pop*, sobre a transformação cultural na década de 1990, Zha Jianying foi das primeiras chinesas autorizadas a estudar numa universidade norte-americana, em 1981. No artigo para a *New Yorker*, ela recorda uma frase que Liu Xiaobo pronunciou em tribunal: «Não tenho inimigos nem ódio.» Yu Jie, um dissidente convertido ao cristianismo, comparou-o a Sakharov e a Nelson Mandela. ²⁸

*

Sidney Rittenberg regressou em 1980 aos Estados Unidos, onde criou uma empresa de consultoria sobre a China. Fala fluentemente chinês e, apesar da idade, viaja com frequência até Pequim. A mulher, chinesa, adquiriu a nacionalidade americana.

Em novembro de 2009, antes de Obama visitar a China, Sidney Rittenberg partilhou as suas impressões com o Clube dos Correspondentes Estrangeiros: «Pela primeira vez na sua História, a China está a integrar-se no mundo (...) Os chineses não morrem de amores pelo Partido Comunista, mas apoiam-no porque o Partido desenvolveu a economia e elevou o estatuto internacional da China (...) Este país nunca teve tantas liberdades individuais como agora (...) Toda a gente critica o governo, até os informadores se queixam (...) Mas desafiar o poder do Partido Comunista, isso não é permitido e acaba na prisão.»

«Pessoas como Liu Xiaobo não devem ser autorizadas a travar o progresso da China», afirmou um alto funcionário chinês num encontro com jornalistas europeus. «A Checoslováquia estava sob a sombra de uma grande potência e com a economia estagnada (...) Não é altura para termos aqui uma Carta 77.»

O PCC sempre defendeu que «o direito ao desenvolvimento é o mais importante dos direitos humanos», mas, perante a persistente crise na Europa e nos Estados Unidos, os seus intelectuais pareciam mais confiantes e descomplexados. «A democracia é apenas um meio de governar, que não gera necessariamente riqueza», dizia Zhang Weiwei. ²⁹ Para este professor de Relações Internacionais em Genebra, «as eleições não são a única forma de democracia» e a «democracia ocidental» será mesmo responsável pela «desintegração» de muitos países. Parafraseando Winston Churchill, Zhang Weiwei afirmava que «a forma de desenvolvimento da China é a pior,

com exceção de todas as outras» e «especialmente da que foi seguida pelos países em vias de desenvolvimento que adotaram a forma ocidental de democracia». «A democracia ocidental desintegrou muitos países porque as condições para a democracia, incluindo uma tradição jurídica e uma cultura política relativamente tolerante, não existiam», afirmou Zhang Weiwei.

Outros académicos argumentavam que as experiências de «democracia ocidental» no nordeste asiático (Japão, Coreia do Sul e Taiwan) ocorreram numa «espécie de protetorados dos Estados Unidos» e os dois primeiros ainda têm tropas americanas nos seus territórios. «O poder de atração dos países ocidentais não assenta no seu programa político, mas no estilo de vida, parcialmente alcançado com recursos globais», disse o *Global Times* a propósito do levantamento popular egípcio que derrubou o presidente Mubarak, em fevereiro de 2011. Num editorial intitulado «A democracia é mais colorida do que se imagina», o jornal advertiu que a vaga de democratização no Médio Oriente «não conduzirá a uma ocidentalização global» e poderá até fazer emergir «governos mais antiocidentais» do que as antigas ditaduras, como aconteceu em vários países latino-americanos.

Em março de 2011, o primeiro-ministro, Wen Jiabao, defendeu «a criação de condições para o povo criticar e supervisionar o governo». «O coração do povo é a vida de um país. Se queremos atender às queixas do povo e satisfazer os seus desejos, temos de criar as condições para o povo criticar e supervisionar o governo», disse. Wen Jiabao insistiu, contudo, que o processo de reforma política deve ser «ordeiro» e «liderado» pelo Partido Comunista.

Um estudo da Academia Chinesa de Ciências Sociais admitia que o país poderá tornar-se uma democracia em 2040, quando alcançar um nível de «desenvolvimento médio» e o PIB *per capita* exceder os 20 000 dólares – três vezes mais do que em 2012.³⁰

Dominar o mundo?!

No final de 2011, a empresa estatal China Three Gorges ganhou um concurso internacional para a compra de 21,35% do capital da Electricidade de Portugal (EDP), tornando-se o principal acionista da companhia. Foi das maiores aquisições da China na Europa, no valor de 2700 milhões de euros, e um contributo suplementar para um dos debates geoestratégicos da atualidade. «A China vai mesmo dominar o mundo no século XXI?», perguntava um influente jornal. «É possível», admitia um académico.

A China abala o mundo, A Ascensão do Dragão, O Século Chinês, O Dragão Devorador... Os títulos são cada vez mais bombásticos. O mais estrondoso pertence ao editor da revista britânica *Marxism Today* Martin Jacques *Quando a China Mandar no Mundo – O fim do mundo ocidental e o nascimento de uma nova ordem global*.

*

«Dominar o mundo?!»... Liu Peidong riu-se.

– Não se preocupem com isso. A China está a desenvolver-se muito depressa e para quem vê a China de fora o que sobressai é isso. Mas nós, cá dentro, sabemos que há muitos problemas.

A conversa decorre num gabinete com uma secretária, duas cadeiras e um armário. A única decoração é o mapa-mundo colado na parede. Como em todos os planisférios impressos na China, o oceano Pacífico está no centro, envolvido pela Ásia Oriental e pela América do Norte.

Engenheiro, nascido em 1979, Liu Peidong é vice-diretor de *marketing* de uma empresa estatal de telecomunicações com cerca de 3000 empregados, cotada na Bolsa de Hong Kong e muito ativa em África. Ele próprio viveu três anos na Etiópia.

– É uma terra onde tudo parece mais puro. Gosto de África.

Liu Peidong faz parte da nova classe média. Não é rico mas já tem um automóvel – um QQ, um mini de cinco portas, que custou 43 000 yuans (5300 euros). É uma das marcas chinesas mais baratas, fabricadas no leste do país. A casa, em contrapartida, foi «demasiado cara»: entre a 3.^a e a 4.^a Circulares de Pequim, a 20 quilómetros do centro, o preço médio rondava os 35 000 yuans (4330 euros) por metro quadrado. Liu Peidong, a mulher e a filha vivem num apartamento de 124 metros quadrados, comprado em 2011 com um empréstimo bancário.

– Antigamente, as pessoas tinham pouco dinheiro, mas também havia poucas coisas para comprar. A casa, o emprego, a saúde e a educação eram asseguradas pelo governo. Agora temos

de comprar tudo.

O «agora» começou em 1992, quando o XIV Congresso do PCC decidiu abolir o sistema de planificação central e converter-se à economia de mercado.

– A China está no bom caminho, mas ainda tem muito para andar.

Liu Peidong exemplificou a ideia assim: «Um hotel de cinco estrelas, na China ou na Europa, tem as mesmas infraestruturas, mas a qualidade do serviço é diferente.»

A inovação era outro «problema».

– Os professores, aqui, ensinam os estudantes a responder a perguntas e a passar nos exames; nos países ocidentais ensinam-os a fazer perguntas.

Para refutar os argumentos acerca da «ameaça chinesa», Liu Peidong evoca a História.

– Mesmo nas dinastias mais poderosas, como a Tang (há mais de 1000 anos) ou a Ming (1368-1644), a China nunca invadiu outros países.

E dentro de 30 anos, como será a China?

– Gostaria que fosse como Hong Kong, por exemplo. Uma sociedade onde tudo é ordenado e feito de acordo com a lei.

*

O «novo nacionalismo» chinês não é, contudo, uma invenção ocidental. Basta ler os editoriais do *Global Times*, um tabloide populista, com edições em chinês e inglês, propriedade do grupo *Diário do Povo*. Uma das ideias apregoadas pelo jornal é «reduzir o Ocidente a uma referência geográfica e cultural» e desenvolver as relações com a União Europeia como «um contrapeso» à influência dos Estados Unidos: «Os dias em que as nações ocidentais se juntavam para derrotar a União Soviética acabaram. Não haverá outra União Soviética.»

Em janeiro de 2011, dias antes da visita do secretário norte-americano da Defesa, Robert Gates, o *Global Times* advertiu que a China poderá um dia «competir com a máquina de guerra dos Estados Unidos». O editorial era triunfalista: «A superioridade militar dos Estados Unidos está inevitavelmente a diminuir (...) a maioria das potências desejaria que a sua superioridade durasse para sempre», mas «a longo prazo, a China terá armas capazes de competir» com os Estados Unidos.

Os novos nacionalistas sustentam que há «diferenças significativas» entre os países ocidentais e estes «não agem sempre como um bloco». «Qualquer tentativa de pintar a China como uma ameaça não terá impacto nos países ocidentais porque eles não podem permitir-se perder um parceiro comercial e um mercado tão grande só para obter ganhos políticos e estratégicos.»

«Depois de entrar no século XXI, o núcleo da civilização está a mudar para os novos países emergentes (...) Os critérios de modernidade e padrões morais não podem continuar para sempre nas mãos do Ocidente», proclamou o *Global Times* quando o Comité Nobel distinguiu Liu

Xiaobo. «A maioria dos aplausos pelo Nobel da Paz 2010 veio dos países ocidentais, mas há cada vez mais nações em vias de desenvolvimento a tornarem-se aliadas da China.»

Para Yan Xuetong, «a ascensão da China está garantida por natureza». Nos últimos 2000 anos, «a China teve várias vezes o estatuto de super potência» e antes da Guerra do Ópio (1839-42) representava «30% do Produto Mundial Bruto», diz aquele professor de Ciências Políticas, doutorado na Califórnia. «O declínio da China é um erro histórico que deve ser corrigido.»

A «ascensão» da China – ou «desenvolvimento pacífico», como o governo prefere – suscita também inquietações. Joshua Cooper Ramo, diretor-executivo da consultora Kissinger Associates, pôs a questão assim: «O que é a China? Um país amigo? Inimigo? A China está a mudar tão depressa que nós, de facto, ainda não sabemos.»³¹

Alguns líderes chineses parecem acreditar que, no fundo, os Estados Unidos querem «conter a China». E em Washington também não faltarão políticos que encaram a China como «uma ameaça».

«O que é que a China procura? Aceitação ou vingança?», insiste Joshua Cooper Ramo. A resposta também é enigmática: «Ninguém conhece a resposta.» E isso, diz Joshua Ramo, é «o problema».

O professor Wang Hui, um teórico associado à «Nova Esquerda» e um dos «100 intelectuais públicos mais importantes do mundo» identificados pela revista *Foreign Policy* em 2008, pensa que «a ascensão da China ocorreu mais depressa do que estava previsto» e que o país «talvez esteja ainda a tentar ajustar-se à sua nova identidade internacional».³²

A China parece por vezes «uma superpotência relutante», com receio de assumir as suas «responsabilidades globais». David Shambaugh chama-lhe «uma potência parcial» e que «não está pronta para a liderança global». «As suas políticas económicas são mercantilistas e a sua diplomacia passiva (...) A China é uma potência estratégica solitária, “sem aliados”», afirma Shambaugh.

O poeta milionário

Poeta, milionário e alpinista de sucesso, Huang Nubo já era uma personagem invulgar quando se propôs comprar uma pequena parte da Islândia, no verão de 2011. Mas em vez de aumentar a lista de excentricidades dos novos-ricos chineses, o «*resort* de luxo» que pretendia construir no nordeste daquela ilha reacendeu a desconfiança ocidental acerca das relações entre a iniciativa privada e o poder político na China e acabou por ser inviabilizado.

O projetado investimento de Huang, no valor de 200 milhões de dólares, envolvia a construção de um hotel, um campo de golfe e outras instalações desportivas num parque de 300 quilómetros quadrados – 0,3% da área do país – na região de Grímsstadir a Fjöllum, nordeste da Islândia. Segundo a imprensa chinesa, a proposta era apoiada por vários governantes locais, incluindo o ministro da Economia, Árni Árnason. A embaixadora da Islândia na China, Kristín Árnadóttir, que considerava Huang «um investidor poético» e «um grande amante da natureza», também parecia concordar com a ideia.

Presidente do Zhongkun Investment Group, consórcio com sede em Pequim e negócios imobiliários na China, Estados Unidos e Japão, Huang gosta de dizer que, «acima de tudo», é um poeta. «Os poetas não são necessariamente melancólicos (...) Podem ser positivos, apegados à natureza e à vida, e cheios de energia – como eu.» Nascido em 1956, Huang é também vice-presidente da Associação Chinesa de Alpinismo, com um currículo que inclui a subida ao Monte Evereste e outros altos cumes do planeta.

O seu projeto islandês foi descrito na imprensa internacional como «aparente manobra do governo chinês para ganhar um acesso estratégico ao Ártico». A «suspeita» – indicou a revista *The Economist* – assenta no passado de Huang.

Formado em literatura, Huang trabalhou no departamento de propaganda do Partido Comunista Chinês e no Ministério das Obras Públicas antes de se estabelecer por conta própria, em 1993. Nesse aspeto, o seu percurso não difere muito de outros compatriotas que conseguiram concretizar uma das máximas atribuídas a Deng Xiaoping : «Enriquecer é Glorioso.»

A ascensão global da China foi, contudo, mais rápida do que muitos governos previam e, poesia à parte, alguns parecem não saber ainda como se adaptar. Em novembro de 2011, o governo islandês acabou por chumbar o projeto de Huang. «Não é possível aprovar o pedido da companhia chinesa (...) Estamos a falar da compra de uma parcela de terra tão grande que, se concordássemos em abrir uma exceção, podia dizer-se que a lei era nula», disse o ministro do Interior islandês, Ögmundur Jónasson.

«Os países ocidentais estão sempre a exortar a China a abrir-se cada vez mais, mas, ao mesmo tempo, criam barreiras comerciais e obstáculos aos investidores e companhias chinesas», respondeu Huang Nubo numa entrevista ao *Global Times*.

Já em 2005, a CNOOC (China National Offshore Oil Corporation) tinha oferecido 18 000 milhões de dólares por uma grande petrolífera dos Estados Unidos, a Unacol, mas o governo norte-americano opôs-se ao negócio, por «razões de segurança nacional». (Sete anos mais tarde, a CNOOC comprou a canadiana Nexen por 15 100 milhões de dólares, na maior aquisição feita pela China fora das suas fronteiras). A proposta de compra da revista *Newsweek* pelo grupo proprietário do *Semanário do Sul*, um dos títulos mais conhecidos da imprensa chinesa, muito prestigiado nos meios liberais, foi também rejeitada por alegadas «razões não económicas». «Não foi por causa do dinheiro que a proposta chinesa ficou de fora», disse o diretor do *Semanário do Sul*, Xiang Xi.

A Huawei – um dos maiores fabricantes mundiais de equipamentos de telecomunicações, com cerca de 150 000 empregados em dezenas de países – também é frequentemente questionada devido ao passado do seu presidente, Ren Zhengfei. Antes de fundar a Huawei, em 1988, Ren Zhengfei foi oficial do Exército Popular de Libertação (nome oficial das Forças Armadas chinesas). Como o Zhongkun Investment Group, de Huang Nubo, a Huawei é uma empresa privada, mas «na China, o Estado nunca está muito longe», costumam dizer analistas ocidentais. «O capitalismo está a crescer mas ainda é minoritário. O Estado continua a dominar», disse-me uma antiga professora de Economia, formada na primeira metade da década de 1980, e que, entretanto, também se estabeleceu por conta própria. E para que eu não duvidasse da sua competência na matéria, referiu uma proeza intelectual: «Li os três volumes de *O Capital*, de Karl Marx.»

A tradição acabou mesmo?

Ma Yansong respondia a tudo com uma espécie de palavra de ordem.

Pequim está a ser descaracterizada pela vertiginosa construção de torres de escritório e altos blocos de apartamentos?

– Pequim será sempre Pequim. Não é copiando fórmulas antigas que se respeita o passado.

Os projetos encomendados a Rem Koolhaas, Zaha Hadid, Steven Holl, Paul Andreu e outras estrelas mundiais da arquitetura violam a identidade de Pequim?

– O intercâmbio é muito importante. Manhattan também começou de forma internacional.

A irreverência do discurso, no verão de 2008, condizia com os sapatos, um par de *crocs* às bolinhas pretas e brancas...

Ma Yansong, nascido em 1975, é um dos mais conhecidos arquitetos chineses. Estudou em Pequim, a sua terra natal, e fez depois um mestrado em Yale, onde foi aluno de Zaha Hadid. «Nas aulas não falávamos muito de arquitetura. Falávamos sobretudo de arte contemporânea», recordaria Ma Yansong. A seguir trabalhou em Londres e em 2004 regressou à China. O seu ateliê, chamado MAD – nome que em chinês soa como *fuck* (Ma De) –, foi o primeiro do país a ganhar um concurso fora da China: um edifício de linhas curvilíneas, com 50 andares, em Toronto, que a imprensa canadiana batizou Torre Marylin.

– A arquitetura deve ser sensual.

Ma Yansong é também o autor do projeto Pequim 2050, apresentado numa Bienal de Veneza, que propõe a transformação da Praça Tiananmen numa zona verde.

– Talvez se concretize antes de 2050.

«Uma China madura e democrática» deverá entretanto «emergir» e «espaços para grandes manifestações políticas e paradas militares talvez já não sejam necessários». A austera praça, desenhada no final da década de 1950, tornar-se-á então num «espaço urbano cheio de vida e a maior área verde no centro de Pequim».

– O que é tradicional, na China, é desafiar a tradição.

*

A China já tinha um terço dos 100 edifícios mais altos do mundo e segundo um estudo publicado em Taiwan, em 2017 terá mais arranha-céus que os Estados Unidos. No final de 2012 estavam em construção no país 470 edifícios com mais de 150 metros, o que significa que, em

média, todos os cinco dias haverá um novo arranha-céus na paisagem. Um dos maiores, em Xangai, terá 632 metros de altura, mas há outro, projetado para Shenzhen, que chegará aos 646 metros.

Wang Shu, o primeiro chinês galardoado com o Prémio Pritzker, o «Nobel da Arquitetura», em 2012, não parecia gostar muito do que via à sua volta. Numa conferência em Pequim, na véspera de receber o prémio, Wang Shu lamentou que a China se tenha transformado num «país completamente novo». «Estamos inseguros acerca do nosso futuro e da nossa tradição.» Meses depois, em entrevista à CNN, Wang Shu foi mais explícito: «Na China, agora, todas as construções se tornaram modernas e tudo é cimento, o que na China é barato.»

Uma «nova arquitetura chinesa»? Wang Shu considera que «isso é muito difícil porque a tradição parou e o sistema chinês de valores parou – tudo é diferente (...) Na China, a coisa mais importante é a natureza. Não são os seres humanos, não é a arquitetura – é a natureza (...) O maior problema para a China atual não tem que ver com a economia – tem que ver com o facto que as pessoas perderam a confiança na sua cultura». Wang Shu vê a arquitetura tradicional chinesa como «um trabalho de artesão». «Durante muito tempo não tivemos teoria ou história da arquitetura, não tínhamos arquitetos – só tínhamos artesãos (...) Na década de 1990, não tive qualquer emprego formal. Só trabalhava com artesãos (...) Queria esquecer tudo o que tinha aprendido na escola de arquitetura», disse Wang Shu à CNN.

Wang Shu vivia em Hangzhou, capital da província de Zhejiang, costa leste da China. Era lá, também, que estava sediado o ateliê que fundou em 1998 com a mulher, a arquiteta Lu Wenyu. O nome, em inglês, é um programa, ou uma filosofia: Amateur Architecture Studio. «Em vez de um edifício, desenho uma casa», proclama Wang Shu no *website* do seu Studio. «Os arquitetos profissionais pensam demasiado em edifícios.»

Obrigado, Bob Dylan

Dong Nan, tradutora das biografias de Jim Morrison, Jimi Hendrix e outras figuras míticas da música *rock*, morava em Tongzhou, uma cidade satélite de Pequim com quase um milhão de habitantes, em acelerado crescimento. Logo à saída da autoestrada a paisagem é dominada por torres de apartamentos com nomes sedutores: New World, Sunny Corner, Seattle, Toronto...

– Saio pouco de casa – diz Dong Nan, cortando a conversa em torno das «grandes mudanças» em Tongzhou.

Vivia com uma gata de pelo branco que andava à solta pela casa, e «só» saía para visitar os pais ou ouvir um amigo que cantava e tocava numa «banda pós-*punk* tipo Joy Division e Television». Mas no dia 6 de abril de 2011, quando Bob Dylan tocou pela primeira vez na China, Dong Nan também saiu – «evidentemente» – e foi por causa desse histórico concerto, aliás, que a entrevistei.

– Prefiro Jim Morrison ou Jimi Hendrix, pessoas mais extremas e até trágicas, mas quando se entra no mundo do *rock* Bob Dylan é incontornável.

Dong Nan nasceu em Pequim, em 1977, e como em qualquer parte do mundo, descobriu a música *rock* na adolescência.

– É uma altura da vida em que o *rock* ajuda as pessoas a encontrarem a sua identidade.

Jim Morrison e Jimi Hendrix já tinham morrido, há mais de duas décadas. Bob Dylan estava a completar quase 40 anos de carreira.

– O *rock* chegou tarde à China e veio todo ao mesmo tempo.

Concluída a escola secundária, Dong Nan ingressou no Instituto de Negócios Estrangeiros.

– Foi um erro.

Em vez de diplomata, tornou-se tradutora profissional. A próxima encomenda era a autobiografia de Keith Richards, que a gata também já começara a folhear.

– Bob Dylan inspirou a minha visão do mundo. Se o encontrasse dir-lhe-ia apenas uma palavra: Obrigada! Há muitos grupos e artistas que se copiam continuamente, mas ele está sempre a renovar-se. Para mim é uma fonte de inspiração e encoraja-me também a renovar.

*

A estreia de Bob Dylan na China ocorreu no Ginásio dos Trabalhadores, um pavilhão contíguo ao estádio do mesmo nome, com cerca de 12 000 lugares, que acolheu as provas de pugilismo dos

Jogos Olímpicos – e «um pesadelo acústico», como lhe chamou um crítico local.

Um profissional da rádio considerou o concerto «um grande acontecimento e um sinal de abertura da China». O promotor chinês, Wei Ming, estava eufórico: «Há anos que estamos a tentar organizar um concerto de Bob Dylan e finalmente conseguimos!» Os bilhetes mais caros, que custavam 1961 yuans (210 euros) – muito mais do que o salário mínimo na cidade –, foram os primeiros a esgotar. O valor corresponde ao ano em que Bob Dylan iniciou a sua carreira e isso, pelos vistos, não tem preço.

Ai Weiwei tinha sido preso dias antes, engrossando a lista de mais de cem ativistas políticos detidos nos dois meses anteriores. A repressão de quaisquer iniciativas suscetíveis de replicar a «revolução de jasmim» que agitava o Médio Oriente e Norte de África estava na ordem do dia. Iria Bob Dylan referir-se a isso?

Richard Arridge, 55 anos, professor de Inglês em Kunming, sudoeste da China, fez mais de 3 000 quilómetros para assistir ao concerto.

– Bob Dylan significa muito para mim. Hoje, talvez ele não seja tão relevante, mas vê-lo na China é uma coisa especial.

No final do concerto, liguei para Dong Nan.

– Gostei muito, sobretudo das canções mais antigas. Bob Dylan é único. *Forever Young*.

Acompanhado por cinco músicos, Bob Dylan esteve quase duas horas em palco: cantou e tocou (guitarra, órgão elétrico e harmónica), com a voz e a eletricidade com que revolucionou a *folk music*. Além de *Forever Young*, a última canção da noite, composta em 1974, interpretou *Like a Rolling Stone* (1965), *Ballad of a Thin Man* (1965) e *Hard Rain's a Gonna Fall* (1962).

Nos dias seguintes, os comentários exprimiam um grande alívio. «Foi apenas um concerto, nada mais», disse um jornal. «Só música, nada de conversas», realçou outro. Afinal, o «ícone da contracultura» não incendiou a assistência com *slogans* «subversivos», como fez a islandesa Björk em Xangai, em 2008, quando gritou «Tibete, Tibete» no final de uma canção intitulada *Declare Independence...*

Dong Nan não esperava outra coisa.

– Bob Dylan está afastado da política. Era um cantor de protesto, mas contra a política do governo americano.

Um casal, um cão

Se Emii Zhang um dia engravidar, a sua «toy poodle» de pelo castanho irá passar algum tempo em casa de amigos, mas em junho de 2011, entre ter um filho ou uma cadela, ela preferia a cadela. E o noivo, com quem ia casar no mês seguinte, era ainda mais drástico.

– Por ele, nem filho nem cadela.

Técnica da CCTV, com 31 anos, Emii Zhang vivia numa das centenas de torres de apartamentos construídas na última década em Chaoyang, na zona oriental de Pequim. Conheci-a quando os principais municípios do país lançaram uma campanha para tentar legalizar o número de cães domésticos, estimado em dezenas de milhões. Segundo uma revista da especialidade, no final de 2009 haveria 58 milhões em 20 cidades e o número aumentava 30% ao ano.

Em menos de uma geração, o que antes era um «hábito burguês» tornou-se uma moda urbana, sobretudo entre os casais sem filhos e as pessoas que viviam sozinhas.

– É uma companhia. O meu vizinho, que é reformado, sai três vezes por dia para ir passear o cão – diz Emii.

Os cães de estimação dentro das cidades só foram autorizados em 1995. 16 anos depois, havia cerca de um milhão registados no município de Pequim – um por cada 20 habitantes e o triplo de há uma década – mas o número seria muito maior. Em Xangai, a polícia estimava que apenas um quarto dos cães (140 000) estaria registado.

Ter um cão já não é um sinal exterior de riqueza, mas também não é barato: em Pequim, o primeiro registo custa 1000 yuans – e, a seguir, 500 yuans por ano. No caso da *Bo Niu*, o nome da cadela de Emii Zhang, inspirado numa banda desenhada japonesa, havia a acrescentar 300 yuans por mês, para comida, banho e tratamento do pelo.

Só é permitido um cão por casal, mas essa regra, idêntica à fórmula adotada para o controlo da natalidade, não parecia ser seguida a rigor.

– Conheci um casal que tinha três cães. Depois separaram-se e agora não têm nenhum – conta Emii.

A *Bo Niu* entrou em casa de Emii há um ano e meio, oferecida por um amigo. A cadela, que pode viver 20 anos, tinha então apenas três meses de idade: «É muito asseada e fica sozinha, mesmo durante a noite», diz a dona.

Há relatos de casais que abandonam os cães quando decidem ter um filho, mas não era essa a disposição de Emii.

– Quando estiver grávida, a *Bo Niu* ficará em casa de amigos e depois do parto irei buscá-la.

Ao contrário do que é frequentemente referido acerca da gastronomia chinesa, Emii disse que nunca comeu carne de cão – «nem de coelho», que é o signo da sua avó, da mãe e do irmão.

- Devia ser proibido.

*

Dois meses antes, nos arredores de Pequim, defensores dos direitos dos animais impediram 430 cães de acabarem no prato de restaurantes de Changchun, nordeste da China.

Numa operação rara, cerca de 200 ativistas mobilizados através da internet pela Associação de Proteção aos Pequenos Animais bloquearam a passagem do caminhão que transportava os cães. Ao fim de 15 horas de negociações, a companhia aceitou vendê-los à Associação por 11 500 yuans. Os animais, muitos dos quais roubados, viajavam há dois dias, sem água nem comida. Dez já estavam mortos e 100 apresentavam sinais de desidratação e de doenças infecciosas. Segundo o motorista, todas as semanas a sua companhia enviava para Changchun «um caminhão cheio de cães». Algum tempo depois, a imprensa noticiou uma ação idêntica em Chongqing, contra um caminhão que transportava 900 cães para restaurantes da província de Guangdong

A China tem uma lei para a «proteção da vida selvagem», mas os animais domésticos não estão abrangidos por essa lei, denunciou um advogado.

«Pei Suo A»

Quer dizer Pessoa, Fernando Pessoa – o poeta que inspirou o nome de um dos mais conhecidos blogues chineses: Oitavo Continente.

Lian Yue, o autor do blogue, retirou o nome da passagem do *Livro do Desassossego* onde Pessoa fala da «oitava partida» do mundo. «Não é nenhuma das sete partidas do mundo aquela que me interessa e posso verdadeiramente ver; a oitava partida é a que percorro e é a minha», escreveu Pessoa. (Na tradução chinesa, feita por Han Shaogong a partir da versão em inglês, a «oitava partida» é referida como «oitavo continente»).

– Pessoa e Kafka são dos escritores estrangeiros que mais admiro – afirma Lian Yue.

Comparando os dois, diz que o primeiro «é mais moderno e criativo».

– Pessoa é brilhante. É um autor fora do comum e que mostra a beleza do mundo.

Pessoa era também o único autor português que Lian Yue conhecia.

– Há poucas traduções de escritores portugueses na China. De Portugal, o que se conhece melhor é o futebol.

Lian Yue, nascido em 1970, é formado em literatura chinesa. Antigo jornalista do semanário *Nanfang Zhoumo*, um dos jornais mais irreverentes da China, já publicou seis livros, entre os quais um romance e um ensaio sobre a Bíblia. Mas, em vez de escritor ou jornalista, prefere assumir-se como «crítico social».

– Há 20 anos não havia espaço para criticar a sociedade. Hoje, o espaço é cada vez maior.

O «Oitavo Continente» foi distinguido pela Deutsche Welle em 2007 pela campanha contra a construção de uma petroquímica em Xiamen, na costa leste da China

Gao Xingjian, o primeiro escritor chinês galardoado com o Nobel da Literatura, em 2000, também é um admirador de Pessoa. O poeta português foi um dos poucos autores ocidentais que Gao Xingjian evocou em Estocolmo, na cerimónia de entrega do prémio. «Fernando Pessoa é o poeta mais profundo do século xx».

Gao Xingjian não era muito apreciado pelas autoridades e a sua distinção pela Academia Sueca foi, aliás, criticada pela Associação Chinesa de Escritores. O que mais contribuiu para a divulgação de Pessoa na China foi a tradução de Han Shaogong.

– Ele é um dos maiores escritores chineses e por isso o *Livro do Desassossego* teve muito sucesso nos meios intelectuais – disse o poeta Yao Feng, que já traduziu diretamente do português alguns poemas de Pessoa e de Eugénio de Andrade.

A primeira tradução chinesa do *Livro do Desassossego* saiu em 1999 e dez anos depois já ia na quinta edição. Han Shaogong descobriu Pessoa nos anos 90, numa viagem pela Europa. Segundo contou, «muitos críticos e escritores falavam de Pessoa como a nova descoberta da literatura

européia». «Não sou um tradutor profissional: só traduzo o que realmente gosto», disse. Foi assim, também, que traduziu *A Insustentável Leveza do Ser*, de Milan Kundera.

Min Xuefei, professora de Português e autora da primeira tradução chinesa dos poemas de Alberto Caeiro, um dos heterónimos de Pessoa, concorda com Gao Xingjian.

– É o poeta mais profundo do século xx e também o mais difícil de traduzir.

Min Xuefei fala por experiência própria. Além de Alberto Caeiro, cuja tradução abre uma série de *Obras de Pessoa* publicada por uma grande editora chinesa, a Commercial Press, Min Xuefei vai traduzir Ricardo Reis, outro heterónimo, e a seguir atacará o *Livro do Desassossego*. É um programa para vários anos, mas os seus planos incluem ainda a conclusão da tese de doutoramento sobre a escritora brasileira Clarice Lispector, de quem já traduziu um romance (*A Hora da Estrela*) e vários contos.

– Pessoa e Clarice Lispector são parecidos. Ambos foram uma grande ajuda para eu entender a vida e a literatura.

Min Xiefei ouviu falar de Pessoa pela primeira vez na década de 1990, quando estudava espanhol. Depois dedicou-se à língua portuguesa e estudou em Macau e em Coimbra. Considera Pessoa «um autor universal» e com «uma filosofia que por vezes faz lembrar o taoísmo e o budismo».

– Mostrei a tradução dos poemas de Alberto Caeiro a alguns poetas chineses e eles gostaram muito.

Raul Pissarra, antigo professor de Português na Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, contava que um dos seus alunos sabia de cor um poema da *Mensagem*. Na sua opinião, isso mostrava que «a poesia de Pessoa carrega valores universais da psique humana».

A hora do português

Meio século depois, se Yang Naiqian tivesse de voltar a escolher uma língua estrangeira para estudar, optaria de novo pelo português.

– Gosto e gostei do português. É uma língua muito bonita e suave. Se Deus, por acaso, me desse outra vida, voltaria a escolher o português.

Yang Naiqian foi um dos 16 alunos da primeira licenciatura de Português da República Popular da China, criada em 1961 na Faculdade de Espanhol do Instituto de Estudos Estrangeiros de Pequim (atual Beiwai). Tinha 20 anos. A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), composta hoje por oito nações, reduzia-se a Portugal e Brasil, que não tinham relações diplomáticas com a China.

– Foi muito difícil. Não tínhamos nenhum material de ensino, nenhum dicionário, nenhum jornal, nada... Partimos de um papel em branco.

A pioneira turma arrancou com o apoio de dois casais brasileiros exilados na China e de uma professora chinesa que vivera em Macau. Depois do curso, Yang Naiqian ingressou no Ministério dos Negócios Estrangeiros e até se reformar, em 1999, trabalhou em vários países da CPLP, do Brasil a Moçambique.

– Ainda hoje troco *e-mails* e mantenho boas relações com alguns amigos brasileiros.

Até ao final da década de 1970 a Beiwai foi a única universidade do país com licenciatura em Português e nos 20 anos seguintes, só apareceu mais uma, em Xangai. Em 2012, havia pelo menos 15, numa dezena de cidades, além de outras tantas escolas privadas com cursos intensivos, como aquela em que Yang Naiqian ensinava, nos arredores de Pequim. A evolução confirma o que a professora Zhao Hongling anunciara na década de 1990, por ocasião do lançamento do primeiro *Dicionário Conciso Português-Chinês* publicado no país: «O português é uma língua de futuro na China».

– Quem domina o português tem muitas saídas profissionais – garantia Yang Naiqian.

Entretanto, a Faculdade de Espanhol da Beiwai passou a chamar-se Faculdade de Espanhol e Português.

*

O que é que um jovem chinês associa logo a Portugal? Fiz a pergunta no Instituto de Línguas Estrangeiras de Tianjin (Tianwai), em dezembro de 2009.

- Futebol – responderam em coro alguns alunos do curso de português.
- Fado – acrescentou uma aluna do 2.º ano.
- Bacalhau – disse a colega do lado.
- E pastéis de nata – rematou outro, do fundo da sala.

Liu Quan, que os estudantes tratavam por «professora Helena», contou que decidiu estudar português por sugestão do pai.

- Ele é um grande fã de futebol, sobretudo do futebol brasileiro.

Para os 57 estudantes de português do Tianwai, o domínio daquela «língua difícil» significava acima de tudo emprego garantido. Os primeiros licenciados (16), que concluíram o curso no verão de 2008, estavam todos empregados, a maioria em empresas estabelecidas em Angola, disse a professora Yang Shu (Cristina). Ela fazia parte desse grupo, mas ficou em Tianjin – uma das maiores cidades chinesas, situada a 120 quilómetros de Pequim – porque foi contratada pelo Tianwai.

- A procura de especialistas em português é cada vez maior devido ao desenvolvimento das relações comerciais com os países lusófonos, afirmou o diretor do departamento, Liu Yi.

Os alunos, maioria raparigas, adotaram nomes portugueses: Natália, Daniela, Isabel, Gabriela, Vicente, Lídia, Guilherme, António, Susana, etc. A lista incluía um Ronaldo: «Ronaldinho Gaúcho», precisou o aluno. As propinas custavam 4000 yuans por ano (400 euros), um terço menos do que na Beiwai.

You Dahui estudava português na Universidade de Economia e Negócios Internacionais de Pequim (UIBE). O terceiro e penúltimo ano da licenciatura era em Coimbra, por acordo com a universidade local.

- Não fui eu que escolhi, foi o português que me escolheu.

You Dahui queria seguir Economia, mas não tinha notas para isso. Em 2011, Línguas Estrangeiras era a sua segunda escolha e no Departamento de Português, criado dois anos antes, havia vagas.

- Não sabia nada, mas gostei da língua.

O mais difícil terá sido sair de casa dos pais, um engenheiro e uma bibliotecária de Zhengzhou, a 650 quilómetros ao sul de Pequim.

Como quase todos os jovens urbanos, You Dahui é filha única.

- Falo quase todos os dias com a minha família. Por telemóvel ou Skype.

«Surfar» na Internet era, aliás, um dos seus passatempos, juntamente com a natação, o *karaoke* e o cinema. O filme preferido de You Dahui era o romântico *Pride and Prejudice*, com a atriz britânica Keira Knightley.

- Já o vi mais de dez vezes.

No caso de Man Xiangyu, um colega de Shenyang, 900 quilómetros ao norte de Pequim, o

português foi a primeira escolha.

– Desde o secundário que queria estudar uma língua estrangeira e, através do Google, descobri que em Angola e no Brasil também falam português.

As propinas não eram baratas – 12 000 yuans (1500 euros) por ano – mas «saber português dá um bom salário», dizia Man Xiangyu.

*

Ao fim de quatro anos em Pequim, a professora brasileira Tarsila Borges concluiu que «o português virou moda na China».

– Ao contrário do inglês, espanhol ou francês, que são ensinadas há muito na China, o português aparece como uma língua nova e que é falada em vários países, o que não acontece com o italiano ou o alemão.

Além do desenvolvimento das relações económicas entre a China e a CPLP, Tarsila Borges apontou outro «atrativo».

– O BRICS (bloco de economias emergentes formado pelo Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) também deu mais projeção ao Brasil e à língua portuguesa.

Formada em Letras pela Universidade de São Paulo, Tarsila Borges chegou à China em 2006, com uma bolsa para aprender chinês.

– Dava aulas de Português e de Inglês, mas estava a terminar o mestrado e queria aprender outra língua, de preferência asiática.

Tinha 26 anos e nunca tinha saído do seu país.

– Saí do Brasil para atravessar o mundo.

No ano seguinte foi contratada para ensinar português no recém-criado Núcleo da Cultura Brasileira da Beida, a mais antiga universidade de Pequim, fundada no final do século XIX.

Duas outras universidades de Pequim tinham professores brasileiros. Em Wuhan e Shijiazhuang também se aprendia a falar português com sotaque brasileiro.

– Para os chineses, a pronuncia brasileira é mais fácil do que a portuguesa.

Macau – «um país, dois sistemas»

Mais de dez anos depois, os voos de Pequim para Macau continuam a sair das partidas internacionais. A viagem, num Airbus da Air Macau, demora três horas. A revista de bordo está escrita em inglês e chinês, mas o piloto pode ser português e em alguns casos já foi contratado após a transferência do território para a administração chinesa, em dezembro de 1999.

Quando o avião começa a descer vê-se bem o frenesim humano e económico do Delta do Rio das Pérolas. Num raio de cerca de 100 quilómetros há cinco aeroportos: Cantão, Shenzhen, Zhuhai, Macau e Hong Kong. A antiga colónia portuguesa mantém, contudo, um velho recorde: é o território com maior densidade populacional do mundo – quase 19.000 pessoas por quilómetro quadrado.

«Ao Men» (em chinês) – ou «Ou Mun» (na pronúncia local) – tem outra particularidade que salta à vista: como no tempo da administração portuguesa, o nome das ruas está escrito em chinês e em português, as duas línguas oficiais de Macau. Duas das maiores atrações turísticas da cidade, as Ruínas de São Paulo e o Templo da Deusa A-Ma, pertencem a religiões muito diferentes. Os dias de finados são também dois (em abril, para os chineses, e em novembro para os portugueses). O Natal, dia de trabalho do outro lado da fronteira, é feriado. Comparada com os altos blocos envidraçados que dominam a nova arquitetura da cidade, a estátua de Jorge Álvares – o primeiro navegador ocidental a chegar a China, em 1513 – parece insignificante, mas mantém-se de pé.

O respeito pelos feriados religiosos portugueses num território onde apenas 7% da população é católica corresponde ao princípio «um país, dois sistemas», proposto pelo Partido Comunista Chinês na década de 1980 para alcançar a «reunificação pacífica da China». Segundo aquela fórmula, já testada também em Hong Kong, o «capitalismo» e o «modo de vida» de Macau vão manter-se «inalterados» durante pelo menos 50 anos após o «regresso à Pátria» (socialista). O jogo, proibido no resto da China, é o pilar da economia local.

Desde a transferência de poderes, os casinos triplicaram. E quanto a receitas, a «Las Vegas do Oriente» já bateu a outra Las Vegas: 304 139 milhões de patacas (38 017 milhões de dólares) em 2012, mais 13,5% que no ano anterior.

Em vez de *deficit*, fenómeno tão frequente noutras paragens, o orçamento do governo de Macau apresenta sempre elevado saldo positivo. Parte desse excedente é distribuído equitativamente pelos residentes, qualquer que seja a sua nacionalidade ou profissão, e enviado para casa de cada um em cheque. A distribuição começou em 2008; cinco anos depois, o valor do cheque foi de 8000 patacas (800 euros). Um casal com um filho, por exemplo, recebia 24 000 patacas (2400 euros) – uma ajuda preciosa para uma semana de férias na Tailândia ou noutras praias do Sueste Asiático!

*

Duas densas biografias de Mao Zedong e de Soong Meiling, mulher de Chiang Kai-shek, estão arrumadas ao lado uma da outra na Biblioteca Central de Macau, numa proximidade impensável no continente chinês.

A primeira, *Mao, The Untold Story*, de Jung Chang e Jon Halliday, afirma que o fundador da República Popular da China «foi responsável por mais de 70 milhões de mortes em tempo de paz, mais do que qualquer líder do século xx». O título da outra biografia, assinada por Hannah Pakula, fala por si: *The Last Empress, Madame Chiang Kai-shek and the Birth of Modern China*. Os dois livros – ambos em inglês e com mais de 800 páginas cada um – não serão, tão cedo, publicados no resto da China.

Instalada num edifício de traça colonial da Praça Tap Seac, a Biblioteca Central é outro exemplo do princípio «um país, dois sistemas». Na sala de leitura de jornais, no segundo dos três pisos do edifício, há centenas de títulos em exposição – em chinês, português e inglês. A coleção vai do *New York Times* à edição ultramarina do *Diário do Povo*, passando pelo semanário *Expresso* e a edição asiática do *Financial Times*. A dúzia de diários que se publicam em Macau, três dos quais em português, fazem parte do lote. Os jornais com mais de cinco anos de existência recebem até um subsídio mensal do governo no valor de 60 000 patacas (cerca de 5740 euros). «Em Macau não há crise. Os residentes recebem vários subsídios chorudos e os impostos são reduzidos», escreveu um jornalista português radicado há mais de 20 anos no território.

A biblioteca está aberta todos os dias, exceto aos feriados, das 10h00 às 20h00. A varanda, envidraçada, dá para a praça. Os que preferem ler *online* utilizam os computadores instalados no rés-do-chão: ao contrário do que acontece do outro lado da fronteira, o acesso ao Facebook ou ao YouTube não está bloqueado.

*

Macau é também a sede do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os países de língua portuguesa, criado em 2003.

«Café, caju, vinho e outros produtos famosos dos países de língua portuguesa são cada vez mais frequentes à mesa das famílias chinesas», afirmou o primeiro-ministro chinês, Wen Jiabao, na abertura da III Conferência Ministerial do Fórum, em novembro de 2010. Foi a maior reunião política realizada em Macau, com quatro chefes de governo (China, Moçambique, Guiné-Bissau e Portugal) e um presidente da República (Ramos Horta, de Timor-Leste).

Wen Jiabao apontou uma meta: aumentar o comércio entre a China e a CPLP para 100 000 milhões de dólares até 2013 – dez vezes mais do que o valor faturado uma década antes! A meta

foi alcançada logo no ano seguinte.

A herança portuguesa faz da Região Administrativa Especial de Macau um «lugar único» na China e uma «plataforma privilegiada de acesso das empresas chinesas aos mercados lusófonos», disse o chefe do executivo local, Fernando Chui Sai On.

Os novos-ricos da Ásia

Tóquio, fevereiro de 2010. Às 20h00, o Kobe Beef Restaurant Ajitetsu em Akasaka, um dos centros da vida noturna local, já estava fechado.

– Tivemos aqui um grupo de chineses e eles comeram tudo – explica um empregado.

Aquele restaurante não foi o único beneficiário da vaga de turistas chineses que invadiu Tóquio nas férias do novo ano lunar. As excursões que desembarcavam continuamente em Akihabara – uma área com centenas de lojas de eletrodomésticos, câmaras fotográficas e de filmar, computadores e jogos – também eram chinesas. Uma popular cadeia do setor – a Laox, fundada em 1930 – foi mesmo comprada por um consórcio chinês.

– Os turistas chineses no Japão são hoje como os japoneses que se viam na Europa nos anos 80 – diz uma arquiteta europeia residente em Tóquio.

Na última década, os turistas chineses quintuplicaram e em 2009 ultrapassaram um milhão. Os turistas da Coreia do Sul e de Taiwan, pelo contrário, diminuíram. O número global (6,79 milhões) caiu, aliás, 18,7%, o que não acontecia desde 2003, quando o governo lançou a campanha Yokoso Japan (Bem-vindo ao Japão).

«As multidões de chineses não decepcionaram», comentou um jornal acerca dos negócios feitos durante as «férias chinesas». Numa reportagem da cadeia de televisão NHK, o gerente de um centro comercial salientava que alguns turistas chineses gastavam o equivalente a 10 000 dólares (7400 euros). «Compram para eles e para amigos e familiares», dizia o gerente, enquanto a câmara mostrava um cliente a sair com três painéis elétricos de cozer arroz. Cosméticos e vestuário têm também grande saída. A carne de vaca de Kobe não se pode levar para casa, mas é igualmente muito apreciada: come-se em pequenas fatias – crua, grelhada ou cozida num *fondue* de rebentos de soja. Uma refeição no Kobe Beef Restaurant Ajitetsu custa pelo menos 5000 ienes (40 euros).

*

A famosa «China Beach» de Danang, onde os soldados norte-americanos gostavam de fazer *surf*, na costa central do Vietname, chama-se agora My Khe.

– Mudámos o nome para a China não pensar que a praia também lhe pertence – diz N. Minh, motorista de um dos *resorts* construídos ao longo da praia de fina areia branca, entre pinheiros e palmeiras.

O «também» refere-se às ilhas Spratly, um arquipélago do Mar do Sul da China, potencialmente rico em petróleo e gás natural, que Pequim considera «parte integrante do território chinês» e cuja soberania é igualmente reivindicada pelo Vietname, Malásia, Brunei e Filipinas. É um contencioso antigo, que já provocou violentos confrontos, mas os chineses, com quem o Vietname partilha uma fronteira de 1350 quilómetros de extensão, são agora os novos-ricos da Ásia Oriental e, em 2011, constituíram um quinto dos seis milhões de turistas que visitaram o país.

– A China está muito forte. Todos os países da região, incluindo o Japão e a Coreia do Sul, começam a ter medo da China – remata o motorista do Lifestyle Resort de Danang.

Como mais de dois terços dos compatriotas, N. Minh nasceu depois de 1975, o ano em que terminou a «guerra americana», como se diz no Vietname. «Nunca esqueceremos a guerra nem os milhões de compatriotas que pagaram o preço da paz com as suas vidas», mas «para nós, a guerra faz parte do passado», proclama um agente de viagens local no seu *website*.

Após quase 40 anos de paz, o Vietname está a assumir-se como «um novo dragão na Ásia». Em 2012, a sua economia cresceu 5,5% e as exportações aumentaram 18,2%. Nike, Canon, Samsung, Intel e outras multinacionais já estão a laborar no Vietname, um país de 90 milhões de habitantes cuja mão-de-obra é muito mais barata do que na China. Em Hanói e na Cidade Ho Chi Ming (a antiga Saigão) – onde se concentra a maioria da população urbana – o salário mínimo subiu em 2012 para dois milhões de dongos por mês (75 euros), menos de metade do que em Xangai.

Num artigo publicado na *Forbes*, Helen Wang afirmava que a ascensão da classe média chinesa «irá inevitavelmente alterar a dinâmica da economia, do ambiente, da política e da cultura globais», mas criará também «incríveis oportunidades ao mundo inteiro». Uma das «oportunidades» é o turismo.

O número de chineses que passaram férias fora do continente cresceu 20% em 2011, para 69 milhões, e em 2012 excedeu 80 milhões. Segundo a Organização Mundial de Turismo, atingirá os 100 milhões em 2020. A China arrebatará então mais um recorde mundial: maior emissor de turistas. Por ora, a maioria fica por Hong Kong e Macau, a nova capital mundial do jogo, mas cada vez há mais a viajar para o Sueste Asiático, Austrália, Estados Unidos, Europa e África. São considerados os que mais gastam e, entre os mais ricos, Louis Vuitton, Channel ou Château Lafitte são nomes tão familiares como Louvre e Tour Eiffel. Em 2009, em apenas uma hora, uma excursão de 400 turistas chineses gastou 300 000 dólares num *shopping* de Singapura, refere o sinólogo norte-americano David Shambaugh.³³

O fascínio pelas marcas famosas e o poder de compra não são as únicas imagens associadas a este novo movimento de massas. A própria Administração Nacional do Turismo da China lançou uma campanha para educar os chineses que viajam para o estrangeiro, salientando, entre outras «regras», que não devem cuspir para o chão, falar em voz alta ou furar as filas. Isso foi em 2006:

sete anos mais tarde, um editorialista do *Diário do Povo*, Ding Gang, alertou os compatriotas que «ninguém é respeitado simplesmente por ser rico». «Os estrangeiros ficam com uma imagem da China quando visitam a China, mas também quando encontram chineses que viajam fora da China», lembrou.

África, a nova fronteira

A retirada de 35 860 cidadãos chineses da Líbia durante a guerra civil no país, em 2011, constituiu a maior operação do género realizada pela China. Mas mais do que a capacidade logística chinesa, o que surpreendeu foi aquele número. «Ninguém imaginava que havia tantos chineses na Líbia», comentou na altura um diplomata europeu. Em Angola há sete vezes mais, mas isso só seria confirmado um ano mais tarde, durante a primeira visita à China do ministro angolano do Interior.

«Há 258 920 chineses a viver em Angola, 258 391 dos quais com “vistos de trabalho”», precisou então o diretor do Serviço de Migração e Estrangeiros, Freitas Neto. Antes, o número citado habitualmente na imprensa chinesa resumia-se a «dezenas de milhares». Em alguns meios ocidentais dizia-se que eram talvez 500 000... «Estes são os números que temos nos nossos registos», acentuou Freitas Neto.

Visível ou não, a presença chinesa em África é cada vez mais forte. Os chineses são hoje a maior comunidade estrangeira residente em Angola e «estão em todas as províncias», realçou um diplomata angolano. Como na Líbia, a esmagadora maioria trabalha na construção civil e obras públicas, nomeadamente vias férreas e estradas.

Segundo estimava o *China Daily* no verão de 2012, haverá «um milhão de chineses» em todo o continente, desde a África do Sul à Argélia. Pelas contas do *Global Times*, serão «entre 580 000 e 800 000». As comunidades maiores estarão na África do Sul e Nigéria, mas nos últimos anos, «Angola, Egito, Gana e Etiópia registaram um influxo de jovens chineses», referiu aquele jornal, sem precisar números.

Cidadãos chineses já foram sequestrados no Sudão, Nigéria e outros países. A atração, no entanto, mantém-se. Numa reportagem intitulada «Jovens Chineses Procuram Fortuna em África», o *Global Times* salienta que, «apesar de algumas preocupações quanto à segurança», muitos empresários consideram que «as possibilidades de sucesso em África são superiores às da Europa ou da América». Os salários também são atraentes – cinco ou seis vezes mais do que na China. Ao fim de três anos em Angola, um intérprete de português, por exemplo, consegue poupar o suficiente para comprar um apartamento.

Nos últimos doze anos, o comércio China-África cresceu cerca de 20 vezes, somando quase 200 000 milhões de dólares (154 670 milhões de euros) em 2012. A China tornou-se mesmo o maior parceiro comercial de África, ultrapassando a União Europeia e os Estados Unidos.

O investimento chinês aumentou em idêntico ritmo. Em 2008, o maior banco chinês, o ICBC, comprou 20% do capital de um grande banco sul-africano, o Standard Bank, por 5400 milhões de dólares. Os créditos em troca de matérias-primas também subiram em flecha. No caso de Angola,

o segundo maior fornecedor de petróleo à China, a seguir à Arábia Saudita, o montante dos empréstimos chineses concedidos desde o final da guerra civil, em 2002, já atingiu 15 000 milhões de dólares.

A presença chinesa não se limita, contudo, aos seus cidadãos nem às empresas onde trabalham. A nova sede da União Africana, em Adis Abeba – um complexo de 200 milhões de dólares, inaugurado em 2012, que inclui o edifício mais alto da capital etíope, com 22 andares, e uma sala de conferências com 2500 lugares – foi inteiramente construída e paga pela China.

Mais de 30 000 quadros africanos formaram-se em universidades chinesas, indica o primeiro Livro Branco sobre «Cooperação Económica e Comercial China-África », divulgado no final de 2010 em Pequim. E 30 000 outros, de áreas tão diversas como medicina veterinária, comunicação social ou segurança pública, estagiaram em instituições chinesas. Só dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, em 2013, havia cerca de 600 jovens a estudar na China.

As milhares de bolsas de estudo (5000 em 2010) concedidas anualmente pelo governo chinês a estudantes africanos são outro grande investimento.

«Além de estudarem, os jovens africanos têm a oportunidade de aprender as qualidades que permitiram à China um desenvolvimento tão rápido», escreveu o diplomata gabonês Samuel Okouma Mountou, formado em Pequim.

África é também uma nova fronteira para as mafias chinesas.

Em novembro de 2011, um jornal de Pequim anunciou a libertação de 19 jovens chinesas forçadas a prostituir-se num clube noturno de Luanda, situado no bairro de Benfica.

Oriundas de regiões pobres, as mulheres foram contratadas para trabalhar num hotel, onde ganhariam 6000 yuans por mês, quatro vezes mais do que o salário mínimo mais elevado da China. À chegada a Luanda os patrões confiscavam-lhes os passaportes: o «hotel», propriedade de dois irmãos chineses, era, afinal, um bordel, chamado ZhongAn International Entertainment Club. «Como a maioria dos chineses que trabalham em Angola não traz as mulheres, a prostituição chinesa é muito procurada», referiu o *Global Times*.

Quando a polícia entrou no «clube» encontrou apenas três mulheres, mas depois, «num quarto escuro de uma cave», localizou mais 16, contou a imprensa. Um dos proprietários, Sun Yinghao, e a sua «amante», considerada responsável pela contratação das mulheres, foram logo presos. No conjunto, a rede envolveria 16 pessoas, cinco das quais já tinham sido detidas na China.

«AnGeLa» (Angola, em chinês) foi o palco do que um diretor do Ministério chinês da Segurança Pública, Liu Ancheng, qualificou como «a primeira grande campanha da polícia chinesa contra criminosos que atacam chineses em África», no verão de 2012. A campanha culminou com o repatriamento de 37 chineses suspeitos de rapto, roubo, extorsão, proxenetismo e outros crimes graves. Os suspeitos, e 24 cúmplices entretanto detidos na China, faziam parte de 12 gangues e estavam envolvidos em 48 crimes, disse a polícia. Chegaram num avião da Hainan Airlines, uma

das companhias aéreas que voam regularmente entre Luanda e Pequim, além da TAAG. A fotografia dos suspeitos a descerem do avião, algemados e encapuzados, com um agente da polícia de cada lado, encheu as primeiras páginas dos jornais. «Como potência emergente, a China também quer ser vista como um país que é capaz de proteger os seus cidadãos no estrangeiro e de punir os que cometem crimes graves fora das suas fronteiras», assinalou um comentador da BBC.

Os protestos populares

Os protestos populares – ou «incidentes de massas», segundo a terminologia oficial – raramente são notícia e, quando são, os problemas que os suscitaram já estão resolvidos ou em vias de solução. A «preservação da estabilidade social» (weiwen) está sempre em primeiro lugar. Mas todos os dias há protestos, centenas de protestos. Como quase tudo, o fenómeno tem uma expressão numérica. Oficialmente, em 2008 houve cerca de «128 000 protestos coletivos», envolvendo mais de 500 pessoas. Três anos depois, sociólogos chineses e estrangeiros falavam em 180 000 – o dobro de 2006! Mesmo em Pequim, uma cidade especialmente vigiada, há notícia de protestos, como aconteceu em dezembro de 2012, a propósito do traçado de uma linha ferroviária de alta velocidade. E em fevereiro de 2013, quando dezenas de doentes seropositivos da província de Henan se concentraram frente ao Ministério da Saúde, reclamando apoios para o seu tratamento.

A expropriação de terras é a principal fonte de conflito. Em 2008, investigadores da Academia Chinesa de Ciências Sociais contabilizaram «mais de 30 000 expropriações ilegais, envolvendo 200 000 hectares». Embora a terra seja toda propriedade do Estado, há «direitos de uso» atribuídos aos camponeses que valem ou podem valer muito dinheiro. Muitos caciques locais ganham fortunas comprando esses direitos por uma fração do preço a que vendem depois a grandes promotores imobiliários.

No final de 2011, em Wukan, na província de Guangdong, os protestos duraram semanas e a povoação esteve cercada pela polícia durante dez dias. Manifestantes atacaram o comité da povoação e um parque industrial. Várias pessoas apontadas como líderes dos protestos foram presas, uma das quais acabou por morrer na esquadra da polícia. O conflito só terminou com a intervenção de emissários do governo provincial, entre os quais um vice-secretário do departamento de organização do PCC, que se reuniram com representantes da população.

O 1.º secretário do Partido em Guangdong, Wang Yang, considerado um «reformista liberal», defendia uma fórmula inovadora: «Grande Sociedade, Pequeno Governo». Segundo a imprensa nacional, em Wukan, os seus emissários «aceitaram as principais exigências dos manifestantes e prometeram combater a corrupção». Foram então convocadas eleições diretas para o comité da aldeia e a direção local do Partido: ganharam os líderes da revolta, num desfecho absolutamente inédito e saudado como «um exemplo de solução para futuros problemas sociais». «Todos os governos locais devem encarar seriamente as reclamações populares e demonstrar uma atitude responsável face às suas reivindicações», comentou um jornal do Partido. Segundo outra fórmula de Wang Yang, «a felicidade é um direito do povo e não uma dádiva do Partido e do Governo».

As ameaças ao meio ambiente, que tanto preocupam a emergente classe média urbana, e o não

cumprimento de contratos de trabalho suscitam também contínuos protestos.

Na indústria, as poucas greves noticiadas na imprensa oficial ocorrem por regra em empresas estrangeiras, nomeadamente japonesas. Em 2010 houve várias, em diversas cidades, algumas das quais convocadas através da internet. A China tornara-se o maior mercado automóvel do mundo, ampliando o orgulho nacional, mas em algumas fábricas do setor os operários só ganhavam, em média, 1500 yuans por mês.

Aparentemente, não há coordenação entre os diferentes protestos e os alvos são sempre locais. «Não há um que seja dirigido contra o governo central», observou Sidney Rittenberg. Pelo contrário: «apela-se ao imperador para pôr na ordem os maus da terra.» Tang Jun, investigador da Academia Chinesa de Ciências Sociais, pensa o mesmo: «As populações não são contra o governo central.»

Mas até quando será assim? E o que acontecerá se a «liderança central» começar a ser também questionada?

Por ora, a esmagadora maioria parece satisfeita. Numa sondagem feita em 2012 por um *think tank* norte-americano (Pew Research Center), 70% dos chineses disseram viver melhor do que há cinco anos, uma percentagem ultrapassada apenas pelo Brasil (72%). Os indianos aparecem em terceiro lugar, com 50% a dizerem que vivem melhor, e os turcos em quarto (43%), enquanto nos Estados Unidos apenas 27% dizem o mesmo. Na Grécia, 80% afirmam que vivem pior e em Espanha 60%.

E comparando com a situação dos pais quando estes tinham a sua idade, 92% dos chineses disseram que o seu nível de vida é melhor, a percentagem mais elevada entre os 21 países sondados pelo Pew Research Center, ou mesmo «muito melhor», segundo 39% dos inquiridos.

Um egoísmo novo e traumas antigos

Foshan, sul da China. 13 de outubro de 2011, às 17h25. Yueyue, uma criança de dois anos, é atropelada por uma mini-van numa rua perto do mercado. O motorista para, mas não vê a criança, que está debaixo da viatura: põe-se de novo em andamento e, com a roda de trás, volta a passar por cima da criança. Momentos depois, três pessoas, duas a pé e uma de bicicleta, passam pelo local: veem a criança no chão a sangrar, desviam-se e seguem o seu caminho. Um segundo veículo, um camião, atropela mais uma vez a criança e continua em frente. Passam mais seis pessoas e também não param. Uma mulher que andava a recolher lixo aparece, entretanto, na rua e retira a criança do asfalto. A sequência, filmada por uma câmara de vigilância e difundida por uma televisão local, foi vista e revista milhões de vezes na internet e nos telejornais. Num país onde o coletivismo é «um pilar da educação socialista» e todos aprendem a «Servir o Povo», foi um choque.

«Um egoísmo sem escrúpulos está a crescer na China», clamou um jornal. «O egoísmo não domina toda a nação, mas é suficientemente devastador para abalar os fundamentos da moralidade (...) Há uma decadência moral na sociedade». Os comentários na internet foram ainda mais drásticos: «Esta sociedade está gravemente doente. Mesmo os cães e os gatos não deveriam ser tratados assim.»

A criança foi conduzida a um hospital de Cantão, mas já estava em coma, e ao fim de uma semana morreu.

Durante dias, a história da pequena Yueyue foi um dos temas mais falados na SinaWeibo. «Todos os votos são falsos e só aqueles transeuntes são reais. Adeus. Na próxima vida não nasças na China.»

Um bloguer de Pequim, Yajun Zhang, associou a «apatia social» aos «traumas» causados pela Revolução Cultural. «Um familiar meu foi condenado a muitos anos num “campo de trabalho” depois de ter defendido um amigo denunciado como contrarrevolucionário. Para esse meu familiar e para os seus parentes, esse período é um alerta para nunca mais se voltar a envolver nos assuntos de outras pessoas», contou Yajun Zhang num comentário publicado na imprensa internacional.³⁴ «Sem qualquer religião ou valores tradicionais (muitos dos quais foram destruídos durante a Revolução Cultural), há um vazio espiritual na China de hoje. Os nossos tradicionais valores de comunidade e harmonia social foram substituídos pelo egoísmo e o individualismo. Muitas pessoas pensam só em maximizar os seus interesses pessoais, mesmo que para isso tenham de ultrapassar – ou atropelar – os outros.»

Na «Resolução sobre Certas Questões da História» adotada em 1981 pela direção do partido, a década da Revolução Cultural (1966-76) foi considerada «o mais grave retrocesso» desde a instauração do socialismo na China. A «questão» não ficou, contudo, definitivamente arrumada no passado.

Na sua última conferência de imprensa como primeiro-ministro, em março de 2012, Wen Jiabao disse que «as reformas entraram numa fase crítica» e «sem uma bem-sucedida reforma política será impossível realizar plenamente as reformas económicas». «Podemos perder o que já ganhámos nesta área, os novos problemas não serão resolvidos e uma tragédia histórica como a Revolução Cultural poderá voltar a acontecer», acrescentou.

Wen Jiabao cultivava a imagem de um líder paternal, uma espécie de «avozinho» da política chinesa, que se emocionava em público com o sofrimento dos mais pobres. O seu dramático alerta sobre a possibilidade de uma nova Revolução Cultural – em direto pela televisão e perante centenas de jornalistas estrangeiros – foi inesperado, mas no dia seguinte percebeu-se melhor o alvo: Bo Xilai foi afastado da direção do partido em Chongqing e substituído por um vice-primeiro-ministro, Zhang Dejiang, anunciou o Comité Central. Bo Xilai não voltaria a ser visto em público.

Para Wang Hui, aquela tática não era nova: «Na esfera política pública, ao longo das últimas três décadas, a Revolução Cultural tem sido utilizada vezes sem conta para atacar inimigos e abafar o debate (...) A Revolução Cultural é um tabu, que tem de ser condenado, mas não abertamente discutido.»³⁵

O «Príncipe Vermelho» e a «Jackie Kennedy da China»

Conheci Bo Xilai no verão de 1995, quando ele era presidente da Câmara de Dalian, um grande porto do nordeste da China, a meio caminho entre Pequim e a península coreana. Tinha 46 anos.

Nos mapas da cidade, a praça principal ainda vinha assinalada como Praça Estaline, uma herança do tempo em que a União Soviética dispunha de uma base naval em Dalian, mas a Câmara já tinha mudado o nome, para Praça do Povo.

– Gosto do Povo – explicou Bo Xilai numa descontraída conversa, em inglês, com um grupo de jornalistas estrangeiros.

– Isso significa que não gosta de Estaline?

– Não falemos de política.

A explicação de Wang Huiquan, chefe do departamento de propaganda da organização local do Partido, era mais convincente: «Estaline foi um grande amigo da China, mas Dalian, hoje, é uma cidade aberta e nem todos os nossos amigos têm a mesma opinião sobre Estaline.»

Esses «amigos» eram os investidores e gestores da Canon, Toshiba, Pfizer e outras multinacionais instaladas em Dalian e que faziam da cidade «a Hong Kong do Norte». Esses amigos constituíam também a maioria dos sócios do recém-inaugurado Golden Pebble Golf Course, um campo com 36 buracos, junto ao mar, cuja inscrição custava 50 000 dólares.

Bo Xilai era mais conhecido do que o 1.º secretário do Partido, que formalmente é o «número um» da hierarquia local. Gostava de andar na rua, «entre o povo». Parecia um político ocidental em campanha eleitoral e dizia que «aceitava ser criticado» pelos seus conterrâneos. Quanto à realização de eleições diretas para o município, a resposta foi idêntica à que tinha dado sobre Estaline: «Não sou político.»

Alto e elegante, com mais de 1,80 de altura, Bo Xilai aparecia sempre bem vestido, com um fato de corte moderno. Escrevia com uma caneta Montblanc e gostava de falar em inglês com os visitantes estrangeiros, «para mostrar que Dalian é uma cidade aberta». O seu automóvel oficial era um Mercedes 230E preto. Também jogava golfe e na opinião de um assessor, tinha mesmo «muita habilidade», mas ele preferia dizer que era «apenas um principiante».

– Antigamente, jogar golfe era uma coisa que evitávamos fazer – acrescentou.

O estilo, muito diferente dos outros quadros, já indiciaria uma ambição invulgar. Mas quem poderia prever que, quase 20 anos mais tarde, e muito perto de ascender ao topo da hierarquia, ele iria protagonizar um dos maiores escândalos da política chinesa?! A sua queda foi comparada ao desaparecimento do designado sucessor de Mao, Lin Biao, em 1971. A maioria dos crimes imputados a Bo Xilai ocorreu em Chongqing, entre 2007 e 2012, mas, como se dizia na antiga União Soviética a propósito das constantes revisões da História, «o passado é imprevisível».

Já na década de 1990, em Dalian, e no exercício do cargo de ministro do Comércio (2004-07), ele «violou seriamente a disciplina do Partido», concluiu a Comissão Central de Disciplina. Bo Xilai «prejudicou significativamente a reputação da China», disse a comissão ao anunciar a sua expulsão do Partido, em setembro de 2012.

A avaliação ressuscitou um velho ditado chinês: «Os que ganham tornam-se imperadores, os que perdem tornam-se bandidos.»

*

Em abril de 2012, um mês depois de Bo Xilai ser afastado de Chongqing, a sua mulher, Gu Kailai, foi presa por suspeita de homicídio. «Neste país, os homens erram sempre por culpa das mulheres», comentou uma conhecida bloguer, Hong Huang, numa aparente alusão à viúva de Mao Zedong, Jiang Qing, condenada a prisão perpétua após a morte do marido.

Filha de um general revolucionário, nove anos mais nova do que Bo Xilai, a «atraente» e «carismática» Gu Kailai também pertencia à aristocracia vermelha. Primeira advogada da República Popular da China a ganhar um processo num tribunal dos Estados Unidos, em 1997, Gu Kailai chegou a ser descrita como «a Jackie Kennedy da China». O filho do casal, Bo Guagua, estudou em Inglaterra, num dos colégios mais elitistas do país, e agora estava matriculado em Harvard, nos Estados Unidos. Não é o percurso mais ortodoxo para o filho de um líder proletário, nem seria caso único entre a elite chinesa, mas Bo Xilai era especial. Na sua derradeira conferência de imprensa – num salão do Grande Palácio do Povo, em Pequim, poucos dias antes de ser afastado – Bo Xilai despediu-se com esta declaração: «Como dizia o presidente Mao quando estava a construir a nação, o objetivo da nossa sociedade socialista é assegurar que todos tenham um emprego para trabalhar e comida para comer, e que todos sejam ricos. Se apenas algumas pessoas são ricas, então resvalámos para o capitalismo. Falhámos.»

Bo Guagua terá sido admitido em Harrow graças à influência de Neil Heywood, um empresário britânico e antigo aluno do colégio, casado com uma chinesa de Dalian e residente há mais de uma década na China. Gu e Heywood fizeram vários negócios juntos, mas segundo a polícia, acabaram por envolver-se em «conflitos económicos». Neil Heywood vivia numa vivenda dos arredores de Pequim, com a mulher e dois filhos. Em novembro de 2011, apareceu morto num quarto de hotel em Chongqing. Tinha 41 anos. Por alegada insistência de Gu Kailai, a viúva de Heywood, Wang Lulu, abdicou da realização de uma autópsia e o corpo foi cremado. Mas isto só se soube mais tarde, depois de Wang Lijun, o popular chefe da polícia local, ter fugido subitamente de Chongqing e pedido asilo político no Consulado dos Estados Unidos em Chengdu, em fevereiro de 2012.³⁶ A administração norte-americana, que estava a preparar-se para receber em Washington o futuro líder chinês, Xi Jinping, não confirmou – nem desmentiu – o pedido de asilo, indicando apenas que, ao fim de um dia, Wang Lijun saiu do consulado de «livre vontade».

Wang Lijun também parece uma personagem de ficção. Sob o seu comando, em 2009, a polícia de Chongqing promoveu uma «grande campanha antimáfia» (Da Hei), que levou ao «desmantelamento de mais de 500 gangues que, com a cumplicidade de responsáveis locais, controlavam o jogo, o tráfico de droga, a prostituição e outras actividades ilegais na cidade». Cerca de 5700 pessoas foram presas, entre as quais um antigo vice-comandante da polícia, que seria depois condenado à morte e executado. O «chefe Wang», como Wang Lijun era tratado pelos subordinados, inspirou até uma série de televisão. «Ele ficou muito dececionado por eu não ter usado o seu verdadeiro nome e por não poder representar o seu próprio papel na série», contou o argumentista. Logo na altura, alguns advogados denunciaram o «generalizado uso da tortura» por parte dos homens de Wang Lijun. A popularidade de Bo Xilai, no entanto, continuou a subir. «O teu nome faz os corruptos tremer de medo (...) A China precisa de mil heróis como tu», dizia uma canção alusiva à «grande campanha antimáfia». Como prémio pela atuação de Wang Lijun, o novo «herói» promoveu-o a vice-presidente do município de Chongqing.

Em 2011, a carreira de ambos parecia imparável. Se Bo entrasse para o Comité Permanente do Politburo, no ano seguinte, Wang poderia aspirar a um lugar no governo central... A morte de Neil Heywood não devia fazer parte do programa.

Gu Kailai foi última pessoa a encontrar-se com ele. As câmaras do hotel filmaram-na a sair do quarto de Neil na noite do crime. Mais tarde, numa conversa secretamente gravada por Wang Lijun e ouvida depois em tribunal, Gu disse que tinha envenenado Neil Heywood com cianeto. Wang encobriu o crime e a morte foi atribuída ao «excesso de álcool», mas Gu terá começado a exigir a destruição das provas contra ela, o que minou a confiança entre os dois. Pelo que foi posteriormente noticiado, dias antes da sua espetacular fuga, Wang Lijun informou Bo Xilai de que Gu Kailai era «altamente suspeita» de homicídio. Em resposta, Wang foi «colericamente repreendido» e «esbofeteado» por Bo Xilai.³⁷

No julgamento, em agosto de 2012, Gu Kailai disse que matou Neil Heywood para proteger o filho, acusando-o implicitamente de chantagem. Os juízes concluíram que Heywood a ameaçou «verbalmente», mas não encontraram provas de que tenha concretizado as ameaças, disse um funcionário do tribunal. Gu Kailai foi condenada à morte com pena suspensa por dois anos, que normalmente é comutada em prisão perpétua. O julgamento demorou sete horas. A ré não recorreu da sentença: «Sinto que o veredito é justo e reflete plenamente o especial respeito do tribunal pela lei e em particular o seu especial respeito pela vida», declarou.

Noutro processo, Wang Lijun foi condenado a 15 anos de prisão. Uma das acusações que lhe eram imputadas, deserção, é um crime especialmente grave para um funcionário com acesso a segredos de Estado, mas Wang Lijun tinha algumas «atenuantes». Wang «entregou-se voluntariamente às autoridades», «confessou os crimes que cometeu», «apresentou importantes pistas para expor graves crimes cometidos por outros» e «desempenhou um papel importante na sua investigação», o que o tribunal considerou «um meritório serviço» e «merecedor de uma pena mais ligeira».

Um «doente» chamado futebol

A pólvora, o papel, a tipografia e a bússola são considerados as «quatro grandes invenções» da milenar civilização chinesa. A lista, no entanto, é muito maior e inclui, entre outras, a cerâmica, a acupuntura e o futebol. «A China é o berço do futebol», afirma o ensaísta Deng Yinke.³⁸ Segundo aquele autor, os chineses já praticavam este desporto há mais de 1000 anos. Chamava-se «cu ju», jogava-se com o pé e a cabeça, mas a bola não podia tocar no chão. O seu estatuto como «origem do futebol moderno» já foi reconhecido pelo presidente da FIFA, Joseph Blatter, afirma Deng Yinke.

Saltando para a atualidade, o palmarés é menos brilhante. Apesar da sua popularidade, o futebol chinês é mesmo um dos raros produtos «made in China» sem grande saída internacional.

*

Em 2012 – 20 anos depois de o governo ter autorizado a profissionalização da modalidade – os 16 clubes da superliga chinesa investiram milhões de euros na melhoria das suas equipas. Quase todas tinham pelo menos um jogador brasileiro. O plantel do Guangzhou Evergrande, detentor do título, incluía dois avançados brasileiros e um médio argentino. Era um dos clubes mais ricos do país, propriedade de um grande promotor imobiliário, e contratou o ex-selecionador italiano Marcello Lippi. Duas antigas estrelas do Chelsea de Londres, Nicolas Anelka e Didier Drogba, ingressaram no Shanghai Shenhua.

Depois de tantos anos de corrupção e maus resultados, a contratação de técnicos e jogadores estrangeiros poderia ajudar a reconquistar o público. «Neste momento, o futebol é como um doente. Espero que todos possam dar o seu apoio, fazer propostas construtivas e ajudar a superliga a erguer-se dos escombros», disse o presidente da Associação Chinesa de Futebol (ACF), Wei Du, no início da época.

Dezenas de árbitros, jogadores e dirigentes desportivos, entre os quais dois vice-presidentes da Associação (Nam Yong e Xie Yalong), foram entretanto presos, acusados de aceitarem subornos para falsificar resultados. As penas foram duras (mais de dez anos de prisão em alguns casos).

Na sequência dos inquéritos disciplinares instaurados pela Associação, 33 pessoas foram «banidas para sempre» da modalidade e vários clubes multados. O Shanghai Shenhua, campeão na época de 2003, perdeu o título e teve de pagar uma multa de um milhão de yuans, mas não houve

despromoções. Numa sondagem feita *online*, 80% dos inquiridos consideraram os castigos «demasiado brandos». As decisões dos tribunais «não devem significar o fim da luta contra a manipulação de resultados, subornos e apostas que flagelaram o futebol chinês durante mais de uma dezena de anos», alertou um comentador da Xinhua.

Devido à corrupção, o público afastou-se dos estádios e a CCTV deixou de transmitir os jogos da superliga. No espaço de uma década, o número de praticantes caiu de meio milhão para 50 000, em 2012. Os jogadores federados eram ainda menos: «apenas 8000, contra 50 000 no Vietname, 600 000 no Japão e 1,46 milhões em França», realçou um comentador num artigo intitulado «Anelka não pode salvar o futebol chinês».³⁸ (No pingue-pongue, modalidade em que a China é campeã mundial, haveria, pelo contrário, mais de 20 milhões de praticantes). Um técnico europeu constatou outra particularidade: «Por uma questão de cultura, talvez, os chineses estão mais virados para os desportos individuais. Nos desportos coletivos têm mais dificuldades. É mais fácil treinar um ou dois atletas individualmente do que uma equipa inteira.»

Pelo que dizia a imprensa, Anelka e Drogba ganhavam, cada um deles, 300 000 euros por semana. Mesmo assim, não renovaram o contrato com o Shangai Shenhua e regressaram à Europa no início de 2013. Ao fim de duas épocas, Jaime Pacheco, o técnico português que orientava a equipa do Beijing Guoan, uma das melhores do país, também saiu da China. Nelo Vingada, contratado em 2011 pelo Dalian Shide, fez o mesmo.

Apesar do investimento, o futebol chinês continuava aquém do nível atingido noutras partes da Ásia Oriental, sobretudo na Coreia do Sul e no Japão.

*

«Um operário trabalha por dois» e «o trabalho de dois dias faz-se num só», apregoam algumas indústrias. O «patrão» da Yingli, Miao Liansheng, adotou outra máxima: «Faço o que ninguém tem feito, não faço o que toda a gente está a fazer.» E no país do carvão, Miao Liansheng decidiu investir na energia solar.

Fundada em 1998, a Yingli está cotada na Bolsa de Nova Iorque e é um dos grandes fabricantes mundiais de painéis solares e células fotovoltaicas. A fábrica, em Baoding, 150 quilómetros ao sul de Pequim, exporta 95% da produção, sobretudo para a Alemanha, Itália, Espanha, Grécia e outros países europeus. A grande central fotovoltaica de Moura, no Alentejo, está equipada com material da Yingli e é uma das «histórias de sucesso» evocadas no catálogo e no salão de exposição da empresa.

A Yingli Solar foi a primeira empresa chinesa a patrocinar um Mundial de Futebol, em 2010, e a primeira na área das energias renováveis selecionada pela FIFA.

– Quem gosta de futebol, gosta necessariamente de energia solar. É nos países de sol que está o mercado fotovoltaico – diz Ma Xuelu, economista-chefe da Yingli.

O patrocínio do Mundial de 2010 representou também «um voto de esperança para a seleção chinesa».

– O povo chinês quer ver a China no Mundial.

Isso aconteceu apenas uma vez, em 2002, na Coreia do Sul, e não deixou boas recordações: a China perdeu os três jogos que disputou, um dos quais frente ao Brasil, que ganharia o campeonato, e não marcou um único golo. Na campanha para o Mundial de 2010, a China contratou um técnico espanhol, José António Camacho, mas não conseguiu qualificar-se para a fase final na África do Sul.

Alta velocidade, grande corrupção

A estação Pequim-Sul, inaugurada no verão de 2008, parece um enorme disco voador de aço e vidro, com o telhado coberto por painéis solares. Lá dentro, os quadros eletrónicos, as portas de embarque e os contínuos avisos sonoros aos passageiros fazem lembrar a atmosfera de um aeroporto. Desenhada por uma empresa de arquitetos de Hong Kong, a nova estação é o berço da rede ferroviária chinesa de alta velocidade.

Suavemente, quase sem trepidação, o CRH-3 percorre em meia hora os 120 quilómetros que separam Pequim de Tianjin, o maior porto do norte da China. O comboio, «made in China», já atingiu 394 quilómetros/hora, mas habitualmente não excede 330 quilómetros/hora. Como os passageiros podem ver num quadro eletrónico montado em cada carruagem, o CRH-3 passa do zero aos 266 quilómetros/hora em cinco minutos e três minutos depois já vai a 310 quilómetros/hora. Na autoestrada paralela à via-férrea, os automóveis ficam rapidamente para trás, como se estivessem parados. Para trás ficariam também a França e o Japão, os países pioneiros desta tecnologia. No final de 2012, a rede chinesa de alta velocidade já tinha 9300 quilómetros de extensão e em 2020 deverá chegar aos 16 000. O recorde de velocidade foi igualmente batido, por um novo modelo do CRH-3, o CRH-380AL: 486,1 Kms/hora num troço da linha Pequim-Xangai. Um TGV francês tinha já atingido 574,8 kms/hora, em Abril de 2007, mas foi puxado por duas locomotivas e tinha apenas três carruagens, disse a imprensa chinesa. O CRH-380AL era um normal comboio de passageiros, com 16 carruagens e 403 metros de comprimento.

*

A alta velocidade ferroviária era outra fonte de orgulho nacional, com «um significado que vai muito além do próprio comboio», como disse o *Diário do Povo* a propósito da abertura da linha Pequim-Xangai, em junho de 2011. Durante a última dinastia imperial, o governo chinês começou por se opor ao caminho-de-ferro e só em 1881 autorizou a construção da primeira via férrea.

– A China era uma monarquia feudal e atrasada, que encarava o comboio como um monstro que iria dar azar à nação – explicou um professor da Universidade Jiaotong, um dos estabelecimentos de Ensino Superior tutelados pelo Ministério dos Caminhos de Ferro.

No final do século XIX, enquanto os Estados Unidos já tinham cerca de 300 000 quilómetros de vias-férreas (muitos dos quais construídos por emigrantes chineses), a rede ferroviária chinesa

não chegava a 1000 quilômetros – muito menos do que o Japão, a Índia ou a Rússia. A construção do Transiberiano – a mais longa via-férrea do mundo, com quase 9500 quilômetros – já estava adiantada e em 1904 chegaria a Vladivostok, no Pacífico Norte.

Desta vez, a China não queria ficar para trás.

Em dezembro de 2010, pela primeira vez na história da Union Internationale des Chemins de Fer, o Congresso Mundial da Alta Velocidade Ferroviária realizou-se fora da Europa – em Pequim, precisamente, presidido pelo ministro chinês dos Caminhos de Ferro, Liu Zhijun. A reunião foi o cume da sua carreira, mas a glória durou pouco: no dia 12 de Fevereiro de 2011, quase no fim das férias do novo ano lunar, a agência noticiosa oficial chinesa anunciou que Liu Zhijun foi afastado do cargo e estava a ser «investigado por grave violação da disciplina». Não era preciso, nem seria possível, dizer mais. Como todos os casos de corrupção envolvendo quadros com o estatuto de Liu Zhijun, a instrução do processo começa na Comissão Central de Disciplina do Partido e só depois segue para a procuradoria-geral e os tribunais.

Liu Zhijun fez quase toda a carreira no Ministério dos Caminhos de Ferro, um dos mais poderosos do país, com cerca de dois milhões de empregados. Entrou para o Comité Central do PCC em 2002, quando já era vice-ministro, e no ano seguinte, com 50 anos de idade, foi promovido a ministro.

Hu Jintao tinha avisado: é preciso redobrar esforços para «investigar a corrupção em indústrias e postos-chave», disse o presidente chinês na sessão plenária da Comissão Central de Disciplina realizada um mês antes. «Um total de 146 517 funcionários foram punidos em 2010 por violarem a disciplina», recordou a imprensa ao anunciar a queda de Liu Zhijun. Duas semanas depois, um jornal disse que Liu Zhijun «embolsou» 822 milhões de yuans (90,5 milhões de euros) de companhias desejosas de ganharem contratos no trepidante setor ferroviário, incluindo «muitas empresas estatais». E como é hábito, a corrupção foi associada a «um estilo de vida decadente». O antigo ministro «gozou também da companhia de pelo menos dez amantes, entre as quais algumas atrizes», referiram os jornais. Um engenheiro-chefe do ministério, responsável pelo programa da alta velocidade, Zhang Shuguang, foi também afastado. A mulher de Zhang – disse um jornal de Hong Kong - tem «três luxuosas casas em Los Angeles» e «mais de 2800 milhões de dólares (2025 milhões de euros) depositados na Suíça e nos Estados Unidos».

O sucessor de Liu Zhijun foi o último ministro dos Caminhos de Ferro. Em março de 2013, o governo decidiu desmantelar o ministério e distribuir as suas competências por diversos serviços do Ministério dos Transportes.

Dois anos depois da sua prisão, Liu Zhijun ainda não tinha sido julgado. O empenho da nova liderança no combate à corrupção parecia, contudo, indiscutível. Mais de uma dezena de quadros, um dos quais de nível ministerial (Li Chuncheng), foram afastados nos primeiros dois meses da Era Xi Jinping (vice-secretário do Partido na província de Sichuan, Li Chuncheng era um dos membros suplentes do Comité Central eleitos no XVIII Congresso). Xi Jinping prometeu «combater os tigres e as moscas». (Liu Zhijun não era o único «tigre». Havia outro, muito mais

felino, que também estava na prisão, a aguardar julgamento: Bo Xilai). Não era fácil.

«A China é um país demasiado grande para o Partido supervisionar e controlar cada funcionário e, por isso, muitos líderes locais escapam muitas vezes à supervisão», salientava o professor Zhang Ming, da Universidade Popular de Pequim (Renmin Daxue). «Em alguns lugares, a corrupção tornou-se um estilo de vida comum – mais uma regra do que uma exceção.»

Uma revista, *China Weekly*, avançou com uma receita simples: «O combate à corrupção requer uma imprensa livre».

«Camponeses Da Vinci» e urbanização a todo o vapor

Cai Guo-Quiang vive desde meados da década de 1980 em Nova Iorque, onde o seu trabalho tem sido associado a Marcel Duchamp, Andy Warhol e Joseph Beuys. Em maio de 2010, num «contraponto» à Expo 2010, Cai Guo-Quiang organizou em Xangai uma grande instalação celebrando o «espírito inventor» dos camponeses. A exposição, intitulada «Camponeses Da Vinci», assinalou também a abertura do «primeiro museu de arte contemporânea» da área do Bund, instalado num restaurado edifício *art déco*.

Robôs, submarinos, avionetas, objetos voadores e outras máquinas construídas com sucata e recolhidas por Cai Guo-Quiang nas zonas rurais da China ocupavam os seis andares do novo Rockbund Art Museum. Através dessas invenções artesanais, Cai Guo-Quiang via o «poder criativo dos camponeses» e a «esperança de um povo perseguindo uma sociedade justa e democrática». «Os camponeses fazem as cidades melhores», escreveu o artista a toda a altura da parede de quadro andares que dá para o pátio interior do novo museu.

Cai Guo-Quiang já participou em várias encomendas do governo, entre as quais a cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim. Desta vez, tratava-se de um gesto «puramente pessoal». A exposição incluía 53 papagaios de seda e bambu, feitos à mão, onde eram projetados vídeos sobre cada um dos «Camponeses Da Vinci» representados na instalação.

Os camponeses são «a força de trabalho barata que produz as mercadorias exportadas pela China e os construtores cujo sangue e suor ergueram os arranha-céus», salientou Cai Guo-Quiang. Em Xangai, onde um quarto da população é constituído por «wai di ren» (pessoas de fora), foram também os trabalhadores oriundos das zonas rurais que fizeram as infraestruturas da Expo 2010, um certame que decorreu durante seis meses numa área de 528 hectares (dez vezes a Expo 98, em Lisboa), ao longo das suas margens do rio Huangpu.

Na mesma altura, noutra galeria do Bund, Yue Minjun optou por regressar às pinturas emblemáticas da revolução comunista, a maioria das quais envolvendo Mao Zedong. A exposição chamava-se «Paisagens com Ninguém».

Tiananmen – a monumental tribuna de cor púrpura de onde Mao proclamou a República Popular, em outubro de 1949 – é uma das «paisagens» evocadas. Na tela de Yue Minjun a tribuna está deserta. Recriando outro clássico do realismo socialista, onde se vê Mao a «passar o testemunho» a Hua Guofeng, em 1976, o artista pintou os *maples* onde os dois líderes estavam sentados e as respetivas mesas, com duas chávenas de chá e livros empilhados. Mas os *maples*, agora, estão vazios, ou melhor, «com Ninguém».

O texto afixado à entrada da exposição citava um provérbio chinês: «Após cem anos de vento e chuva, o herói tem de partir, mas as montanhas e os rios vão permanecer.»

*

No ano seguinte, o Gabinete Nacional de Estatísticas revelou que a maioria da população chinesa já vivia nas cidades. A percentagem, considerada histórica, aumentou para 52,57% em 2012. Ainda corresponde apenas ao índice de urbanização atingido pelos Estados Unidos quase um século antes, mas para chegar aos 70% – «a quota básica de modernização» – a China demorará apenas mais duas décadas.

Em dois anos, a população das cidades chinesas aumentou cerca de 25 milhões e, por este ritmo, em 2030 chegará aos 1000 milhões. É «a maior migração na história de humanidade», escreveu Tom Miller.³⁹

Li Keqiang, futuro primeiro-ministro, nasceu e cresceu numa zona rural da província de Anhui: «Viver nas cidades era apenas um sonho, mas a urbanização permitiu que o sonho se tornasse realidade». A urbanização «suscitará um enorme consumo e investimento e criará muitas oportunidades de emprego», defende Li Keqiang.

Por toda a parte emergem altas torres de apartamentos. São centenas, milhares, com mais de 30 andares, construídas em terrenos abandonados ou roubados à agricultura. Muitas estão ainda vazias, à espera de estradas que as liguem ao resto do país. Parecem cidades-fantasma, um erro de planificação e um desperdício de dinheiros públicos. Por toda a parte, também, a explicação é a mesma: «Dentro de pouco tempo está tudo habitado. A China tem muita gente.»

Mesmo nas cidades existentes, será preciso construir muito mais casas. Em dez anos, Tom Miller visitou 85 cidades chinesas. Pelas suas contas, em 2012, a maioria dos 250 milhões de trabalhadores migrantes residentes nas zonas urbanas viviam em dormitórios coletivos, alguns dos quais adjacentes ao local de trabalho. «Faltam 60 a 70 milhões de casas na China», diz Miller.

Segundo alguns especialistas, dada a dimensão do país (a China tem quase um quinto da população mundial e apenas 7% da terra arável), as cidades chinesas ainda são «pequenas». «Municípios como Cantão ou Pequim deviam ter 35 milhões de habitantes», defende Yukon Huang, diretor do Banco Mundial para a China durante sete anos (1997-2004).

35 de maio de 1989

Debate na televisão sobre «as diferenças culturais entre a China e os Estados Unidos»: um jornalista chinês que viveu na Califórnia conta que algumas empresas de Silicon Valley «até» deixam os empregados levar os cães para o local de trabalho, numa «informalidade impensável na China». «É um progresso notável, não há dúvida», salta o moderador. «No início do século xx, num jardim da Colónia Internacional de Xangai, era proibida a entrada a cães e a chineses.»

A memória dos «100 anos de humilhação nacional» continua muito viva.

Em março de 2013, quando questionada sobre o orçamento chinês para as Forças Armadas, a porta-voz da sessão anual da Assembleia Nacional Popular e vice-ministra dos Negócios Estrangeiros, Fu Ying, começou por dizer que «a China precisa de uma sólida força de defesa». «Na sua História, a China sofreu por ter uma fraca Defesa Nacional e foi intimidada por outros países. É uma dolorosa lição», justificou.

Todos os chineses conhecem um ou outro episódio do «enorme sofrimento que os colonialistas e imperialistas ocidentais impuseram ao país» após a Guerra do Ópio (1839-41). No noroeste de Pequim, junto às principais universidades do país, as ruínas do antigo Palácio de Verão representam uma ferida por sarar. O palácio – em chinês «Yuan Ming Yuan» (Jardins da Claridade Perfeita) – foi saqueado em 1860 por soldados franceses e britânicos. Segundo se ensina nas escolas, a China era então «um país semifeudal e semi-colonizado». A «libertação» só ocorreria em 1949, depois de o Partido Comunista tomar o poder no continente e anunciar o nascimento de uma «Nova China».

Acontecimentos mais recentes e igualmente traumáticos, como o «Grande Salto em Frente» (1959-61), que matou à fome mais de 30 milhões de chineses, são apagados da memória oficial. «Para os chineses de 20 anos, é mais fácil descobrir a história moderna da Europa ou da América do que a do seu próprio país», observou o sinólogo Simon Leys.

O «liu si» (4 de Junho de 1989) – o dia da intervenção militar contra o movimento pró-democracia da Praça Tiananmen – é uma das datas tabu. Mais de 20 anos depois, as pesquisas na internet sobre «liu si» estão bloqueadas. Para contornar a minuciosa censura, um internauta acrescentou quatro dias ao mês anterior: ficou 35 de maio.

No 20.º aniversário do «4 de junho», Ai Weiwei difundiu esta mensagem na internet: «Esqueçamos o 4 junho, esqueçamos este dia banal. A vida ensinou-nos que, sob o totalitarismo, todos os dias são o mesmo (...) Não há ontem nem amanhã (...) Não tendo o direito de lembrar, escolhemos esquecer».

*

Li Lu estudava Física em Nanjing quando os colegas das universidades de Pequim ocuparam a Praça Tiananmen, na primavera de 1989. Não havia telemóveis nem internet, mas as notícias – este género de notícias – corriam depressa. Li Lu apanhou o comboio para a capital e juntou-se ao movimento. Pouco depois já era vice-comandante do Comité de Ocupação da praça.

Associado à ala mais extremista do movimento, Li Lu fazia parte da lista de 21 ativistas procurados pela polícia chinesa depois do «4 de junho». Centenas de pessoas morreram. Milhares de outros foram presos ou exilaram-se.

Como Chai Ling, Wuer Kaixi e outros líderes estudantis, Li Lu conseguiu sair clandestinamente do país, com alegado apoio de serviços secretos ocidentais, e refugiar-se nos Estados Unidos. Tinha 23 anos. No livro que publicou a seguir, com prefácio do repórter da BBC John Simpson, Li Lu descreve a ocupação da Praça Tiananmen como «o início de um grande movimento para estabelecer uma República Popular genuína».

Depois de um MBA na Columbia University, em Nova Iorque, abriu um escritório em Manhattan e criou um fundo de investimento de alto risco (Himalaya Capital Partners L.P.). «Mercado Livre, Homem Livre» é o seu lema. Entretanto naturalizou-se americano.

No verão de 2010, *The Wall Street Journal* anunciou que Li Lu poderia ser «o sucessor do multimilionário Warren Buffett» na presidência do fundo de investimentos Berkshire Hathaway.⁴⁰ Ele já teria tido, aliás, «papel fundamental» na decisão de Warren Buffett de investir 230 milhões de dólares na BYD (Build Your Dreams), um inovador fabricante chinês de automóveis, na área dos veículos elétricos e híbridos.

Consultor da BYD, Li Lu tinha 2,5% das ações da empresa. O patrão, Wang Chuanfu, é um homem da sua idade. Quando o questionaram sobre os dramáticos acontecimentos de 1989, Wang Chuanfu respondeu: «Isso é passado. Hoje, eu e o Senhor Li Lu partilhamos a convicção de que a melhor maneira de ajudar a China a progredir é fazer da BYD uma companhia de classe mundial.»

*

Chen Xitong é um dos líderes mais associados à repressão, juntamente com o então primeiro-ministro, Li Peng. Em maio de 2012, quando já parecia esquecido, Chen Xitong demarcou-se daquela operação e apelou ao «reexame» do que considera agora «uma lamentável tragédia».

«Várias centenas de pessoas morreram nesse dia. Esperava que pudessemos resolver o caso pacificamente. Muitas coisas ainda não são claras, mas acredito que um dia a verdade virá ao de cima», diz Chen Xitong num livro publicado em Hong Kong.⁴¹ «Precisamos de analisar porque

ocorreu uma tragédia destas. Foi provocada pela luta interna no topo (do poder) e conduziu a uma tragédia que ninguém queria ver. Precisamos de reexaminar calmamente o caso e tirar uma lição do que aconteceu».

Chen Xitong era o presidente da Câmara de Pequim. No relatório que apresentou à Assembleia Nacional Popular no final de junho de 1989, condenou a ocupação estudantil da Praça Tiananmen como «uma rebelião contrarrevolucionária», a expressão oficial usada ainda hoje para classificar as manifestações que há 23 anos abalaram o país. Numa série de entrevistas concedidas ao investigador Yao Jianfu ao longo de quase um ano e meio, Chen conta que não escreveu uma única palavra daquele relatório: «Fielmente, li o relatório que me prepararam, até ao mais pequeno pormenor de pontuação.»

Deng Xiaoping dirigia a Comissão Militar Central, mas foi Li Peng que apareceu na televisão a declarar a lei marcial. No outro campo, encontrava-se o secretário-geral do PCC, Zhao Ziyang, afastado depois sob a acusação de ter apoiado os protestos estudantis e tentado «dividir o partido».

Zhao Ziyang viveria em prisão domiciliária até morrer, em fevereiro de 2005.

«Um dia o partido desclassificará todos os documentos e a História fará um julgamento mais justo de Deng Xiaoping, Li Peng e Zhao Ziyang. É uma questão de tempo», afirma Chen Xitong. «O nosso país está mais forte e por isso devemos ter um sistema mais democrático. Wen Jiabao tem dito várias vezes que precisamos de reformas políticas (...) Temos de fazer isso passo a passo (...) As coisas injustas serão um dia reapreciadas.»

Depois do «4 de junho», Chen ascendeu ao Politburo do PCC, mas a sua carreira terminou em 1995, na sequência de um alegado confronto com o novo secretário-geral do partido e presidente da República, Jiang Zemin. Chen Xitong foi acusado de corrupção e condenado a 16 anos de prisão.

Como muitos ativistas do movimento pró-democracia de 1989, Chen esteve detido na famosa prisão de Qincheng, nos arredores de Pequim. Foi libertado em 2006 por razões de saúde.

«Reeducação através do trabalho» nunca mais!

A história de Chen Qingxia, uma mulher detida durante três anos numa antiga morgue de Yichun, na província de Heilongjiang, no nordeste do país, não foi um exclusivo da imprensa ocidental, sempre suspeita de procurar «demonizar a China». Os pormenores do caso foram revelados pela Rádio Nacional da China, em janeiro de 2013, e depois pela Xinhua, indicando que uma das mais contestadas singularidades do sistema penal chinês, a «reeducação através do trabalho» (laojiao), tem os dias contados.

Criada na década de 1950 para punir a chamada «pequena delinquência», mas usada também contra ativistas políticos, a «reeducação através do trabalho» é uma sanção imposta pela polícia, sem necessidade de aprovação judicial. As penas podem ir até quatro anos. O calvário de Chen Qingxia começou em 2003, quando o marido, Song Lisheng, foi condenado a um ano e nove meses de detenção num «campo de reeducação». A sentença, que deteriorou a precária saúde mental de Song Lisheng, acabou por ser anulada, mas a polícia não o libertou. Em 2007, Chen Qingxia decidiu ir a Pequim com o filho e apelar diretamente ao governo central. Foi pior: agentes de segurança interceptaram-na e meteram-na à força num carro, de regresso a Yichun. O filho, de 12 anos, desapareceu.

Chen Qingxia foi depois condenada a ano e meio de detenção num «campo de reeducação» e, logo a seguir, internada numa morgue desativada. Era a única habitante das instalações, vigiada por um guarda, 24 horas por dia – até ao final de 2012, quando um repórter a descobriu e, identificando-se como familiar, conseguiu falar com ela. «Quero ir para casa, quero realmente ir, mas se eu sair daqui a polícia voltará (a prender-me)», disse. Tinha 44 anos e estava confinada a uma cadeira de rodas: «Quando voltei de Pequim os meus pés estavam bem. Agora já não sou capaz de andar.» Chen Xingxia disse que os guardas do «campo de reeducação» lhe bateram. O marido, entretanto, foi internado num asilo psiquiátrico.

Ao divulgar este caso, a Xinhua anunciou que as autoridades decidiram indemnizar Chen Qingxia e vão assegurar o pagamento das despesas médicas da mulher e do marido. O governo local prometeu ainda encontrar uma casa para o casal e tentar descobrir o paradeiro do filho. Três agentes da polícia e um outro funcionário foram demitidos, acusados de cometerem «erros» na aplicação da lei.

Logo no início de 2013, na sequência de uma «conferência sobre questões judiciais» realizada em Pequim com a participação de responsáveis do Ministério da Segurança Pública, a Xinhua anunciou que o «laojiao» ia ser «reformado». «As mudanças estão iminentes», afirmou Chen Jiping, vice-diretor da China Law Society. A Assembleia Nacional Popular terá ainda de se pronunciar, mas várias províncias já disseram que vão deixar de aplicar aquele sistema. Segundo estatísticas do Ministério da Justiça, havia cerca de 60 000 pessoas detidas em «centros de reeducação». A prestação de «trabalho comunitário» poderá ser uma das «alternativas» para essas, adiantou Chen Jiping.

No verão anterior, mais de 7000 pessoas subscreveram um apelo a favor da abolição do «laojiao», lançado por um advogado de Hangzhou, Wang Cheng. Esse sistema «não é compatível com o desenvolvimento social» do país, «viola a Constituição da China» e a sua aplicação «conduziu a injustiças, incluindo abuso de poder por funcionários da polícia e atentados aos direitos humanos», disse Wang Cheng.

Para a revista *Caixin*, trata-se de «um tumor maligno», que «teve origem nos terríveis campos de trabalho forçado da antiga União Soviética», e a sua abolição é «um pré-requisito para a harmonia social». «Hoje, uma sociedade civilizada é avaliada pela capacidade de proteger a liberdade individual das pessoas (...) Tal como não pode haver propriedade privada sem leis que protejam a propriedade, as pessoas não podem ser livres se não houver leis que protejam a sua liberdade.»

Entre os delegados à Assembleia Nacional Popular emergiram também vozes muito críticas e impacientes. «O “laojiao” é uma desgraça para a imagem nacional da China e requer urgente reforma», disse Yang Weicheng, da província de Shandong. «A reforma (do “laojiao”) é incontornável», considerou Deng Hui, de Jiangxi. «Este sistema faz as pessoas viver com medo» e é «extremamente propício aos abusos de poder», afirmou Dai Zhongchuan, de Fujian.

O enigma chinês

O impacto da Revolução Francesa?!... «É demasiado cedo para dizer qual foi.»

A frase, atribuída ao antigo primeiro-ministro Zhou Enlai, é frequentemente citada como um exemplo da «dilatada e tranquila visão» que os líderes chineses têm do tempo. Foi pronunciada em 1972, num jantar com o presidente norte-americano Richard Nixon, mas ao contrário do que sempre se entendeu no Ocidente, Zhou Enlai estava a referir-se à revolta estudantil de Maio de 68 e não à Revolução Francesa de 1789. «Lembro-me perfeitamente da conversa. There was a misunderstanding that was too delicious to invite correction», contaria o intérprete de Nixon, Chas Freeman, durante o lançamento do livro de Henry Kissinger *On China*, em junho de 2011. A «correção» foi notícia de primeira página no *Financial Times*.⁴²

Mais de um ano depois, num debate em Pequim com profissionais brasileiros, um conhecido professor da Renmin Daxue (Universidade Popular) repetiu o «delicioso» comentário de Zhou. «Para lidar com a China, é preciso paciência. O tempo, aqui, é diferente», concluiu o professor. As autoridades chinesas, no entanto, nunca estiveram «equivocadas». «Investigadores chineses com acesso aos arquivos do Ministério dos Negócios Estrangeiros em Pequim disseram que os registos mostram que Zhou Enlai estava a referir-se aos tumultos de 1968 em Paris», contou o sinólogo Geremie Barmé.⁴³

Há «equívocos» mais dramáticos, como o que envolveu o antigo treinador sérvio da seleção chinesa de futebol, Boris Milutinovic, em 2001. «Mi Lu», como os chineses lhe chamavam, era quase uma lenda. Antes de a China o contratar, tinha conseguido uma proeza inédita: levar quatro seleções ao Mundial: México, Costa Rica, Estados Unidos e Nigéria. Conseguiria repetir o sucesso com a China, um país que fora sempre eliminado da competição? «É difícil imaginar o que acontecerá se a China voltar a ser eliminada. Se calhar atiram-me pela Grande Muralha abaixo», comentou o treinador sérvio numa conferência de imprensa.

Mi Lu falava em espanhol ou em inglês, que um intérprete traduzia depois para chinês. O que os jornalistas ouviram foi: «Se a China não se qualificar atiro-me da Grande Muralha abaixo.» Não aconteceu uma coisa nem outra: a China conseguiu qualificar-se, num «grande feito histórico» festejado nas ruas com foguetes e fogo-de-artifício. Mi Lu tornou-se «um herói nacional».

*

A representação da China como uma entidade misteriosa e insondável tem muitos seguidores.

Em janeiro de 2013, na televisão, um jornalista europeu disse que «politicamente, um dia, a China será um país como os outros». A frase soou como uma blasfémia.

Mais do que um país, a China será uma Civilização, com C grande, governada há milhares de anos por sábios imperadores. Henry Kissinger, que se orgulha de ter visitado o país mais de 50 vezes e que se encontrou com os líderes de várias gerações, de Mao a Hu Jintao, parece fascinado: «Nenhum outro país pode reivindicar uma tão longa e contínua civilização, nem uma tão íntima ligação ao seu passado e aos princípios clássicos de estratégia e *statesmanship*». ⁴⁴

Francis Fukuyama, o ensaísta que após a Guerra Fria anunciou o «Fim da História» e o triunfo universal da economia de mercado, não inclui o regime chinês no mesmo saco do «capitalismo autoritário» onde estão a Rússia ou o Irão. «A força mais importante do sistema político chinês é sua capacidade para tomar grandes e complexas decisões rapidamente, e decidir relativamente bem, pelo menos na política económica», realçou Fukuyama num comentário intitulado «Os Estados Unidos têm pouco a ensinar à China». ⁴⁵ Na sua opinião, «o poder do Partido Comunista Chinês não é limitado pela lei nem por eleições democráticas, mas enquanto limita as críticas do público, o partido tenta antecipar-se ao descontentamento popular e mudar de política».

O jornalista britânico Jonathan Watts, autor de uma longa reportagem sobre o estado do ambiente no país, sustenta que «o sistema político da China não é uma democracia nem uma ditadura». ⁴⁶

Um diplomata ocidental que acompanha há 20 anos a evolução da China deu esta definição ao *Financial Times*: «é uma ditadura sem ditador.»

O «modelo chinês», que Fukuyama considera «difícil de descrever e, ainda mais, de copiar», é normalmente definido como «uma combinação entre socialismo e economia de mercado», mas há quem avance outras designações. «Capitalismo vermelho», por exemplo. Ou «socialismo de mercado», «social-confucionismo», «leninismo de mercado»... «O mais essencial dos modernos “ismos” chineses», remata Jonathan Watts, «é optimismo».

O Estádio dos Trabalhadores

Pelas bancadas do Estádio dos Trabalhadores, o ícone da arquitetura socialista que se vê do meu quarto, ecoam ainda os clamores dos antigos julgamentos populares. No seu mais recente livro, *Tide Players*, Zha Jianying fala de uma professora de um infantário, Wang Peiying, presa por ter criticado publicamente Mao Zedong antes e depois da Revolução Cultural.⁴⁷ Durante dois anos e meio foi submetida a «tratamento médico forçado» num asilo psiquiátrico, foi de novo presa, «torturada e humilhada», mas nunca se retratou. «No dia 27 de janeiro de 1970, num comício de “crítica e ataque” no Estádio dos Trabalhadores, perante 100 000 pessoas, Wang Peiying e 16 outros “contrarrevolucionários” foram condenados à morte. Iam ser imediatamente executados. Sempre contestatária, ela lutou com os guardas quando ia a caminho do local de execução. Eles estrangularam-na até à morte com uma corda dentro do camião.»

Dez anos mais tarde, um dos seus sete filhos, Zhang Dazhong, nascido em 1948, conseguiu que o veredito fosse revisto por um tribunal de Pequim: Wang Peiying não podia ser considerada uma «contrarrevolucionária» porque «as críticas a Mao foram feitas quando sofria de doença mental». A parcial reabilitação, deu direito a uma indemnização de 7000 yuans. Com a parte que lhe coube (1000 yuans), Zhang Dazhong casou-se e criou o seu primeiro negócio: limpeza de fogões a gás. A seguir passou a vender lâmpadas, que ele próprio fabricava na cozinha da sua casa, e depois lançou-se no comércio de amplificadores. Em 1986 abriu uma loja de calculadoras de bolso e outros produtos eletrónicos. Já na década de 1990, fundou uma das primeiras cadeias de lojas de eletrodomésticos de Pequim, que venderia em 2007 por 3600 milhões de yuans.

Como empresário, podia ser considerado um homem realizado. Na lista dos milionários chineses, com 759 nomes, Zhang Dazhong figurava em 269.º lugar, com uma fortuna estimada em 3800 milhões de yuans. Faltava-lhe, no entanto, cumprir uma missão.

Zhang Dazhong contratou um realizador de cinema para fazer um documentário sobre a vida da mãe, que entrevistou várias pessoas que a conheceram e testemunhas do «julgamento» no Estádio dos Trabalhadores. Em 2010, no 40.º aniversário da execução de Wang Peiying, organizou uma homenagem em sua memória num grande hotel de Pequim. Estavam presentes cerca de 500 pessoas, entre as quais antigos vizinhos e amigos da família. O professor Mao Yushi, consagrado economista liberal, muito crítico das políticas maoistas e acusado outrora de «direitista», pronunciou um «comovente discurso», descrevendo a mãe de Zhang Dazhong como «uma heroína e uma mártir».

«Se a China não tivesse optado pela política de Reforma e Abertura – disse Zhang Dazhong a Zha Jianying – uma pessoa como eu, vindo de uma família como a minha, nunca teria tido uma oportunidade. Se escrever a minha história, tem de registar isto: tendo em conta onde eu estava

há 30 anos, é como uma viagem do inferno para o paraíso.»

*

O Estádio dos Trabalhadores data de 1959. Foi construído em menos de um ano, para celebrar o 10.º aniversário da República Popular. Como o Grande Palácio do Povo e outras obras da mesma empreitada, «reflete o espírito do Grande Salto em Frente da classe operária da China na edificação do socialismo». Mais de meio século depois, o estádio continua a ser uma referência, mas por razões não propriamente proletárias.

Numa sexta-feira de verão, às dez da noite, dos 14 automóveis estacionados à porta do Mix, oito eram Mercedes, BMW e Porsche, entre os quais um Cayenne Turbo S, que custa mais de 2,3 milhões de yuans (255 000 euros). O Mix é uma das dezenas de discotecas, bares e *nightclubs* abertos em redor do Estádio dos Trabalhadores. Há outros, com nomes igualmente cosmopolitas: Vics, Babyface, Palace, Coco, Gaga, Tango... E, também, alguns dos restaurantes mais caros – e burgueses – da cidade: Green T House, Bellagio, Le Quai... O Silk South Road, especializado em cozinha de Yunnan, é propriedade do pintor Fang Lijun.

O estádio, que durante décadas foi o maior do país, com 80 000 lugares, ocupa também um lugar mítico na história do *rock* chinês. Foi lá, em maio de 1986, que Cui Jian, «o Bob Dylan da China», tocou pela primeira vez em público *Não em Meu Nome* (ou «Não tenho nada que seja meu»), uma canção inconformista que se tornou rapidamente o hino de uma geração. «Na altura, poucos chineses, incluindo eu próprio, sabiam realmente o que era o *rock'n'roll*, mas sabíamos que era qualquer coisa que libertava energia», recordaria Cui Jian, antigo trompetista da Orquestra Filarmónica de Pequim e fundador da primeira banda *rock* do país, em 1984.

Em agosto de 2010, o velho estádio acolheu um inédito «Concerto aos Heróis do *Rock* Chinês», com Cui Jian e outras lendas do género. Mas as dezenas de milhares de fãs que enchiam as bancadas não foram apenas ver e ouvir os seus ídolos: durante cerca de três horas, eles cantaram com os vários grupos que iam desfilando pelo palco, celebrando juntos uma música que durante anos esteve banida na China. A assistência sabia de cor a letra de todas as canções e identificava as músicas assim que soavam os primeiros acordes. Não era um concerto: era uma celebração. «O *rock* significa liberdade, afirmação individual, energia e persistência», disse um dos organizadores.

*

Para os Jogos Olímpicos, o governo decidiu construir um novo estádio. A obra foi encomendada a um ateliê de arquitetos suíços: Herzog & de Meuron. Um outro ícone da nova Pequim, o Teatro

Nacional, na principal avenida da cidade, foi desenhado pelo francês Paul Andreu. É uma pérola de vidro e titânio, flutuando num lago artificial, ao lado do austero Grande Palácio do Povo.

– A maior parte dos grandes ateliês europeus tem aqui escritórios – constatou Filipa Castelão.

Filipa Castelão foi contratada na primavera de 2011 pelo escritório local da Spark, uma sociedade britânica de arquitetos. O pai é arquiteto e ela «sempre disse» que seguiria a mesma arte. Mas quando concluiu o curso, em dezembro de 2010, a construção em Portugal estava «parada».

– Metade dos meus colegas não está sequer a trabalhar em arquitetura e conheço alguns que ganham apenas 300 euros por mês, metade do que o curso custava.

Filipa Castelão enviou o currículo para vários ateliês internacionais. A resposta mais aliciante veio de Pequim.

– Mande um currículo numa quarta-feira, no dia seguinte responderam-me a marcar uma entrevista para sexta-feira, no mesmo dia mandaram-me o contrato e na segunda-feira já tinha de dar uma resposta. A velocidade na China é cinco vezes mais rápida do que na Europa.

O ordenado inicial era também muito superior aos que lhe ofereceram em Paris e em Berlim.

– Não trabalho menos de 10 horas por dia, mas sou recompensada e gosto do que faço.

A maioria dos 30 arquitectos do ateliê eram estrangeiros, de várias nacionalidades, e o mais velho, o diretor, era um alemão de 34 anos.

– Aqui temos mais liberdade e há dinheiro para construir.

Poluição e democracia

Em janeiro de 2013, o Estádio dos Trabalhadores desapareceu do horizonte, engolido pela poluição e uma espessa bruma cinzenta. Durante um mês Pequim teve apenas cinco dias com sol, o que não acontecia desde 1954, revelou o Serviço Meteorológico Municipal. Foi também o inverno mais frio dos últimos 20 ou 30 anos, fazendo aumentar a quantidade de carvão usada no aquecimento das casas. A densidade de poeiras na atmosfera chegou a atingir 900 microgramas por metro cúbico – 36 vezes mais do que o nível definido pela Organização Mundial de Saúde como «perigoso». Segundo um estudo norte-americano, a média superou mesmo os valores apurados nas salas de fumo de 16 aeroportos dos Estados Unidos. Em vez do «esplendor único de Pequim» que a propaganda costuma enaltecer, a capital chinesa ficou de repente colada a uma nova e assustadora palavra – «Arpocalipse».

Num único dia, um dos hospitais pediátricos da cidade atendeu mais de 10 000 crianças com problemas respiratórios. «Isto é a terra cinzenta!», comentou um visitante africano. O governo, no entanto, não escondeu nem tentou minimizar os efeitos da poluição. A imprensa questionou abertamente a «qualidade» do acelerado crescimento económico do país. «Deixem a sociedade participar na solução do problema. A escolha entre desenvolvimento e proteção ambiental deve ser feita por métodos genuinamente democráticos», defendeu o *Global Times*.

As vendas de máscaras e de aparelhos para purificar o ar dispararam. Dezenas de fábricas e estaleiros de construção «altamente poluentes» foram obrigadas a interromper a laboração. As escolas suspenderam as atividades ao ar livre e parte dos automóveis oficiais saiu da circulação. «Os casos de cancro no pulmão em Pequim aumentaram 60% na última década. É um número muito chocante e uma das grandes causas disso é a poluição», disse o professor Zhong Nanshan, conhecido especialista de doenças respiratórias, numa entrevista à televisão.

Numa sondagem em Pequim e seis outras grandes cidades, 60% dos inquiridos apontaram a poluição como uma das «principais ameaças ao desenvolvimento» do país, a seguir à corrupção. «Não diria que os esforços dos últimos 40 anos foram um falhanço total, mas tenho de admitir que os governos não fizeram o suficiente para dominar a voraz procura de crescimento económico e não conseguiram evitar alguns dos piores cenários de poluição que tínhamos previsto», afirmou o professor Qu Geping, que participou nos primeiros programas de proteção ambiental, na década de 1970. A explicação estava à vista: «Não houve supervisão dos governos porque o poder ainda está acima da lei», afirmou Qu Geping a um jornal de Hong Kong.

O custo do tratamento das doenças causadas pela poluição equivale a 1,2% do PIB chinês, disse a Caixin, citando um estudo do Banco Asiático de Desenvolvimento. Entre as 500 maiores cidades chinesas – salientou a mesma revista – «menos de 1% cumprem os padrões da OMS acerca da

qualidade do ar». «Fábrica do mundo», que produz mais de metade do aço e cimento do planeta, a China tem hoje sete das dez cidades mais poluídas do planeta. O preço ambiental que a China estava a pagar pelo seu «milagre económico» tornava-se evidente.

«Mais de 70% dos lagos e rios do continente e mais de 90% das águas subterrâneas nas áreas urbanas estão seriamente poluídos, e até impróprios para os animais beberem. Quase 300 milhões de pessoas, a maioria nas zonas rurais, não têm acesso a água potável», escreveu o diretor do *South China Morning Post*, Wang Xiangwei. «Os líderes chineses dizem com orgulho que a China fez grandes progressos na questão dos direitos humanos ao retirar centenas de milhões de pessoas da pobreza», mas «proporcionar-lhes ar puro para respirar e água limpa para beber são outros direitos humanos que o governo central deve esforçar-se arduamente para garantir», rematou o jornalista.

«Pequim “cidade mundial”?», questionou o *China Daily*. «O que é uma “cidade mundial”? Não será de certeza uma cidade que na maioria dos dias de inverno está envolta em poluição e cujas ruas estão a maior parte do tempo congestionadas».

A ousadia da imprensa e de muitos académicos coincidia com a chegada ao poder da liderança encabeçada por Xi Jinping. «Poluição impulsiona apelos a favor de reformas políticas», assinalou o *Financial Times*. «A China deixou de ser um país onde os apelos do governo são imediatamente seguidos por toda a sociedade», sintetizou o *Global Times*.

*

O dia 1 de fevereiro amanheceu com sol e céu azul. O vento que soprara durante a noite varreu a bruma. Da janela do meu quarto via-se de novo o Estádio dos Trabalhadores e, ao fundo, aquela torre de 80 e tal andares, desenhada por um famoso ateliê de Chicago. A apresentadora do «estado do tempo» na televisão não se conteve: «É agradável começar assim o dia.»

Faltavam nove dias para o novo ano lunar. O longo Ano do Dragão estava a acabar.

Depois de assumir a chefia do governo, o novo primeiro-ministro, Li Keqiang, prometeu «punir sem piedade os que violam as leis (sobre proteção ambiente)». «Não devemos procurar o crescimento económico à custa do ambiente. Esse tipo de crescimento não satisfaz o povo», disse. Licenciado em Direito e com um doutoramento em Economia, Li Keqiang iria prometer também «governar de acordo com a lei» e «aceitar a supervisão da sociedade e dos média».

«Honrar a frugalidade, repudiar a extravagância»

Em vez de dez e mais pratos regados com «bai jiu» (aguardente), como costuma acontecer nos banquetes chineses, os menus politicamente corretos deverão agora renunciar ao álcool e incluir apenas quatro pratos e uma sopa. «Honrar a frugalidade, repudiar a extravagância», ordenou Xi Jinping a propósito das refeições, festas e outras atividades sociais alusivas à passagem do ano lunar.

O apelo à frugalidade visa eliminar duas grandes fontes de descontentamento popular: o «esbanjamento do dinheiro público» e o chocante desperdício de comida num país onde cerca de 100 milhões de pessoas vivem ainda abaixo da «linha de pobreza».

A quantidade de comida desperdiçada anualmente no país, estimada em mais de 200 000 milhões de yuans (23 670 milhões de euros), chegaria para alimentar quase 200 milhões de pessoas, concluiu um estudo da Universidade Chinesa de Agricultura. Um conhecido agrónomo, Yuan Longping, sugeriu mesmo que o governo devia «criminalizar» o desperdício de comida.

Muitos restaurantes começaram a encorajar os clientes a levar para casa a comida que ficou na mesa e a atribuir prémios aos que comem tudo. «Todos estes métodos estão a revelar-se efetivos e devem ser promovidos», disse o ministro do Comércio, Chen Deming.

Na internet surgiu um movimento com objetivos idênticos e cujo nome fala por si: «Rapar o prato!»

Segundo a imprensa oficial, a campanha a favor da frugalidade estava «a varrer o país», com evidentes resultados. Em Tianjin, um município com cerca de 13 milhões de habitantes, diretamente dependente do governo central, o número de banquetes organizados por serviços públicos diminuiu 30% em relação ao ano passado, exemplificou a Xinhua.

A sessão anual da Assembleia Nacional Popular, o maior acontecimento da agenda política chinesa, a seguir aos congressos do Partido Comunista, também seria «frugal». Não haverá flores nos quartos dos cerca de 3000 delegados, nem cerimónias de receção nos aeroportos ou estações de comboio, e todos irão comer *buffets* sem álcool e sem comida cara, adiantou um vice-presidente do Comité Permanente da Assembleia.

A reunião, convocada para 5 de março, teria como «prato forte» a eleição dos titulares dos principais cargos do Estado durante os cinco anos seguintes.

Em 2012, o desfile de delegados e delegadas com cintos Hermés, malas Céline e outros sinais exteriores de riqueza deu muito que falar. Segundo um estudo difundido pela Bloomberg News, a fortuna dos 70 delegados mais ricos somava 565 800 milhões de yuans (89 800 milhões de dólares), «11 vezes mais do que os 600 membros do Congresso dos Estados Unidos, o presidente e a sua administração, e os nove juízes do Supremo Tribunal de Justiça».

No ano seguinte, a atmosfera era mais «frugal», mas os ricos não saíram da Assembleia Nacional Popular. De acordo com a lista publicada em Hong Kong, 23 tinham mais 1000 milhões de dólares, e a fortuna do mais rico de todos, Zong Qinghou, chegava aos 11 600 milhões de dólares. Tudo somado, dava 324 694 milhões de yuans, o que correspondia a 78% do orçamento chinês para a Educação.

«Menos de 1% da população chinesa tem mais de metade da riqueza da China», salientou um jornal ao defender a criação de um imposto sucessório. «Não será inédito no mundo, mas ajusta-se mal a um país que se define constitucionalmente como “um Estado socialista sob a ditadura democrática do povo liderada pela classe trabalhadora e assente na aliança operário-camponesa”». ⁴⁸

Eleições no Grande Palácio do Povo

A seguir ao Ano do Dragão, veio o Ano da Serpente – um signo universalmente associado à sedução.

O sistema de aquecimento central, que costumava ser sempre desligado a 15 de março, qualquer que fosse o estado do tempo, ficou a funcionar por mais dois dias.

Na edição de março da revista *Beijing*, publicada pelo Gabinete de Informação do Município de Pequim, o editorial, dedicado à «felicidade», termina com esta proclamação: «O desenvolvimento de uma cidade não pode depender de uma pessoa, um governo ou um grupo de pessoas, mas da ação coletiva dos seus habitantes.» O passado é, contudo, um dos destaques da edição. A cidade é a capital da China há 860 anos, lembra a revista, e segundo o primeiro imperador que aqui se instalou, em 1153, «quem quiser governar a China, tem de viver em Pequim».

*

Por influência de organizações cristãs fundadas por exilados chineses, o «caso de Feng Jianmei», a mulher de Shaanxi forçada a interromper uma gravidez de sete meses por já ter o único filho permitido pelo governo, chegou ao Parlamento Europeu e à Câmara dos Representantes dos Estados Unidos. Através de um acordo extrajudicial com as autoridades locais, Feng Jianmei recebeu uma indemnização de 70 000 yuans (cerca de 8750 euros) e foi viver para outra província. «Pensei que, se mudasse de ambiente, o meu estado de espírito melhoraria. Depois de ir para a província de Jiangsu, senti-me melhor. Antes, quando as pessoas me reconheciam, isso fazia-me sempre recordar o aborto forçado. Era uma sensação muito desconfortável», contou Feng Jianmei a uma televisão de Xangai.⁴⁹

Liu Yang, a primeira astronauta chinesa, é uma das novas delegadas à Assembleia Nacional Popular. Com outros 267 militares, todos filiados no PCC, ela representa as Forças Armadas no «supremo órgão do poder de Estado». A major Liu Yang ainda não tinha nascido quando a russa Valentina Tereshkova viajou à volta do planeta, em 1963. A China vivia então numa espécie de revolução permanente e em confronto com as superpotências da época. Com décadas de atraso em relação aos Estados Unidos e à Rússia, o programa espacial chinês vai fazendo o seu percurso e, como naqueles países, cada passo amplia o orgulho nacional. Há dez anos, a China conseguiu colocar um astronauta em órbita e em 2020, se tudo correr como planeado, a sua primeira estação espacial começará a funcionar. Por coincidência, a atual Estação Espacial Internacional,

fruto da cooperação entre os Estados Unidos, Rússia, Japão, Canadá e União Europeia, será desativada nessa altura.

*

As urnas colocadas na plateia do Grande Palácio do Povo eram todas vermelhas; a cor dos quatro boletins de voto, uma folha de cartolina A-4, variava. O boletim púrpura, por exemplo, dizia respeito ao presidente e aos 13 vice-presidentes da Assembleia Nacional Popular, os primeiros titulares dos órgãos do Estado eleitos no dia 14 de março de 2013. Apenas um dos boletins – com a lista dos membros do Comité Permanente da Assembleia – tinha mais nomes (174) do que os lugares em disputa (161).

Para a presidência da República e da Comissão Militar Central havia apenas um candidato (Xi Jinping) e para a vice-presidência da República, também (Li Yuanchao). Este último só foi dado como certo quatro dias antes, «usurpando» um lugar que parecia destinado ao «número cinco» da hierarquia do PCC, Liu Yunshan, e, talvez por isso, obteve o maior número de votos contra e abstenções: 80 e 37 respetivamente. Xi Jinping, em contrapartida, suscitou um único voto contra e três abstenções, sendo eleito por 99,8% dos 2956 delegados que participaram no escrutínio.

O anúncio do resultado suscitou uma prolongada ovação. Xi Jinping inclinou-se diante da assistência, numa vénia de quase 90 graus, e a seguir cumprimentou o antecessor, Hu Jintao, que estava sentado ao seu lado e que nesse preciso momento terminava o segundo e último mandato de cinco anos. «A tocha passa para uma nova geração», diria o *China Daily* a toda a largura da primeira página, com a imagem daquele aperto de mão impressa a cinco colunas.

No dia seguinte, no mesmo local, a nomeação de Li Keqiang para o cargo de primeiro-ministro foi aprovada por 99,69% dos delegados.

A imprensa escrita oficial não precisou a distribuição dos votos, limitando-se a dizer que Xi Jinping foi eleito. O voto solitário contra o novo presidente suscitou, contudo, vários comentários e anedotas nas redes sociais. «Terá sido o próprio Xi a votar “não”? Ou foi apenas uma farsa?», perguntava um bloguer. «Parabéns à pessoa que votou “não”», escreveu outro. Um jornalista criticou a imprensa oficial por ter omitido aquele voto: «Ficou incomodada por a percentagem ter sido demasiado alta? Ou por não ser ainda suficiente?»

Outros bloguers recordaram o caso de Zhang Dongsun, um intelectual que votou contra a nomeação de Mao Zedong para chefiar o primeiro governo da República Popular, em 1949. Foi também o único voto do género. «Zhang pagou um elevado preço por esse voto. Esperemos que, desta vez, a pessoa não seja perseguida», comentou um bloguer. Zhang foi afastado do ensino durante a «campanha anti-direitista» de 1957 e quando começou a Revolução Cultural foi enviado para um «campo de reeducação», onde viria a falecer.

As expectativas, no entanto, são altas. «Irá Xi Jinping revelar-se um líder transformador ao

estilo de Deng?», perguntava Yukon Huang, antigo diretor do Banco Mundial para a China. «Querirá Xi agir tão decisivamente na liberalização política como na liberalização económica?»

A «liberalização económica» começou de forma experimental há cerca de 30 anos, nas chamadas Zonas Económicas Especiais (ZEE). Situadas na costa sul do país, perto de Hong Kong, Macau e Taiwan, as cinco ZEE's serviram para testar os «perigos» e «benefícios» da abertura ao investimento externo e à iniciativa privada. Formados segundos os princípios da «planificação central», herdada da antiga União Soviética, muitos dirigentes chineses receavam que o convívio com os «métodos de gestão capitalistas», mesmo limitado, poderia desvirtuar o socialismo. Os resultados, no entanto, venceram as inibições ideológicas e a experiência seria depois alargada a outras regiões do país.

Li Yongzhong, vice-diretor do Instituto de Disciplina e Supervisão, propõe um modelo semelhante para a «liberalização política». Neste caso serão «Zonas Políticas Especiais», com eleições diretas dos líderes da administração pública e do próprio Partido⁵¹. A eventualidade de o processo «escapar ao controlo» (do Partido) e «provocar uma sublevação» – «o grande receio que impede a liderança de promover efetivas reformas políticas» – ficaria assim «contido», defende Li Yongzhong. «Pode ser arriscado», admite, mas «não fazer nada será fatal».

Pequim, 21 de março de 2013

Notas

- 1 *China Daily*, 14-09-2012.
- 2 *Global Times*, 17-01-2011.
- 3 *China Weekly* (Pequim), 2010.
- 4 «China 3.0», Londres, novembro de 2012.
- 5 China Internet Network Information Center, Pequim, 15-01-2013.
- 6 *The Wall Street Journal*, 14-06-2012.
- 7 *Forbes Magazine*, dezembro de 2011.
- 8 *China Daily*, 29-01-2010.
- 9 *China Weekly* (Pequim), 2012.
- 10 Xinhua, 08-10-2012
- 11 *Global Times*, 18-09-2012.
- 12 Xinhua, 09-09-2009.
- 13 Zheng Yongnian, *The Chinese Communist Party as Organizational Emperor*, 2010.
- 14 Richard McGregor, *The Party – the Secret World of China’s Communist Rulers*, 2010.
- 15 *Financial Times*, 11-11-2012.
- 16 *Le Monde*, 18-01-2011.
- 17 *South China Morning Post* (Hong Kong), 01-06-2012.
- 18 *Global Times*, 14-01-2011.
- 19 *Diário do Povo*, 29-01-2013.
- 20 Caroline Puel, *Les Trente Ans qui Ont Changé la Chine*, 2011.
- 21 Agência EFE, 03-07-2010.
- 22 Richard Burger, *Behind the Red Door – Sex in China*, 2012.
- 23 *South China Morning Post* (Hong Kong), 15-02-2013.
- 24 *Der Spiegel*, 29-01-2008.
- 25 *South China Morning Post* (Hong Kong), 15-02-2013.
- 26 *China Daily*, 12-05-2009.
- 27 *Revista New Yorker*, 18-11-2011.
- 28 *The Wall Street Journal*, 14-07-2012.
- 29 *Global Times*, 08-09-2011.
- 30 *Global Times*, 10-02-2010.
- 31 *Time Magazine*, 08-04-2010.
- 32 Wang Hui, *The End of Revolution and the Limits of Modernity*, 2009.
- 33 David Shambaugh, *China Goes Global – The Partial Power*, 2013.
- 34 *The Guardian*, 19-10-2011.

- 35 «China 3.0», Londres, novembro 2012.
- 36 Xinhua, 19-09-2012.
- 37 Deng Yinke, *Ancient Chinese Inventions*, 2010.
- 38 Li Yang, «Anelka mão pode salvar o futebol», *China Daily* 31-03-2011.
- 39 Tom Miller, *China's Urban Billion*, 2012.
- 40 *The Wall Street Journal*, 30-07-2010.
- 41 *Conversations With Chen Xitong*, 2012.
- 42 *Financial Times*, 11-06-2011.
- 43 *Idem*.
- 44 Henry Kissinger, *On China*, 2011.
- 45 *Financial Times*, 17-01-2011.
- 46 Jonathan Watts, *When a Billion Chinese Jump – How China Will Save Mankind or Destroy it*, 2010.
- 47 Zha Jianying, *Tide Players – The Movers and Shakers of a Rising China*, 2011.
- 48 Dragon TV, dezembro de 2012.
- 49 *Global Times*, 04-03-2013.

GLOSSÁRIO

Beida (Universidade de Pequim) – A mais antiga da China, aberta em 1898.

Beiwai – Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim.

Bund – A avenida marginal de Xangai.

CCTV – Televisão Central da China.

ChangAn (Eterna Paz) – A principal avenida de Pequim.

China Daily – Jornal oficial de língua inglesa, lançado em 1981.

Cidade Proibida – Antigo Palácio Imperial, no centro de Pequim.

Conselho de Estado – Executivo do governo chinês.

Deng – Deng Xiaoping (1904-1997), «arquiteto-chefe da política de Reforma e Abertura».

Diário do Povo – Órgão central do PCC.

Global Times – Jornal em língua inglesa do grupo «Diário do Povo», lançado em 2009.

Hong Kong – Região Administrativa Especial da RPC, desde julho de 1997.

Hu Jintao (1942 –) – Secretário-geral do PCC e presidente da República de 2003 a 2013.

Hu Yaobang (1915-1989) – Antigo secretário-geral do PCC, afastado em 1987.

Hutong – Palavra de origem mongol que designa os típicos becos de Pequim.

Jiang Zemin (1926 –) – Secretário-geral do PCC e presidente da República de 1989 a 2003.

Lin Biao (1907-1971) – Antigo ministro da Defesa e designado sucessor de Mao.

Macau – Região Administrativa Especial da RPC, desde dezembro de 1999.

Mao – Mao Zedong (1893-1976) – Fundador do PCC e primeiro presidente da República Popular da China.

MNE – Ministério dos Negócios Estrangeiros.

ONG – Organização Não Governamental.

Partido – Partido Comunista Chinês

PCC – Partido Comunista Chinês.

PIB – Produto Interno *per capita*.

Politburo – Comissão Política do PCC constituída por 25 membros e dirigida por um Comité Permanente – a cúpula do poder – com apenas sete elementos.

RPC – República Popular da China, proclamada em outubro de 1949.

Reforma e Abertura – Abreviatura de «Reforma Económica e Abertura ao Exterior», adotada pelo PCC em dezembro de 1978.

Revolução Cultural – Abreviatura de «Grande Revolução Cultural Proletária» (1966-76).

South China Morning Post – Jornal de língua inglesa de Hong Kong.

Taiwan – Ilha onde se refugiou o antigo governo chinês depois da proclamação da RPC e que continua a identificar-se como «República da China» (sem o adjetivo «popular»).

Xinhua – Agencia noticiosa oficial chinesa. (O nome significa «Nova China»).

Xinjiang – Uma das cinco Regiões Autónomas da RPC, juntamente com Guangxi, Mongólia Interior, Ningxia e Tibete.

Yangtze – O maior rio da China, com 6300 quilómetros de comprimento.

Yuan – Moeda chinesa. Em março de 2013, um euro valia cerca de 8 yuans.

Zhao Ziyang (1919-2005) – Antigo primeiro-ministro e secretário-geral do PCC, afastado em 1989.

Zhou Enlai (1898-1976) – Antigo primeiro-ministro da China, desde 1949 até à morte.

NOTA SOBRE OS NOMES CHINESES

Os nomes chineses citados neste livro correspondem ao sistema de romanização adotado pela República Popular da China no final da década de 1970 (pinyin) e seguido hoje por grande parte da imprensa internacional. Mao Tsé-Tung, por exemplo, passou a ser Mao Zedong e Teng Hsiao Ping, Deng Xiaoping. Mantivemos, contudo, as antigas designações das três cidades chinesas mais conhecidas no Ocidente (Pequim, Xangai e Cantão). Entre Shanghai (a nova grafia) e Xangai não há grande diferença, mas nem todos os leitores associariam logo Beijing a Pequim, ou Guangzhou a Cantão.

Entre os nomes cuja grafia mudou figuram ainda Tianjin (Tientsin), Nanjing (Nanquim), Chongqing (Chungking), Lin Biao (Lin Piao), Zhou Enlai (Chou Enlai) e Jiang Qing (Chiang Ch'ing).

AGRADECIMENTOS

Devo este livro a muitas pessoas, e em especial à Maria João Pina Cabral. Vivemos juntos a transformação da China, enquanto a família se ia globalizando. O nosso filho mais novo, o Vasco, já nasceu em Pequim e os dois netos, filhos do Alexandre e da Emmanuelle, vieram ao mundo em Paris e no Cairo.

Na Lusa, contei sempre com o apoio de muitos camaradas, na Redação e noutros departamentos da agência. Do delegado em Macau, José Costa Santos, ao diretor de informação, Fernando Paula Brito, estende-se uma rede de jornalistas única na imprensa de língua portuguesa e à qual me orgulho de pertencer. Sem eles, o meu trabalho seria muito mais difícil ou até impossível. A lista de agradecimentos é longa demais para este espaço, mas não posso deixar de salientar a confiança e amizade do presidente da agência, Afonso Camões, e a atenção do secretário-geral, José António Santos.

Em Pequim, Li Gaoyang, Tian Zhikun e a Zhang Ping deram também uma grande ajuda.

Na Embaixada de Portugal reencontrei dois amigos antigos, o Luís Carmo e o João Barroso, e fiz novas amizades. Entre todos os funcionários, que foram sempre prestáveis, destaco o embaixador José Tadeu Soares, entretanto colocado em Madrid, e o ministro conselheiro Paulo Nascimento, atual vice-presidente do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua.

O empenho e competência do meu editor, Duarte Bárbara, foram especialmente estimulantes.

Alguns funcionários chineses parecem encarar os jornalistas ocidentais como ativistas políticos empenhados em “denegrir a China” e mudar o seu regime. Devo dizer, no entanto, que também há funcionários descomplexados e os que me conhecem melhor, mesmo que não apreciem tudo o que escrevo, sabem que, na China ou em qualquer outro país, não confundo o povo com o seu governo.